



UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS – UNIPAC

DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

**A EDUCAÇÃO QUE SE GESTA NO MEIO DOS
MOVIMENTOS SOCIAIS: trabalhadores de Ipatinga**

APARECIDA RODRIGUES DE CARVALHO

BARBACENA – MG

2008



UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS – UNIPAC

DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

APARECIDA RODRIGUES DE CARVALHO

**A EDUCAÇÃO QUE SE GESTA NO MEIO DOS
MOVIMENTOS SOCIAIS: trabalhadores de Ipatinga**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação e Sociedade da Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Queiroga Amoroso Anastácio

BARBACENA – MG

2008

Aparecida Rodrigues de Carvalho

**A EDUCAÇÃO QUE SE GESTA NO MEIO DOS
MOVIMENTOS SOCIAIS: trabalhadores de Ipatinga**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Sociedade da Universidade Presidente Antônio Carlos, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof^a. Dr^a. Maria Queiroga Amoroso Anastácio
Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC)

Prof. Dr. Sebastião Rogério Góis Moreira
Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC)

Prof^a. Dr^a. Sônia Maria Clareto - Suplente
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Prof^a. Dr^a. Rosa Maria Correa das Neves – Suplente
Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC)

Aprovada em ____/____/____

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, através dos movimentos sociais, lutaram ou lutam em prol de justiça social e da dignidade humana.

Agradecimento

À minha mãe, Maria Perpétuo Socorro Carvalho, pelo incentivo, compreensão e carinho essenciais ao meu fortalecimento.

Ao meu pai, José Horta de Carvalho, que construiu sua história inserido no movimento social, pelo empenho incondicional na realização da pesquisa de campo, pelo esforço de reunir documentos os quais puderam me oferecer suporte nas palavras aqui registradas, pelo carinho e incentivo.

Às minhas irmãs Elizete e Ivete, pela compreensão, carinho e amizade.

Aos meus sobrinhos Thiago e Thales, pelo carinho.

Aos amigos, em especial à Cida Costa, que acompanharam e torceram pelo sucesso de meus estudos.

À Flávia, Etel e Cristiane pela amizade, incentivo e aprendizagem nos estudos em grupo.

À professora Maria Queiroga Amoroso Anastácio, pela sensibilidade de compreender a minha necessidade de pesquisar sobre a educação em um contexto mais abrangente. Também pelo imenso carinho e competência, pelas discussões e orientações fundamentais para a elaboração e dimensão que o trabalho obteve.

Aos colaboradores da pesquisa, que prontamente aceitaram meu convite e deram seus depoimentos sobre o conflito de 1963.

A José Augusto de Moraes, pela imediata compreensão da relevância da pesquisa e pelo livro gentilmente presenteado, o qual contribuiu para o enriquecimento do trabalho; pelas fotografias que registram a história de luta dos moradores de Ipatinga, bem como seu planejamento e progresso.

A todos os professores, pelo conhecimento transmitido, fundamental na minha aprendizagem e crescimento profissional.

A todos os sindicatos e associações, que concederam documentos necessários ao andamento da pesquisa.

Ao advogado José Geraldo de Oliveira, por ter permitido o acesso aos documentos, recortes de notícias e ao processo instalado contra os militares envolvidos no conflito de 1963.

À Regina Coeli de Oliveira, pelo material disponibilizado sobre a Casa do Trabalhador.

Ao Fazzi, pela orientação referente ao material pertinente à Escola Sindical 07 de Outubro.

Os que lutam

“Há aqueles que lutam um dia; e por isso são muito bons;
Há aqueles que lutam muitos dias; e por isso são muito bons;
Há aqueles que lutam anos; e são melhores ainda;
Porém há aqueles que lutam toda a vida; esses são os imprescindíveis.”

Bertold Brecht.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP - Ação Popular

APVA - Associação dos Professores do Vale do Aço

CEB's – Comunidades Eclesiais de Base

CEMIG - Companhia Energética de Minas Gerais

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CURVA - Companhia Urbanizadora do Vale do Aço

CUT – Central Única dos Trabalhadores

FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço

FIEMG - Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais

FMI – Fundo Monetário Internacional

ICM – Imposto sobre Circulação de Mercadorias

IDU - Iniciação Desportiva Universal

IPM - Inquérito Policial Militar

JOC - Juventude Operária Católica

JUC - Juventude Universitária Católica

MEB - Movimento de Educação de Base

METASITA - Associação Profissional dos Empregados em Indústria Metalúrgica e de Material Elétrico do Município de Coronel Fabriciano

MOSAL - Movimento Social do Amaro Lanari

ONGs – Organizações Não Governamentais

PT – Partido dos Trabalhadores

SINDIPA - Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Ipatinga

UNE - União Nacional dos Estudantes

USIMINAS – Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais

UTE-MG - União dos Trabalhadores de Ensino de Minas Gerais

PUA - Pacto da Unidade de Ação

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Depoimento do Ex-sindicalista.....	19
Quadro 2 Unidades de significado da fala do ex-sindicalista.....	20
Quadro 3 Análise Ideográfica da fala do ex-sindicalista	21
Quadro 4 Depoimento do Docente.....	22
Quadro 5 Unidades de significado da fala do docente.....	23
Quadro 6 Análise Ideográfica da fala do docente.....	23
Quadro 7 Depoimento de um Assessor Parlamentar.....	24
Quadro 8 Unidades de significado da fala de um assessor parlamentar.....	26
Quadro 9 Análise Ideográfica da fala de um assessor parlamentar.....	27
Quadro 10 Depoimento de um Sacerdote.....	27
Quadro 11 Unidades de significado da fala de um sacerdote.....	29
Quadro 12 Análise Ideográfica da fala de um sacerdote.....	30
Quadro 13 Depoimento de um ex-metalúrgico da Usiminas.....	30
Quadro 14 Unidades de significado da fala de um ex-metalúrgico da Usiminas.....	35
Quadro 15 Análise Ideográfica da fala de um ex-metalúrgico da Usiminas.....	37
Quadro 16 Depoimento de uma Pedagoga.....	38
Quadro 17 Unidades de significado da fala de uma pedagoga.....	41
Quadro 18 Análise Ideográfica da fala de uma pedagoga.....	45
Quadro 19 Depoimento de uma Docente.....	46
Quadro 20 Unidades de significado da fala de uma docente.....	49
Quadro 21 Análise Ideográfica da fala de uma docent.....	51
Quadro 22 Matriz Nomotética.....	53
Quadro 23 Quadro de Convergências.....	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 A PESQUISA E SEU DESENVOLVIMENTO.....	16
1.1 A Pesquisa	16
1.2 Análise Ideográfica.....	17
1.3 Depoimentos e Análises.....	19
1.4 Análise Nomotética.....	52
1.4.1 Matriz Nomotética.....	53
1.4.2 Quadro de Convergências.....	54
2 A CIDADE DE IPATINGA.....	57
2.1 Formação e Crescimento.....	57
2.2 Ressonâncias Sócio-Políticas de Ipatinga.....	60
3 A USIMINAS (Empresa).....	63
3.1 A Ideologia da Empresa.....	63
3.2 Empresa e Trabalhadores.....	66
4 O CONFLITO DE 1963.....	69
4.1 O Conflito, sua contribuição e a memória coletiva.....	69
5 MOVIMENTOS SOCIAIS E SUA EDUCABILIDADE.....	75
5.1 Crescimento dos Movimentos Sociais em Ipatinga.....	75
5.2 A Formação, Conscientização e Aprendizado nos Movimentos Sociais.....	80
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
7 REFERÊNCIAS.....	92
8 ANEXOS.....	96
8.1 Anexo A – Parecer do Comitê de Ética.....	97

RESUMO

Este estudo tem como objeto de pesquisa trabalhar as questões que dizem respeito à educação que se gesta no meio dos movimentos sociais, especificamente o denominado Massacre de Ipatinga, e assim compreender de que modo esse acontecimento contribuiu para a formação e aprendizagem individual e coletiva da população da cidade. A pesquisa de campo se desenvolve junto a sete colaboradores que, envolvidos no meio educacional, nos movimentos sindicais e populares da região, tiveram conhecimento do conflito. O trabalho foi elaborado através de uma pesquisa qualitativa, amparada na fenomenologia. Ao estudar a fala dos depoentes, tendo como foco a pergunta geradora da pesquisa “O processo de luta ocorrido entre os trabalhadores e policiais de Ipatinga, em 1963, trouxe alguma contribuição para a formação e aprendizagem individual e coletiva?”, foi possível construir as categorias que direcionam o estudo proposto: Cidade de Ipatinga, Movimentos Sociais e sua Educabilidade, Usiminas (empresa) e Conflito de 1963.

Palavras-chave: Movimentos Sociais; Educação; Trabalhadores; Sociologia da Educação.

ABSTRACT

The proposal of this study concerns about education among social movements. We have mainly studied the Ipatinga Massacre (1963) in an attempt to understand in which ways this happening contributed to the education of the individuals and of the collectivity. There were seven persons which were interviewed to obtain the necessary data. They are involved in the educational environment of the city. They are also committed with the trade unions and social movements which are present at the location. We used a qualitative approach supported by phenomenology. The question which underlay this study was: “Did the conflicts which occurred between the police force and the workers in Ipatinga, in 1963, contribute to the preparation and learning of the individuals and of the collectivity?”, This question was considered when we studied the answers of the interviewers. By doing that we could decide which categories would direct this study. City of Ipatinga (Minas Gerais, Brazil), Social Movements and their educability, USIMINAS (an enterprise), and The 1963 Conflict.

Key-words: Social Movements, Education, Workers, Sociology of Education

.

INTRODUÇÃO

Filha de operário, graduada em Educação Física, sempre estive determinada a me profissionalizar em uma área que pudesse atuar com pessoas e contribuir para o seu bem-estar. Talvez esse desejo tenha sua raiz porque cresci tendo a oportunidade de acompanhar a trajetória de luta e participação efetiva de meu pai - que se funde com a formação das pastorais populares - na movimentação e organização dos movimentos sindicais e populares da região do Vale do Aço em Minas Gerais. Como trabalhador metalúrgico, teve participação ímpar na fundação da Casa do Trabalhador na região, entidade voltada para a formação de lideranças sindicais e de apoio aos sindicatos e movimentos populares. Assim, a iniciativa de trabalhar como tema de pesquisa a educabilidade dos movimentos sociais, especificamente o chamado Massacre de Ipatinga, partiu do interesse em conhecer e entender melhor o papel dos movimentos sociais na constituição de Ipatinga e suas instâncias educativas.

A influência de meu pai sempre foi marcante. Paralelamente ao seu engajamento em busca do fortalecimento da luta do conjunto de trabalhadores por melhores condições de vida e de trabalho, procurava leituras e estudos pertinentes à conjuntura política da época com o intuito de entender o processo que vivia. Estar com meu pai, e constatar sua trajetória e o modo como ela foi se constituindo do ponto de vista de sua formação, sempre foi motivo de orgulho para mim.

Percebia, na convivência com ele, que, apesar da pouca instrução acadêmica a que teve acesso, tornou-se participante e consciente das conseqüências sociais e políticas do momento em que vivíamos nos anos posteriores a 31 de março de 1964.

Segundo Freire (2003), o homem deve participar na sociedade como agente de construção e em constante inovação de modo a entender sua relação com o mundo como permanente para, através dessa relação, perceber-se como parte essencial do processo que gera o conhecimento, que expressa pela linguagem. Ou seja, para que a relação do homem com a realidade ocorra não precisa ser alfabetizado. É necessário apenas ser homem para ser capaz de entender as informações sobre a realidade e, mesmo que não tenha uma compreensão exata do que acontece, pode interferir e opinar sem mesmo ter estudado para tal. Assim, podemos concordar com o fato de que não existem ignorância, nem sabedoria absolutas e que dentro da capacidade de cada um, temos o nosso saber e o nosso limite.

Dessa forma, a educação para o trabalhador adquire uma importância ímpar no sentido de colaborar com o homem para o desenvolvimento de sua capacidade de associar e pensar criticamente. Freire (2003) afirma que a educação deve apresentar meios para que se possa ser capaz de vencer o pensamento ingênuo acerca de sua própria realidade, construindo um pensamento crítico, ou seja, deve-se buscar uma formação crítica e identificada com o meio em que o aluno-trabalhador vive de maneira a levá-lo a refletir sobre seu papel enquanto sujeito e transformador do seu ambiente.

Assim, na sua trajetória como operário, percebia em meu pai uma atitude crítica que o levava a uma ação comprometida com a luta por condições mais humanas de moradia e trabalho. Nesse sentido, constatamos que o entendimento leva o homem a uma ação. Quando se vê desafiado por uma situação que lhe apresenta um problema, começa a ser capaz de produzir idéias que encaminham possíveis soluções e ainda assume o compromisso de efetivamente realizar as ações que levam à superação do problema.

Meu pai trabalhava como metalúrgico na Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (USIMINAS) e foi gestando sua postura crítica participando ativamente dos movimentos sindicais. Foi por meio dessa participação que se viu envolvido no acontecimento denominado “Massacre de Ipatinga”, ocorrido em 7 de outubro de 1963. Este fato, que foi bastante silenciado nos anos da Ditadura Militar, teve conseqüências bastante graves para muitos operários e suas famílias. Estabeleceu-se um conflito entre os trabalhadores metalúrgicos e os policiais militares que em meio à mobilização, e a luta levou a um evento que ainda hoje deixa marcas em muitas famílias do Vale do Aço.

A maioria dos que participaram do movimento eram operários como meu pai, com pouca formação acadêmica, poucos estudos formais, mas com uma grande visão crítica do momento político e da conjuntura em que viviam.

Sempre convivi com as conseqüências desse movimento e constantemente me intrigava e chamava a minha atenção o fato de constatar a pouca escolaridade desses operários. Isso se tornou mais forte quando tive a oportunidade de fazer um curso superior e verificar que nem sempre, aliás, pessoas que têm acesso a um nível mais elevado de estudos constroem uma consciência mais crítica sobre os que vivem social e politicamente, nesse caso, as que atuam nos movimentos sociais e não tiveram acesso à escola.

Essa constatação foi me intrigando e, ao ingressar no Programa de Mestrado em Educação, senti-me motivada a trabalhar como tema de pesquisa as questões que dizem

respeito à formação que se gesta no meio dos movimentos sociais, discutindo a questão da formação e consolidação dessas movimentações com o objetivo de compreender a dimensão educativa delas como alternativa para a inserção dos trabalhadores no seu ambiente de forma participativa e crítica.

A pesquisa de campo se desenvolveu junto a sete colaboradores que envolvidos no meio educacional, nos movimentos sindicais e populares da região tiveram conhecimento do conflito. Meu desejo, nesta pesquisa, é compreender de que modo o acontecimento denominado “Massacre de Ipatinga” contribuiu para a formação e aprendizagem individual e coletiva da população da cidade. Ou seja, quero discutir os possíveis aspectos que o processo de luta trouxe para os moradores de Ipatinga.

Para realizar a investigação, foi adotada a pesquisa qualitativa, na modalidade que tem a fenomenologia como suporte. Para Bicudo (2000, p. 71), esse modo de pesquisar, como a própria fenomenologia, “[...] tem por meta *ir-à-coisa-mesma* tal como ela se manifesta, prescindindo de pressupostos teóricos e de um método de investigação que, por si, conduza à verdade”.

Portanto, para a perspectiva fenomenológica, conceitos e compreensão técnica têm pouco sentido, uma vez que o que importa é a experiência, o momento vivido, o concreto segundo afirmação da autora. Propõe-se, em lugar de partir de teorias que dizem a respeito do que se quer conhecer, chegar a compreensões que articulam, num momento posterior, o conhecimento teórico ao que se descortinou no vivido.

A seguir, exponho detalhadamente a pesquisa e seu desenvolvimento fazendo um relato sobre a metodologia utilizada e apresento as etapas utilizadas no processo de coleta e análise dos dados.

1 A PESQUISA E SEU DESENVOLVIMENTO

Neste capítulo, apresento o desenvolvimento da pesquisa efetuada. No primeiro momento, descrevo a metodologia qualitativa de abordagem fenomenológica e, em seguida, apresento os movimentos de coleta e análise dos dados.

1.1 A Pesquisa

O trabalho foi elaborado através da pesquisa qualitativa. Acredito que o caminho escolhido me conduziu ao entendimento do tema com mais clareza e propriedade durante a descrição e análise do material coletado.

Segundo Goldenberg (2003, p. 68), se o trabalho for bem desenvolvido, ele terá sua relevância, até porque o nosso papel como aprendiz de pesquisador é exercitar a nossa capacidade de “pensar e olhar cientificamente”.

A esse respeito, Anastácio (2006) expõe que o pesquisador deve desenvolver seu lado curioso, investigador, e, a partir de questionamentos, procurar compreender os fenômenos sem se preocupar se irá encontrar uma resposta certa para a pergunta que se apresenta. Ou seja, segundo a autora, o pesquisador deve se dispor a compreender e não a explicar as questões existentes.

Nesse contexto, o tema a ser pesquisado diz respeito à educação que se gesta no meio dos movimentos sociais.

É inegável que a pesquisa qualitativa tem o seu valor diferenciado quando se trata de relacionar “sentimentos, motivações, crenças e atitudes individuais” como ressalta Goldenberg (2003, p. 63). Portanto, cabe aqui avaliar a importância de cada método de pesquisa, uma vez que podem entre si se complementar.

Seja qual for o método, qualitativo ou quantitativo, o pesquisador tem que estar completamente envolvido e comprometido na tarefa de construção do estudo realizado, pois ele é quem vai determinar, a partir das respostas encontradas, a que lhe é mais precisa para

responder ao problema apresentado, ou seja, o pesquisador não absorve todos os resultados. Concentra-se apenas nos termos que forem significativos à sua pesquisa, pois terá seu trabalho bem focalizado por sua questão geradora.

No caso do trabalho aqui apresentado, a pesquisa de campo se desenvolveu junto a pessoas que estiveram envolvidas no conflito entre trabalhadores da Usiminas e policiais na cidade de Ipatinga no ano de 1963, e que podem ser consideradas memórias vivas e, portanto, depositárias privilegiadas da memória coletiva desse acontecimento. Os colaboradores da pesquisa: um ex-metalúrgico da Usiminas, uma pedagoga, uma professora, um professor de História do Ensino Fundamental e Médio, um assessor parlamentar de Ipatinga, um ex-sindicalista e um sacerdote que hoje residem na região metropolitana do Vale do Aço (Ipatinga, Coronel Fabriciano, Santana do Paraíso e Timóteo) no estado das Minas Gerais. Todos vivenciaram o Movimento dos Trabalhadores de Ipatinga, cada um tendo assumido um papel. Isso nos possibilitou olhar o fenômeno de distintos pontos de vista. Procurou-se, desse modo, possibilitar que os acontecimentos vividos fossem relatados sem que houvesse a preocupação, por parte dos colaboradores, em racionalizá-los. O objetivo era permitir que os colaboradores pudessem expor seus pensamentos de maneira espontânea, evitando-se, assim, que o pesquisador interferisse e modificasse as idéias do colaborador.

Depois de transcritos os depoimentos, efetua-se uma análise das principais idéias presentes em cada um. Os procedimentos de análise apoiam-se na Fenomenologia. Constituem-se em dois momentos: a análise ideográfica e a análise nomotética.

1.2 Análise Ideográfica:

A análise ideográfica procura identificar as idéias centrais presentes nas falas dos participantes da pesquisa. Segundo Bicudo (2000), trata-se de procurar, tendo como foco a questão geradora da pesquisa, as unidades de significado de cada depoimento. O uso do termo ideográfico, segundo a mesma autora, quer indicar o aspecto individual das idéias de cada um. Assim, através dessa análise, procurei desvelar as idéias presentes nas falas dos depoentes,

acerca do fenômeno vivido. Dessa forma, permitiu-me identificar as “unidades de significado” que constituem o núcleo de cada depoimento.

Ao estudar a fala dos depoentes, tendo em mente a pergunta geradora da pesquisa “O processo de luta ocorrido entre os trabalhadores e policiais de Ipatinga, em 1963, trouxe alguma contribuição para a formação e aprendizagem individual e coletiva?”, observei que, para alguns, a história do conflito está enraizada em suas memórias como um acontecimento marcante em suas vidas; enquanto para outros, além de relatarem o vivido por eles, preocuparam-se em desenvolver um paralelo com outros movimentos que surgiram em função de uma luta coletiva e em busca de um objetivo único.

Devido ao trabalho de pesquisa se desenvolver numa perspectiva fenomenológica, ao entrevistar os depoentes, foi permitido a cada um deles expor suas falas sobre a história vivida ou conhecida sem refletir previamente sobre o tema em questão, o que lhes possibilitou apenas manifestar suas percepções sobre o conflito. Conforme afirma Rezende (1990, p. 70), a “fenomenologia não é um discurso da evidência, mas da verdade em todas as suas manifestações”.

Dando continuidade ao trabalho, após a entrevista, busquei transcrever fielmente a fala dos depoentes e, através do texto, colocar em evidência as unidades de significado que, como já foi mencionado, constituem as idéias centrais dos depoentes acerca do tema pesquisado que faziam sentido para mim diante da interrogação formulada. Importante destacar que, ao construir as unidades de significado, não estamos destacando o fato e, sim, buscando compreender o acontecimento no foco da proposta da pesquisa “[...] o que percebemos não são os fatos em si mesmo, mas sim os seus significados” (FORGHIERI, 1993, p. 54).

Para maior entendimento, a primeira coluna é a transcrição fragmentada da fala dos depoentes o que denominamos de **Unidade de Significado na Linguagem do Depoente** e a segunda coluna são as falas dos depoentes transcritas na linguagem do pesquisador o que denominamos de **Unidade de Significado na Linguagem do Pesquisador**.

Em seguida, apresento os depoimentos de cada um dos colaboradores da pesquisa, seguida de um quadro específico onde, após identificar as idéias centrais pertinentes à pesquisa de cada depoente, identificam-se aquelas que constituem as unidades de significado do fenômeno em estudo. Ao final de cada uma das análises, produzi um pequeno texto que objetiva registrar a análise de cada depoente.

Antes de passar à exposição dos depoimentos e suas análises, acredito ser importante retomar que os participantes foram previamente contactados e autorizaram a utilização de suas falas no trabalho de dissertação bem como estiveram conscientes da possibilidade de interromper seu depoimento em qualquer momento. Recordo, ainda, que lhes foi feita uma única pergunta: O processo de luta ocorrido entre os trabalhadores e policiais de Ipatinga, em 1963, trouxe alguma contribuição para a formação e aprendizagem individual e coletiva?

1.3 Depoimentos e análises

A - Depoimento do Ex-Sindicalista

Quadro 1.

Bom, eu acho que realmente houve muitas mudanças, houve uma mudança muito grande depois do... do massacre, porque na época a Usiminas, as pessoas que dirigiam a Usiminas, eles eram umas pessoas muito truculentas, pessoas que não davam assim, nenhum valor ao trabalhador, ao sindicato, eles não aceitavam o sindicato, eu inclusive, tive diversas dificuldades em ter uma audiência com o Superintendente da época, Dr. Gil Guatimosim que trabalhava, que era gerente de Ipatinga, da Usiminas-Ipatinga. Então, a Usiminas era muito truculenta, os problemas eram muito sérios naquela época. È com empreiteiras que alugavam trabalhadores tá e... vigilância muito truculenta, fazia inclusive, gerou os protestos dos trabalhadores, que gerou o grande problema, no dia 07 de outubro. Então, eu acho que houve uma mudança, uma transformação muito grande dentro da empresa. A empresa mudou totalmente o comando aqui em Ipatinga e a partir daquilo ali houve uma mudança também no relacionamento entre sindicato e empresa, trabalhador e empresa. O trabalhador ganhou muito com isso, não só o trabalhador mas também a própria comunidade de Ipatinga ganhou. Infelizmente uns sacrificaram para a melhoria dos outros, mas inclusive o grande estopim do massacre, que muita gente não sabe, muita gente nunca relacionou, mas foi a primeira assembléia que nós realizamos em Ipatinga, no dia 06. No dia 06 de outubro, o sindicato realizou uma assembléia, foi a primeira, a primeira vez que o sindicato dos trabalhadores reivindicou alguma coisa da usina e nessa assembléia, houve muitas críticas, os trabalhadores

criticaram muitas ações dos chefes da usina, dos vigilantes, uma série de reclamações e uma série de reivindicações que foi feita no dia 07. No dia 06, aliás, e quando foi aquele pessoal que entraram para o trabalho no turno de 03... de naquela época era de 14:00 às 23:00, não, era de 16:00 às 22:00, não, 16:00 às 24:00 horas, esse pessoal foi justamente o pessoal que estava na assembléia e quando eles saíram a vigilância resolveu fazer uma vistoria nas marmitas das pessoas, atrasando eles a pegarem a carroceria e aí começou o problema, para ter a... que teve... gerou o grande conflito, mas houve mudanças muito significativas, inclusive com a retirada dos empreiteiros que alugavam funcionários pra Usiminas, nós retiramos isso... a Usiminas ficou obrigada através do Ministério do Trabalho a contratar os empregados da AB Cavalcante que alugava os empregados pra ela. Ela ficou obrigada a contratá-los e muitas outras coisas foram mudadas com grande... o ambiente, que não tinha nada de social, passou... a empresa passou a ter uma preocupação com o social. Houve uma mudança radical no comportamento da empresa a partir daquela data. Antes, não existia nada, não tinha nada, nada era como diz, o pessoal era tratado assim como um animal. Veja você, que o pessoal todo que trabalhava na usina, que morava fora eram transportados em carroceria de caminhão, era muitas vezes em basculante de caminhão. O basculante não tinha a mínima condição, inclusive, no dia do conflito, que começou o conflito do pessoal, os caminhões estavam esperando o pessoal lá para transportá-los para Fabriciano, Melo Viana, aqui pra Timóteo. Então o pessoal lá eram transportados em carroceria de caminhão e a partir de 07 de outubro essas coisas mudaram, passaram a modificar o sistema de transporte, colocaram um ônibus lá dentro da usina, dois ônibus lá dentro da usina pra circular nos horários de trabalho para o pessoal ter condições de serem distribuídos nas seções. A pessoa chegava lá na portaria de cima e tinha que andar. Por exemplo, a pessoa saia ali de onde hoje é o shopping, saia dali e ia pra lá pro cariru a pé, então você tinha que chegar cedo pra poder chegar no horário de serviço lá da seção dele. Isso era uma dificuldade, então a empresa colocou um ônibus pra circular ali dentro, dois ônibus pra circular e criou refeitório, criou outras coisas, cantina, nada disso tinha. Criou realmente um ambiente de trabalho a partir do massacre, que foi uma coisa terrível, mas infelizmente ou felizmente pra quem ficou foi bom, foi ótimo.

Quadro 2. Unidades de significado da fala do ex-sindicalista

Unidade de Significado nas Palavras do Depoente	Unidade de Significado nas Palavras do Pesquisador
Eu acho que realmente houve muitas mudanças, houve uma mudança muito grande depois do massacre.	1.1 O conflito deu origem a uma grande mudança.
Então, a Usiminas era muito truculenta, os problemas eram muito sérios naquela época.	1.2 A empresa agia de modo cruel com os trabalhadores
[...] a partir daquilo ali houve uma mudança também no relacionamento entre sindicato e empresa, trabalhador e empresa.	1.3 Após o conflito, a empresa reconheceu o movimento sindical e operário.
O trabalhador ganhou muito com isso, não só o trabalhador mas também a própria comunidade de Ipatinga ganhou.	1.4 O conflito gerou mudanças em prol dos trabalhadores e comunidade em geral
No dia 06 de outubro, o sindicato realizou uma assembléia.	1.5 Mobilização dos operários no dia 06 de outubro.
Foi a primeira vez que o sindicato dos trabalhadores reivindicou alguma coisa da Usina.	1.6 O Sindicato reivindica um melhor tratamento para os trabalhadores.
[...] e nessa assembléia, houve muita críticas, os trabalhadores criticaram muitas ações dos chefes da usina, dos vigilantes, uma série de reclamações e uma série de reivindicações que foi feita no dia 07.	1.7 O Sindicato critica as ações dos chefes da Usina.
[...] mas houve mudanças significativas, inclusive com a retirada dos empreiteiros que alugavam funcionários pra Usiminas, nós retiramos isso [...]	1.8 A comercialização de trabalhadores é extinta.
[...] a Usiminas ficou obrigada através do Ministério do Trabalho a contratar os empregados da AB Cavalcante que alugava os empregados pra ela.	1.9 Assegurado pelas leis trabalhistas, o operário adquire o direito fundamental ao trabalho.
[...] o ambiente, que não tinha nada de social, passou... a empresa passou a ter uma preocupação com o social.	1.10 A empresa começa a investir no bem-estar social da população de Ipatinga.
[...] a partir de 07 de outubro essas coisas mudaram, passaram a modificar o sistema de transporte, colocaram um ônibus lá dentro da usina, dois ônibus lá dentro da usina pra circular nos horários de trabalho para o pessoal ter condições de serem distribuídos nas seções.	1.11 A empresa passa a oferecer melhores condições de transporte para o trabalhador se deslocar no recinto da mesma.
[...] criou um refeitório, criou outras coisas, cantina, nada disso tinha.	1.12 A empresa constrói setores internos para atender às necessidades básicas, do trabalhador.
Criou realmente um ambiente de trabalho a partir do massacre, que foi uma coisa terrível, mas infelizmente ou felizmente pra quem ficou foi bom, foi ótimo.	1.13 O conflito provocou uma transformação na história e valorização dos trabalhadores de Ipatinga.

Quadro 3. Análise ideográfica da fala do ex-sindicalista

Segundo o depoente, a empresa agia de modo cruel com os trabalhadores o que provocou, no dia 06 de outubro, a mobilização dos operários que junto ao sindicato criticavam as ações dos chefes e reivindicavam melhor tratamento para os trabalhadores.

Acredita que o conflito gerou mudanças em prol dos trabalhadores e comunidade em geral e que a empresa reconheceu o movimento sindical e operário. O operário adquiriu o direito fundamental ao trabalho através das leis trabalhistas e extinguiu a sua comercialização.

Através das mudanças, conforme a fala do depoente, a empresa melhorou as condições de transporte para o trabalhador se deslocar no recinto da mesma; construiu setores internos para atender as necessidades básicas do trabalhador e começou a investir no bem-estar social da população de Ipatinga. Portanto, o conflito de acordo com o depoente, provocou uma transformação na história e valorização dos trabalhadores de Ipatinga.

B - Depoimento de um Professor de História

Quadro 4.

O movimento de ações sociais que vão gerar a formação de uma nova consciência na relação. O domínio do poder político ou também de um poder econômico, vai alterar dentro de um conjunto. Eu vejo a questão do massacre como um dos elementos dessas ações. O movimento por exemplo, da Igreja Católica, das associações de moradores e a questão do movimento estudantil vai criar na sociedade uma consciência de que a sociedade é capaz de mudar mecanismos que tira a dignidade do homem, a capacidade dele de decidir, sua liberdade.

Tenho certeza que esses movimentos que surgiram também dentro de um contexto nacional de revolta mesmo contra a ditadura, quando o regime começa a se abrir por pressão social, pressão da imprensa, intelectuais e tal. Então, isso aí vai provocar uma consciência de que você pode criar uma cidade diferente, cidade que pode ser administrada de forma diferente. Data da elite que sempre administrou a cidade. No caso por exemplo, de Ipatinga que é uma cidade tipicamente do tipo coronelismo, da república velha, nós herdamos o coronelismo e que eu acredito que o massacre de Ipatinga que depois foi resgatado na história, que no primeiro momento eu vejo que foi mais sufocado, mas esse resgate vai promover realmente um resgate também de uma administração diferente, de uma visão diferente sobre a cidade. Que o trabalhador, que a população vai interferir nas ações de governo. Tendo como fio condutor esse

resgate histórico de um movimento que foi, que teve a coragem de combater um regime até autoritário internacional, não só nacional mas também internacional. Pra você ver a questão do domínio americano sobre a América Central e a América do Sul.

Quadro 5. Unidades de significado da fala do professor de História

Unidade de Significado nas Palavras do Depoente	Unidade de Significado nas Palavras do Pesquisador
O movimento de ações sociais que vão gerar a formação de uma nova consciência na relação.	2.1 Através dos movimentos sociais, é que surge a formação de um pensamento sobre o modo de se relacionar com o outro.
O domínio do poder político ou também de um poder econômico, vai alterar dentro de um conjunto.	2.2 A conjuntura política e econômica da cidade sofrem modificações.
Eu vejo a questão do massacre como um dos elementos dessas ações.	2.3 O conflito foi um movimento que provocou mudanças no modo de pensar e agir.
O movimento por exemplo, da Igreja Católica, das associações de moradores e a questão do movimento estudantil vai criar na sociedade uma consciência de que a sociedade é capaz de mudar mecanismos que tira a dignidade do homem, a capacidade dele de decidir, sua liberdade.	2.4 Os movimentos sociais vão criar na sociedade um pensamento de que a mesma é capaz de mudar o processo de massificação do homem.
Então, isso aí vai provocar uma consciência de que você pode criar uma cidade diferente, cidade que pode ser administrada de forma diferente.	2.5 O movimento social vai gerar na sociedade uma administração mais participativa.
Que o trabalhador, que a população vai interferir nas ações do governo.	2.6 A participação da sociedade vai modificar as tomadas de decisões do governo.

Quadro 6. Análise ideográfica da fala do professor de História

Entende o conflito como um movimento que modificou o modo de pensar e agir das pessoas. Acredita que, através dos movimentos sociais, nasce a formação de um pensamento sobre o relacionamento com o outro.

O movimento social vai gerar na sociedade uma administração mais participativa e influente nas tomadas de decisões do governo conferindo assim modificações na conjuntura política social e econômica do município.

C - Depoimento de um Assessor Parlamentar

Quadro 7.

Na realidade eu acho que essa questão do massacre de Ipatinga pra mim, eu coloco como um divisor de água do movimento operário da cidade, porque o que aconteceu naquele dia eles desviavam de um monte de atitudes da empresa a ser colocado posteriormente, e que, a partir desta data quem estava no dia do massacre eles nunca mais fizeram greve porque lembravam disso, e quem viu contar também não fez com medo de acontecer de novo. Por quê isso? Porque quando a Usiminas veio pra Ipatinga a cidade não estava preparada para receber uma empresa, no nível de infra-estrutura, nós tínhamos aqui só 30 casas, tinha mais ou menos 300 moradores. Foi um erro estratégico da Usiminas, contratar 10 mil pessoas de uma hora pra outra, sem condição de morar. A Usiminas fez as casas do Horto, fez as casas do Cariru onde colocou o pessoal de maior nível certo, e o pessoal da empreiteira, eles foram simplesmente jogados no centro de Ipatinga que fizeram suas casas aproveitando até caixote de material importado que veio do Japão, e fizeram essa favela do tamanho que foi feito em Ipatinga. Junto com isso e com essa, eu não sei da onde que veio. A Usiminas, grande parte do pessoal que veio administrar foram Generais, foram pessoal que veio do exército, então eles trouxeram pra cá uma cartilha que, ou você tá do meu lado ou está contra mim. Então muita gente foi fichado no dops, perseguido, foi mandado embora, foi expulso da cidade e após esse massacre a coisa piorou mais, porque a Usiminas começou a implantar um sistema de vigilância dentro da cidade e até hoje acontece, que as pessoas eram vigiadas, eram perguntadas, elas não tinham identidade própria, elas não podiam fazer o que queriam, não podiam falar o que queriam porque a Usiminas cobrou essa identidade dela.

Foi feito por exemplo, o Colégio São Francisco, onde os filhos do Cariru, os filhos do Horto, do Castelo iam estudar, certo. Foi feito clubes onde esse pessoal era sócio. Só que ela deu só a metade da mão e cobrava com a outra mão, então ela tirou praticamente a identidade de todo mundo, de todos os funcionários da Usiminas, ela deu hospital, deu clube, deu... ou seja, ela deu pão e circo e cobrou a identidade das pessoas. Isso foi mau, porque até hoje existe um mito.

As pessoas aposentadas, muita gente que saiu da Usiminas e a Usiminas falou isso com o pessoal que estava saindo. Vocês não precisam mais da Usiminas, mas os seus filhos precisam, cuidado com o que vocês vão fazer lá fora, certo? Isso veio logo da questão do Massacre que é importante frisar, não teve nada a ver com o golpe de 64, mas logo após,

praticamente ao massacre em outubro, em março de 64 aconteceu o golpe militar e aqui tinha é... por exemplo grupo dos onze, tinha vários comunistas, porque isso veio gente de tudo quanto é lugar do Brasil. Então isso aqui virou a Torre de Babel, e dentro disso aí é que houve movimento comunista, houve movimento de vários setores principalmente o Leonel Brizola, e isso foi sendo muito massacrado pelo general Bragança. Nós tínhamos aqui por exemplo o Cariru Tênis Clube. O nosso professor de natação era agente do Dops, eles colocavam ele lá pra vigiar a gente, chamava Versoza, o nosso professor de voleibol chamava Mussolini, era agente do dops, entendeu? Então a gente era vigiado, essa cultura que foi implantada, ela foi muito perniciosa é... para o cidadão e eu acho que algumas pessoas até gostavam disso haja visto nós termos o movimento da onda Dr. Rinaldo Campos Soares que muita gente acha interessante ir assistir o jogo da Apoteose, bater palma pro Rinaldo, pagar cerveja pra ele, onde tá o Rinaldo tá todo mundo né, então eu acho que algumas pessoas até acostumaram com isso e muita gente ainda tá sem identidade na cidade por causa da Usiminas.

Acho que a relação da empresa com o funcionário deveria ser só capital e trabalho. Vocês trabalham a gente paga, mas ainda existem pessoas que acham que a Usiminas foi uma mãe.

A cidade, ela é composta até hoje de ...Ipatinga são duas cidades é a cidade que a gente chamava antigamente do lado de lá da linha e a cidade do lado de cá. Houve um conflito e um ciúme até, quando se começou a construir a cidade do lado de lá a própria Usiminas esqueceu um bocado da cidade de cá, tanto é que aqui virou favela e lá começou a ser uma cidade bonita. Eu acho que o engajamento de muita gente na questão da esquerda, que muita gente sobreviveu e sobrepôs essa cultura Usiminas, conseguiu transformar muita coisa. Até porque a cidade melhorou um pouco com o engajamento dessas pessoas na questão da Igreja, na questão da CEB's, na questão dos próprios partidos de esquerda que começaram a vir pra cá e peitaram uma Usiminas, sofreram muito. Eu por exemplo, eu não entro na usina, meus filhos não estudam no Colégio São Francisco, nunca vão poder ser funcionário da Usiminas, entendeu? Mas valeu! Porque o meu nome é José Augusto de Moraes e minha mãe chama Rosinha não é Usiminas, certo? Eu passei muitas dificuldades, passei e como outros colegas da gente também passou, mas eu sou uma pessoa independente. Poucas as pessoas tem essa independência na verdade. Isso me custou emprego, me custou um [...] da sociedade. Eu não posso ir num baile no Morro do Pilar, lá não é minha praia, certo? Mas eu fico satisfeito com isso. Eu prefiro viver nessa situação do que sair numa foto com a Apoteose.

Quadro 8. Unidades de significado da fala do assessor parlamentar

Unidade de Significado nas Palavras do Depoente	Unidade de Significado nas Palavras do Pesquisador
[...] após esse massacre a coisa piorou mais, porque a Usiminas começou a implantar um sistema de vigilância dentro da cidade e até hoje acontece, que as pessoas eram vigiadas [...]	3.1 Após o conflito, a Usiminas deu continuidade ao sistema de vigilância e autoritarismo.
[...] elas não tinham identidade própria, elas não podiam fazer o que queriam, não podiam falar o que queriam porque a Usiminas cobrou essa identidade dela.	3.2 As pessoas tinham sua identidade negada.
[...] ela tirou praticamente a identidade de todo mundo, de todos os funcionários da Usiminas, ela deu hospital, deu clube, de... ou seja, ela deu pão e circo e cobrou a identidade das pessoas.	3.3 Através do assistencialismo, ela impediu que a classe trabalhadora se mobilizasse.
As pessoas aposentadas, muita gente que saiu da Usiminas e a Usiminas falou isso com o pessoal que estava saindo. Vocês não precisam mais da Usiminas, mas os seus filhos precisam, cuidado com o que vocês vão fazer lá fora, certo?	3.4 A empresa intimidava os funcionários aposentados.
[...] Massacre é importante frisar, não teve nada a ver com o golpe de 64 [...]	3.5 O conflito foi um acontecimento local.
[...] O nosso professor de natação era agente do dops, eles colocavam ele lá pra vigiar a gente [...]	3.6 Mesmo após o conflito, o sistema de vigilância continuou efetivo.
[...] muita gente ainda tá sem identidade na cidade por causa da Usiminas.	3.7 A empresa é responsável pela despersonalização de muitos trabalhadores.
Acho que a relação da empresa com o funcionário deveria ser só capital e trabalho. Vocês trabalham a gente paga, mas ainda existem pessoas que acham que a Usiminas foi uma mãe.	3.8 A empresa não deve intervir na vida pessoal do trabalhador e, sim, apenas na força de trabalho. Algumas pessoas ainda se iludem com a Usiminas.
Eu acho que o engajamento de muita gente na questão da esquerda, que muita gente sobreviveu e sobrepôs essa cultura Usiminas, conseguiu transformar muita coisa.	3.9 A participação nos movimentos contrários à cultura Usiminas foi decisivo para as transformações que ocorreram.
Até porque, a cidade melhorou um pouco com o engajamento dessas pessoas na questão da Igreja, na questão da CEB's [...]	3.10 Os movimentos sociais impulsionaram o crescimento do município.
[...] eu não entro na usina, meus filhos não estudam no colégio São Francisco, nunca vão poder ser funcionário da Usiminas, entendeu? Mas valeu! Porque o meu nome é... e minha mãe chama... não é Usiminas, certo?	3.11 Apesar das retaliações, foi válida a luta, pois ele não perdeu a sua identidade.
[...] eu passei muitas dificuldades, passei e como outros colegas da gente também passou,	3.12 Apesar do sofrimento, vale a pena ser livre.

mas eu sou uma pessoa independente. Poucas as pessoas tem essa independência na verdade.	
--	--

Quadro 9. Análise ideográfica da fala do assessor parlamentar

Conforme a fala do depoente, o conflito ocorrido, em 07 de outubro de 1963, foi um acontecimento local desvinculado do golpe de 1964 que o país enfrentaria posteriormente. Relata que, apesar da luta operária e após o conflito, o sistema de vigilância da empresa permanecia efetivo e buscava intimidar até mesmo os funcionários aposentados.

Declara que, através de um papel assistencialista, a empresa desenvolvia um trabalho de despersonalização em muitos trabalhadores e isso gerava medo e dificultava a mobilização da classe trabalhadora. O depoente considera que a empresa deve intervir apenas na força de trabalho do operário e que, apesar das retaliações sofridas, foi válida a luta.

Conclui dizendo que os movimentos de luta foram decisivos nas transformações que ocorreram na Usiminas. Reafirma também que o engajamento dessas pessoas nos movimentos sociais contribuiu para o crescimento do município e que todo o sofrimento se justifica pelo direito à liberdade.

D - Depoimento de um Sacerdote

Quadro 10.

Você fala processo, o modo, a filosofia de trabalho, os acontecimentos que vinham e certamente enfocando o aspecto forte que foi chamado massacre. Eu coloco o massacre como um episódio quase que, não vou dizer insignificante porque foi marcante mas o dia a dia, o método, a ideologia que se manifestava com as atitudes, esse jeito é que é importante. Se não fosse o massacre a gente não saberia talvez discernir aquele que era o massacre contínuo. É a primeira observação que eu faço, de modo que uma leitura feita de como era a engrenagem, de como era o relacionamento de trabalho do capital francamente, é muito importante. Foi um pequeno episódio, os acidentes que aconteciam eram continuamente repetidos, mortes, o trânsito era insuportável, os operários eram trazidos de Acesita para Ipatinga. Eram levados em caçambas de caminhão. Quantos acidentes ali no caladinho. Eu me lembro que tínhamos o fato, um jornalzinho nosso de muitas verdades. Todas as vezes o fato focalizou e quem descreveu foi o Pe De Man da primeira página tinha sempre uma mensagem, o conteúdo era o

ritual das vidas, e o enfoque foi da estrada, o absurdo, as mortes que aconteciam, os caminhões, as caçambas freavam violentamente, caíam operários, a gente ficava refletindo, o operário que trabalha nessas condições perde a sua sensibilidade humana, ele leva pra a família, leva pro seu relacionamento com os outros aquele clima de desrespeito, de descontrole. É dentro deste contexto que a gente fala de relacionamento do capital e trabalho, de operários e chefes, todos são vítimas.

Não se faz um planejamento da cidade de acordo com o bem-estar, com a dignidade das pessoas. Pra Usiminas, faltou principalmente a sensibilidade humana que marcou o General Edmundo Macedo Soares e Silva que construiu uma cidade em função da usina. Acesita foi construída pelo capital do FMI (Fundo Monetário Internacional), recém criado o após guerra de 39 a 44. As ações unidas, os Estados Unidos, Inglaterra, a França que venceram a guerra contra a Alemanha e Itália. Pra colaborar com os países pobres que foram aliados da guerra deram uma verba para eles e essa verba foi criada pelo FMI. E o Brasil através do Banco do Brasil aplicou essa verba através do Macedo Soares da construção da Acesita, e o Macedo Soares para construir a usina. Ele construiu a infra-estrutura para dar condição e dignidade ao trabalhador. Acesita era distrito de Timóteo, e o Macedo Soares aplicou a verba na construção de casa, fez a infra-estrutura, calçou as ruas, construiu hospital, farmácia, escolas... a Usiminas fez muito mais do que a Acesita, mas a diferença da Acesita pra Usiminas que, da Acesita o Banco do Brasil que era o responsável, o Banco do Brasil nomeou técnicos, a Usiminas como o capital é político veio do estado de Minas, órgão político, com capital japonês. A Usiminas dependia do governo, Acesita dependia do Banco do Brasil, técnicos. Aí explica muito bem essa diferença imensa... eu costumo... eu quando explico, falo sobre esse assunto, a diferença da Acesita pra Usiminas está materializada, concretizada nos nossos trevos, olha a diferença dos trevos, lá de Ipatinga com os nossos aqui, olha que acabamento criminoso, da sintonização. Pra quem vai pra Belo Horizonte e passa pela cachoeirinha dentro de Acesita, olha que ridículo esse trevo, estreitinho ali pra conseguir, poucas pessoas sabem disso... eu esqueço de comentar quando a gente comenta isso... poucas pessoas sabem desse histórico. Quando a Acesita quis impedir aquela passagem, pra resumir em vez de dar aquela volta imensa de 4 km, passando ali, pelo bairro de Santa Maria, pelo cemitério. Geraldo Reis Ribeiro que era o prefeito, ele veio da usina. Só mesmo um operário podia valorizar aquele atalho que passavam por ali. Resolveu fazer uma estradinha pra resumir, e a companhia quis impedir, que ali era tudo da companhia, tudo era da Companhia do Banco do Brasil, órgão público e a Acesita quis proibir. O Dr. Geraldo Perligeiro de

Abreu, homem técnico, advogado da empresa, de uma sensibilidade humana, de uma objetividade. Ele defendia a Acesita até contra os diretores. Homem muito autêntico, falou comigo que a Acesita perderia a questão juridicamente porque ali já era de utilidade pública, ali as pessoas já estavam passando pelo atalho da sintonização e o Geraldo, se o prefeito quisesse poderia até desapropriar. E foi aberta aquela estrada para ceder aquilo, aquele pequeno espaço teve que passar rádio, antigamente não era fax, era rádio, a diretoria do Banco do Brasil se acha no rastelamento capital. O Brasil na ocasião, quando passou o rádio para pedir permissão, eles não deram aquele retalho de terra. Veja o desperdício dos espaços dos trevos da Ipatinga. Falo desperdício, porque são trevos admirabilíssimos, o que eles gastavam... eu sei de assessores. O antigo prefeito de Ipatinga, Jamil Selim de Sales. O que desperdiçavam de cimento, o que desviavam, aproveitavam ordem de saída pra construção da prefeitura que estava sendo construída e levavam o cimento pra outros destinos... cada verba! Não tenho receio nenhum de falar nisso porque o órgão político não tem aquela seriedade, dureza do técnico. O político era mais flexível, essa flexibilidade... rs...leva para desvios incontroláveis, é da estrutura, da engrenagem da nossa gente, do setor político.

Falei mais do que você perguntou. Isso pra dizer se o processo de relacionamento dos engenheiros, dos diretores da Usiminas no seu relacionamento com os trabalhadores, falei engenheiros, não, porque o engenheiro é empregado, funcionário é empregado, tem muita gente que chama de operário, de trabalhador só o que usa o seu músculo, seu suor, mas o engenheiro e muitas vezes a classe operária empurra seus chefes, os engenheiros, seus superiores pro lado de lá, então engenheiro ele toma pancada da diretoria que ele é empregado e pedrada aqui da classe operária que não sabe compreender muitas vezes os condicionamentos que o seu supervisor, que os engenheiros tem. Eu aproveito esse espaço como que é pra eu também me desabafar. Que a gente também tem os nossos condicionamentos.

Quadro11. Unidades de significado da fala do sacerdote

Unidade de Significado nas Palavras do Depoente	Unidade de Significado nas Palavras do Pesquisador
Se não fosse o massacre a gente não saberia talvez discernir aquele que era o massacre.	4.1 O conflito contribuiu para o entendimento da exploração e humilhação do trabalhador.
Coloco o massacre como um episódio quase que, não vou dizer insignificante porque foi marcante mas o dia a dia, o método, a ideologia que se manifestava	4.2 O sistema de trabalho e a ideologia imposta pela empresa tiveram um significado maior que o conflito.

com as atitudes, esse jeito que é importante.	
Não se faz um planejamento da cidade de acordo com o bem-estar, com a dignidade das pessoas.	4.3 A cidade foi planejada para atender as necessidades da empresa.
Pra Usiminas, faltou principalmente a sensibilidade humana [...]	4.4 A empresa não estava atenta às necessidades dos seus empregados
uma leitura feita de como era a engrenagem, de como era o relacionamento de trabalho do capital francamente, é muito importante	4.5 Propiciou fazer uma leitura do funcionamento da engrenagem do trabalho.

Quadro 12. Análise ideográfica da fala do sacerdote

Conforme a fala do depoente, o conflito contribuiu para o entendimento da exploração e humilhação do trabalhador, pois o sistema de trabalho e a ideologia imposta pela empresa tiveram um significado maior que o conflito.

A cidade de Ipatinga foi planejada para atender as necessidades da empresa e não dos empregados. Dessa maneira, o acontecimento deu condições a uma leitura sobre o funcionamento da engrenagem do trabalho.

E - Depoimento de um Ex-metalúrgico da Usiminas

Quadro 13.

É claro, trouxe e trouxe muita, mas antes de entrar nesse detalhe, de que forma, como ocorreu toda essa transformação eu gostaria até como um sentido de introdução lembra algumas questões históricas que podem nos ajudar bastante nessa compreensão.

Há 2000 anos atrás o que que aconteceu? Um cidadão que queria só a paz, compaixão, o bem de todo mundo, ele não foi entendido, mataram e o colocaram numa cruz no alto do morro e até hoje tem muita gente que não entende o projeto e o processo que ele queria desenvolver. Eu acho que a gente poderia também citar a própria trajetória, a luta de um Tiradentes e os seus companheiros que queriam simplesmente o bem-estar desse país, no entanto, foi sufocado. A gente poderia lembrar de tantas pessoas heróicas e boas como esse Brasil nosso, mas a gente ao nível de região eu acho que poderíamos lembrar tranquilamente de pessoas do quilate de um Pe. Avelino que foi o primeiro pároco nessa paróquia aqui que

deu um apoio, deu um suporte a classe trabalhadora extraordinária e não foi compreendido. Pe. Abdala, qualquer relato histórico nessa região se não tivesse a contribuição do Pe. Abdala nós estaríamos devendo muita a verdadeira história do Vale do Aço às vezes ele não é compreendido, certo? A Pastoral Operária que esteve aqui em Ipatinga criou muitas organizações em Ipatinga, cuidou um pouco da pedagogia da educação de Ipatinga a ala mais conservadora da igreja não aceitou. Eles foram embora daqui. Então, pessoas tipo Frei Antônio quer dizer: foram pessoas que vestiram a camisa da região e no entanto não deixaram o poder econômico ainda dominante, não deixou.

Então, o massacre de Ipatinga, hoje já é relatado por alguns livros, por várias pessoas, uns às vezes acertando mais, outros as vezes assim no sentido de relatar história de pessoas que positivamente não contribuiu em nada. Porque exatamente foi elaborado, foi escrito pra poder atender determinadas pessoas, determinado poder. E até na questão sindical eu li há poucos dias um livro onde vários ex-dirigentes sindicais não é contado a história deles como dirigente sindical, apenas como jogador de futebol ou qualquer coisa, quer dizer, então não tem interesse de ter uma visão coletiva, de transformação de nada, então eu gostaria de enfatizar essas questões porque eu acho que o fato é uma coisa o acontecimento é outra coisa. O fato é a questão mais simples, agora o acontecimento vai depender muito da visão que a gente encara e eu acho, afirmo aliás que o massacre de Ipatinga foi um grande acontecimento que foi a partir do massacre é que com aquelas reivindicações que os trabalhadores queriam ser respeitado como trabalhador, ser respeitado como cidadão, ser tratado com dignidade e não com polícia e cassete em cima deles. Depois do massacre a relação de trabalhadores e empresa mudou, mas mudou muito, mudou demais. Mas, a questão, a posição da empresa, das chefias com os trabalhadores mudou muito, entende? Então foi a partir daí que começaram então a perceber essa realidade, mas como tem um ditado que o que é bom dura pouco do massacre de Ipatinga que aconteceu em 07 de outubro de 63 até a revolução de 01 de abril que foi no ano seguinte em 64 foram poucos meses, seis meses, então aí, quer dizer, a Usiminas sem mágoa sem nada, mas eu sou obrigado a dizer isso aí é uma empresa que no ponto de vista de relação com o trabalhador ela desde o início é uma empresa que já foi criada para ser o espelho de perseguição e de desrespeito ao trabalhador e só pra ilustrar, na época do acordo que foram feito... é isso mesmo... da mudança do FGTS que foi em 1970, a lei permitia que a empresa pagasse o trabalhador de 60 a 100% o da Usiminas pagou 60% se tivesse uma lei que permitisse que ela pagasse 5% ou não pagasse nada ela não pagaria também.

Nas assembléias sindicais, nas discussões econômicas quer dizer, ela fazia questão de

manipular o sindicato pra não fazer nada e depois que terminava todas as negociações salariais no Brasil inteiro ela chamava a diretoria lá e dava até mais, mas ela não queria ver o surgimento e a melhoria da consciência das pessoas, então quer dizer, a gente tá colocando essas questões pra ilustrar bem que eu não tenho mágoa e nem rancor da Usiminas, ao contrário, tenho muito orgulho. Trabalhei, vendi minha força de trabalho, mas não fiz igual muitos que venderam também seu poder de pensar, a sua consciência, a sua cidadania. Se eu tenho minha casa, tenho minha família isso é fruto do meu trabalho, eu poderia ter conseguido a mesma coisa em qualquer outro lugar, porque eu tinha saúde, tinha vontade de lutar. Então quer dizer, mas acontece o massacre voltando é bom que destaque, fez com que as pessoas começassem a pensar. Eu gosto muito de ilustrar, eu acho que foi uma história muito negativa que nós tivemos nesse Brasil. Foram os 21 anos de ditadura militar, mas paradoxalmente foi exatamente nesses 21 anos é que o povo começou a pensar, que o povo começou a se organizar nas associações de moradores, criando os partidos, gritando, reivindicando. Então, quer dizer, o caso do massacre aconteceu isso também. A partir de todo esse acontecimento as pessoas começaram apesar de toda a pressão da empresa, olha bem hein! O massacre foi em 1963. Em 1983, 20 anos depois é que foi surgir um livro, mas se surgiu um livro é porque alguém já estava pensando em lançá-lo de modo que essa história que estava obscura para a população ela estava assim, no âmago de muitas pessoas inclusive eu, de modo que a gente começou a ver a necessidade de fazer alguma coisa, mas não na base da briga, da ignorância, de qualquer coisa, isso poderia ser até uma consequência, mas o que nós sempre pensamos foi exatamente o que os companheiros nossos pensavam em 07 de outubro, é exatamente a construção de uma cidade mais humana, e foi nesse sentido né que surgiu exatamente as chapa de oposição em 1985 que a gente participou, a chapa da CUT né, é bom que ao nível da região a gente destacar que surgiram também o partido dos trabalhadores né! Foi surgindo aqui na região movimento de consciência negra, surgiu o resgate da Estação Memória de Ipatinga, né! Quer dizer, e tudo isso através de quê? Através do pessoal da pastoral operária, através dos movimentos populares, através daquele setor que era considerado inimigo do sistema, porque nós queríamos simplesmente o bem-estar, né, então a gente às vezes virava pras pessoas despolitizadas, mas a favor do sistema e a gente falava: gente, para com isso nós já paramos de matar criança e de roubar igreja, agora hoje, a gente percebe que todo aquele começo que nós tivemos, tava correto porque a gente era a favor da que na empresa nós tivéssemos o direito de sindicalizar e participar de um sindicato, a empresa não deixava. A gente era a favor de que dentro das comunidades de bairro cada trabalhador pudesse escolher

o seu partido para poder caminhar, enfim, se inscrever e se filiar. A empresa não deixava, só deixava se tivesse alguém dela dominando pra poder ficar carregando, então, quer dizer, a gente teve que ir crescendo junto com pessoas que tinha clareza, tinha a verdadeira convicção da realidade democrática, a gente foi crescendo e aí é bom que a gente lembre a fundação Casa do Trabalhador, teve um trabalho muito grande aqui aonde eu tive a honra de participar como membro, como presidente dessa fundação de Monlevade, junto com companheiros do quilate de um João Paulo Pires de Vasconcelos e acho que contar a história do sindicalismo no Brasil tem que lembrar desse João Paulo, assim como Lula e todos os outros, mas então aqui no Vale do Aço a gente desenvolveu esse trabalho, foi crescendo né, na fundação Casa do Trabalhador, no SC& (sociedade cultural 07 de outubro) e foi exatamente surgindo esses movimentos, não só em Ipatinga, mas Fabriciano e no Vale do Aço e hoje quer dizer: o massacre de Ipatinga já não é visto com aquele medo, com aquela tremedeira de antes, hoje o massacre de Ipatinga é lido por muita gente.

O massacre de Ipatinga não pode ser visto como metralhadoras, alguém que matou, alguém que morreu. Ele tem que ser visto como também um despertar e hoje aquilo que os funcionários da Usiminas e os professores da época não faziam de medo, né, por qualquer motivo, hoje cabe a essa juventude, os professores de hoje, os mais jovens com essa mente mais arejada, resgatar isso aí porque massacre como o de Ipatinga aconteceu e acontece ainda hoje, agora nós temos que ser inteligentes e absorver esses fatos e ter a capacidade de observar até quando isso aí contribuiu e contribui com a caminhada, com a medida da consciência de um povo. Eu pelo menos, antes de 63, eu era simplesmente um cidadão que veio da roça, tinha dificuldade, tinha terceiro ano primário, então foi a partir daí que a gente começou a participar de alguns movimentos, greve, movimentos sindicais, depois no bairro associação de moradores, mas sempre naquela expectativa que a verdadeira história de Ipatinga, do Vale do Aço ainda tenha que ser contada, porque não era o sindicato que era exatamente a fonte de informação dos trabalhadores sempre esteve nas mãos da empresa então quer dizer o que eles falavam estavam sempre na ótica do patrão e não na ótica da classe trabalhadora, quer dizer, a gente, acho que é importante esse trabalho vai começar o massacre a ser contado do ponto de vista do trabalhador e não do ponto de vista da empresa e quando pergunta o chefe sobre o massacre de Ipatinga eles querem dizer que está totalmente fora do contexto, e não está, não foi isso, é o reflexo, exatamente da necessidade e da inquietação de um povo. Isso acontece dentro de uma empresa, acontece dentro de uma cidade, acontece no país inteiro. Eu creio, acredito piamente que a história é tipo uma mola

espiral, ela vai e volta né? Eu acho que essa iniciativa desse trabalho é nota dez, eu cresci como pessoa, no âmbito familiar, participando assim de vários movimentos, sindicatos populares e políticos. Tive a honra de ser vereador de meu bairro, aqui na minha cidade e até hoje eu ando no Vale do Aço inteiro, nunca ninguém teve o direito de me questionar sobre a minha vida particular, minha vida familiar, minha vida social, quer dizer: eu aprendi também né, com a caminhada, com essas pessoas, a experiência é isso aí. Hoje, o massacre às vezes acontece de uma maneira mais sofisticada, mas acontece, então é preciso que os jovens, professores estejam atentos, porque antes às vezes era a polícia que chegava, batia e matava, hoje às vezes a própria lei que é feita no Congresso Nacional ela própria se incumba de impedir a caminhada das pessoas, entende? Eu acho que eu vejo o massacre dessa forma, não vejo de outra maneira, ela foi um processo dinâmico e hoje quando a gente começa a pensar, mas é bom que fiquem bem atentos. Já foram elaborados alguns trabalhos falando sobre o massacre onde eles ocultam o verdadeiro sentido do massacre, usam até pra tirar proveito político para determinadas pessoas e não pra despertar um povo, uma caminhada que quer caminhar, precisa caminhar, sabe caminhar, mas é preciso que alguém dê pra eles uma alavanca e um ponto de apoio, não foi assim que Aristóteles falou? Então, esse ponto de apoio a gente tá contando com essa modesta contribuição pra que com a cabeça mais tranqüila, analise e caminhe e todos nós possamos cada dia mais ter mais um amor desse povo brasileiro, que tem umas das músicas mais bonitas, é o povo mais alegre, tudo quanto é estrangeiro tá vindo pra cá, não é só pra roubar e usufruir não, vem também porque gosta do povo brasileiro e nós temos que aprender a gostar do Brasil, então quer dizer, se a gente não aprender a gostar do nosso país nós vamos ter que ir para os EUA fazer igual muitos fazem, lavar prato e ser humilhado igual cachorro e deixar um país bonito, alegre como o nosso aqui, então não tem nada que ficar esperando presidente, nem prefeito, nem governador, é cada um fazer o seu trabalho, contando a sua história e também contando o lado positivo que a história deixa pra cada um de nós.

Quadro14. Unidades de significado da fala de um ex-metalúrgico da Usiminas

Unidade de Significado nas Palavras do Depoente	Unidade de Significado nas Palavras do Pesquisador
É claro, trouxe e trouxe muita [...]	5.1 O processo de luta trouxe alguma contribuição para os trabalhadores.
A pastoral operária que esteve aqui em Ipatinga criou muitas organizações em Ipatinga. Cuidou um pouco da pedagogia da educação de Ipatinga, a ala mais conservadora da igreja não aceitou.	5.2 A pastoral operária teve participação significativa na criação de organizações e da pedagogia da educação em Ipatinga apesar do apoio restrito da Igreja católica.
[...] o massacre de Ipatinga, hoje já é relatado por alguns livros, por várias pessoas, uns às vezes acertando mais, outros às vezes assim no sentido de relatar história de pessoas que positivamente não contribuiu em nada. Porque exatamente foi elaborado, foi escrito pra poder atender determinadas pessoas, determinado poder.	5.3 A história do massacre de Ipatinga já foi estudada e registrada em algumas literaturas por várias pessoas, uns para relatar a história de fato e outros para atender os interesses individuais ou de determinado poder.
[...] eu acho que o fato é uma coisa e o acontecimento é outra coisa. O fato é a questão mais simples, agora o acontecimento vai depender muito da visão que a gente encara e eu acho, afirmo aliás que o massacre de Ipatinga foi um grande acontecimento [...]	5.4 O massacre de Ipatinga foi um grande acontecimento.
[...] a partir do massacre é que com aquelas reivindicações que os trabalhadores queriam ser respeitado como trabalhador, ser respeitado como cidadão, ser tratado com dignidade e não com polícia e cassete em cima deles.	5.5 O conflito despertou os trabalhadores na luta por direitos humanos.
[...] a relação de trabalhadores e empresa mudou muito, mudou demais. Mas, questão, a posição da empresa, das chefias com os trabalhadores mudou muito, entende? Então foi a partir daí que começaram então ‘a perceber essa realidade.	5.6 A empresa passou a respeitar o trabalhador. Essa mudança foi sentida pelos trabalhadores.
[...] eu não tenho mágoa e nem rancor da Usiminas, ao contrário, tenho muito orgulho. Trabalhei, vendi minha força de trabalho, mas não fiz igual muitos que venderam também seu poder de pensar, a sua consciência, a sua cidadania.	5.7 Sinto orgulho da Usiminas. Vendi minha força de trabalho, sem me alienar ou perder minha identidade.
[...] o massacre voltando é bom que destaque, fez com que as pessoas comesçassem a pensar.	5.8 O conflito levou as pessoas a refletirem sobre os acontecimentos.
[...] mas o que nós sempre pensamos foi	5.9 A construção de uma cidade mais humana

exatamente o que os companheiros nossos pensavam em 07 de outubro, a construção de uma cidade mais humana [...]	era um desejo único dos trabalhadores.
[...] e foi nesse sentido, que surgiu exatamente a chapa de oposição em 1985, que a gente participou [...]	5.10 Em 1985, nas eleições sindicais, os trabalhadores registram uma chapa de oposição à empresa.
[...] surgiram também o partido dos trabalhadores né! Foi surgindo aqui na região movimento de consciência negra, surgiu o resgate da Estação Memória de Ipatinga. Quer dizer, e tudo isso através de quê? Através do pessoal da pastoral operária, através dos movimentos populares [...]	5.11 A pastoral operária junto aos movimentos populares motivou e colaborou com a criação de vários órgãos representativos dos trabalhadores.
[...] a gente percebe que todo aquele começo que nós tivemos, tava correto porque a gente era a favor de que na empresa nós tivéssemos o direito de sindicalizar e participar de um sindicato, a empresa não deixava.	5.12 A luta por direitos estava correta. Os trabalhadores buscavam autonomia e direito de sindicalizar, direitos estes repudiados pela empresa.
A gente era a favor de que dentro das comunidades de bairro cada trabalhador pudesse escolher o seu partido para poder caminhar, enfim, se inscrever e se filiar.	5.13 Os trabalhadores buscavam liberdade de expressão.
[...] a gente teve que ir crescendo junto com pessoas que tinham clareza, tinha a verdadeira convicção da realidade democrática [...]	5.14 O processo de formação e aprendizagem se desenvolveu também através de encontros com ativistas e educadores.
[...] a Fundação Casa do Trabalhador teve um trabalho muito grande aqui, aonde eu tive a honra de participar como membro [...]	5.15 A assessoria da Fundação Casa do Trabalhador foi fundamental para os trabalhadores.
[...] e foi exatamente surgindo esses movimentos, não só em Ipatinga, mas Fabriciano e no Vale do Aço.	5.16 Os movimentos sociais se expandiram no Vale do Aço.
[...] o massacre de Ipatinga, não pode ser visto como metralhadoras, alguém que matou, alguém que morreu. Ele tem que ser visto como também um despertar [...]	5.17 O conflito deve significar mais que um massacre. Deve ser visto como o início de um movimento.
[...] nós temos que ser inteligentes e absorver esses fatos e ter a capacidade de observar até quando isso aí contribuiu e contribui com a caminhada, com a medida de consciência de um povo.	5.18 Até que ponto o conflito contribuiu ou contribui no processo de luta e conscientização das pessoas?
Eu creio, acredito piamente que a história é tipo uma mola espiral, ela vai e volta né?	5.19 A história é contínua.
[...] eu cresci como pessoa, no âmbito familiar, participando de vários movimentos sindicais, populares e políticos. Tive a honra de ser vereador do	5.20 Os movimentos sociais foram importantes para o seu crescimento individual e coletivo.

meu bairro.	
[...] nunca ninguém teve o direito de me questionar sobre a minha vida particular, minha vida familiar, minha vida social, quer dizer: eu aprendi também, com a caminhada, com essas pessoas.	5.21 A luta e participação nos movimentos sociais foi um aprendizado de valores: profissional, social, cultural e humano.
Hoje, o massacre às vezes acontece de uma maneira mais sofisticada, mas acontece, então é preciso que os jovens, professores estejam atentos, porque antes às vezes era a polícia que chegava, batia e matava, hoje às vezes a própria lei que é feita no Congresso Nacional, ela própria se incumbem de impedir a caminhada das pessoas, entende?	5.22 O massacre ainda existe. Não com violência, mas com leis que coíbem o avanço de determinada luta.
[...] Eu acho que eu vejo o massacre dessa forma, não vejo de outra maneira, ele foi um processo dinâmico.	5.23 O conflito foi consequência de uma luta dos trabalhadores contra os maus-tratos.

Quadro 15. Análise ideográfica da fala do ex-metalúrgico da Usiminas

De acordo com a fala do depoente, o processo de luta trouxe alguma contribuição para os trabalhadores. O conflito foi consequência de uma luta dos trabalhadores contra os maus-tratos, por essa razão deve significar mais que um massacre. Deve ser visto como o início de um movimento que fez as pessoas refletirem sobre os acontecimentos, a despertar nos trabalhadores a luta por direitos humanos. Mudanças ocorreram após o conflito. A empresa passou a respeitar o trabalhador. Sinto orgulho da Usiminas. Vendi minha força de trabalho, sem me alienar ou perder minha identidade. Em 1985, nas eleições sindicais, os trabalhadores registraram uma chapa de oposição à empresa. Para o depoente, a expansão dos movimentos sociais no Vale do Aço foi importante para o crescimento individual e coletivo. A construção de uma cidade mais humana era um desejo único dos trabalhadores. A pastoral operária junto aos movimentos populares motivou e colaborou com a criação de vários órgãos representativos dos trabalhadores, organizações e da pedagogia da educação em Ipatinga. Houve também, segundo o depoente, a assessoria da Fundação Casa do Trabalhador, fundamental no processo de formação e aprendizagem que se desenvolveu também através de encontros com ativistas e educadores. Diante de toda a luta, o depoente questiona até que ponto o conflito contribuiu ou contribui no processo de luta e conscientização das pessoas? Para ele, a luta e participação nos movimentos sociais foi um aprendizado.
--

E - Depoimento de uma Pedagoga

Quadro 16.

Certamente, eu vejo que o episódio em si, o 07 de outubro de 63, ele acabou sendo um marco pra você ter como exemplo do que você jamais poderia permitir que acontecesse com a cidade, com a classe trabalhadora, pra quem prestava serviço as empresas e pras vítimas. Porque o acontecimento em si ele já foi o estopim da situação que tava acontecendo naquele período e que já havia manifestações individuais ou em determinados momentos coletivos da situação precária de trabalho em que esses trabalhadores se encontravam, da forma de exploração, da própria indústria em relação aos trabalhadores, então o episódio de 63 da forma que ocorreu que a gente trabalha a questão da educação ele trouxe esse modelo de que deveria ser combatido, e contestado pelos trabalhadores que enfrentaram aquele momento e que não poderia aceitar e penso que ao longo da história houve por parte de setores importantes da cidade uma tentativa de calar a voz de quem ousava falar do episódio que ocorreu em 63.

Mas, eu vejo que no processo da educação houve uma tentativa de durante muitos anos de calar, de esconder, como se fosse possível esconder do conjunto da população, da cidade, da história do país. Esse episódio, as pessoas tinham medo de falar sobre o massacre que ocorreu aqui durante muitos anos e hoje, só 43 anos depois do massacre é que você vê teses de mestrado, estudos mais aprofundados sobre o tema que eu acredito que a partir de agora que vai ser um marco na história do país sobre esse episódio, enquanto história, porque um acontecimento desses, ele ficou até então como se fosse um fato isolado, mas por outro lado pra nós que vivemos aqui, que participamos dos movimentos sociais, todo 07 de outubro, aí que vem a questão pedagógica e até educativa, todo 07 de outubro, a Igreja, os movimentos sociais, os movimentos sindicais ele fazia sua manifestação pra lembrar aquele episódio então ela ficou muito história de boca a boca onde todos os documentos, todos os papéis da época eles foram consumidos e agora que começa então com a abertura, com o processo de democratização mais avançado do país e que começa a aparecer e as pessoas terem acesso de fato de registrar esse episódio na história oficial do país, porque oficialmente o massacre ele não foi encontrado em nenhum livro, em nenhuma história o episódio do massacre como um fato importante que ocorreu aqui na cidade de Ipatinga.

Se você for fazer um estudo mais do aspecto da formação da cidade, a educação mesmo a partir de 63, depois desse episódio é que começou a planejar a cidade nem que seja pra resolver os bairros da Usiminas que tinha toda a estrutura quando foi criado o lado de lá

da linha, mas foi exatamente pra conseguir o modelo de cidade planejada que surgiu a partir desse episódio de 63, ele já é uma interferência dessa luta que ocorreu naquele momento, porque até então os trabalhadores ficavam em alojamentos da forma mais inadequada que tinha para um ser humano viver, pelo menos é isso que aponta a história de quem viveu a época e aí com o episódio de 63 a empresa fez uma interferência da cidade própria planejada que alguns até citam o exemplo de Foucault. O modelo de cidade planejada, e aí também agrupa os trabalhadores, aonde tá o engenheiro, o técnico, o operário, a cidade ela foi constituída a partir desse episódio, também separando quase por casta mesmo, daí a tentativa dessa interferência, desse silêncio que foi o. da cidade, então quando você junta os técnicos todos num bairro, cria um clube pra eles, aí então os técnicos convivem sós naquele setor, o operariado vai pra outro lado também, tem um clube, tem Igreja então é um povo que não se mistura, isso é uma tentativa, um modelo de desenvolvimento, de crescimento para o controle da empresa, que a vida desses trabalhadores eles tinham a ficha corrida deles direto. É o modelo de desenvolvimento que a empresa implantou naquele momento.

E aí o que acontece no processo dos movimentos sociais que a Igreja fez um papel fundamental aí e na formação, na educação é que estes questionamentos, ele na parte, porque tinha o que a empresa controlava, mas tinha uma cidade que foi crescendo de maneira desordenada do outro lado da linha e esse trabalhador ia pra empresa, ia pro clube já só com seu grupo fechado, começa então dentro dessa relação de convivência a ressurgir o movimento, as organizações sociais que trabalham um outro enfoque de formação, de consciência crítica em cima inclusive porque que o lado de lá, porque que todo mundo tem que ficar no seu mundinho separado tendo a vida controlada pela empresa. Alguma coisa nesse movimento do trabalho começa a ser também pensada e planejada muito, a partir de um movimento sindical ainda tímido, muito fraco né, a princípio porque era calado pela própria empresa, controlada de certa forma pela empresa mas tinha a Igreja, as pessoas que se encontravam em outros campos e aí esse trabalho de formação mais crítica veio ocorrendo. Só em 1989, quando o PT assumiu a prefeitura pela primeira vez que você vê que os bairros dessa cidade que havia se formado do outro lado da linha, que não são bairros planejados pela Usiminas, eles começam a ter uma atenção especial pra questões básicas que também era forçado através do movimento social que trabalha discussão política, formação, reunião e luta pela questão da água tratada, do esgoto, da moradia, da iluminação pública. A infra-estrutura do lado de cá da cidade não existia, então você tem todo um trabalho aí, que o atendimento inclusive para a educação, para o conjunto das crianças eram precário, quantas campanhas nós

fizemos pra conseguir escola, ou conservar ou recuperar as escolas, não sei em qual campanha da fraternidade que o tema foi educação que eu me lembro da gente tá carregando tijolo pra sentar dentro da sala de aula porque não tinha cadeira pra sentar. Nós participamos de uma luta pela educação, que ela foi enorme aqui na cidade. Prédios estavam caindo, situação da cidade estava precária, não atendia então, os filhos dos trabalhadores do lado de cá da linha, não tinha escola pra atender todo mundo. Chegava época de matrícula você tinha que dormir em fila, enfrentar situações muito difíceis pra conseguir matricular as crianças. Agora, ninguém ficou parado no tempo esperando que a bondade de um prefeito, ou de um governador fosse resolver esse problema. Seu pai mesmo participou um tanto dessa luta por escola para todos né. Então, a cidade teve, ela carrega aquele momento então de 63, e que já foram os trabalhadores manifestando mas, essa cidade, ela foi forjada na luta mesmo pra gente conseguir avançar em termos de políticas públicas, hoje se a gente tem a estrutura que tem na rede municipal por exemplo você tem professores com 98% ou mais, todos com curso superior e com um trabalho de formação permanente desses professores, eu penso que enquanto corpo docente nós temos talvez um dos mais qualificados se você olhar no estado de Minas Gerais, agora isso não é coisa só que esperou, vem todo o movimento na história de Ipatinga, da luta pela melhoria da educação que fez com que hoje nós tivéssemos a estrutura que nós temos. A luta por creche, ela continua, educação infantil, porque hoje você tem várias entidades, movimentos sociais que em parceria com o poder público por iniciativa, não espera pelo poder público. Arruma a casa lá, aluga e começa a creche e briga pra que se tenha convênio, pra que esse atendimento a crianças especialmente no caso da periferia ele aconteça. Então a luta ela ainda continua, não é uma coisa que aconteceu lá atrás, eu acho que todo esse processo da educação é que teve participação de cidadania é que faz, nós termos um povo muito crítico, participativo. A quantidade de reuniões que acontece num dia nesta cidade com diferentes agrupamentos de espíritas, umbandistas, católicos, movimentos sociais, Lions, associação de moradores, sindicatos, a efervescência desses movimentos na cidade sempre foi muito grande.

Num dia, se você conseguir, eu já até sonhei com isso, você ter um quadro pra ver o tanto de gente que reúne nessa cidade num dia é muita coisa que acontece. Podem estar desintegrados, cada um cuidando do seu umbigo, mas é uma cidade que ela respira participação, em todos os níveis, em todos os sentidos e pra mim traz um pouco do reflexo da própria formação da cidade que aqui hoje, os nossos filhos já são filhos da cidade, mas a cidade que acolheu gente de tudo quanto é canto do mundo, então nos seus agrupamentos ou

procurando se conhecer, as pessoas se encontravam, ou para discutir política, ou para discutir a vida, pra discutir assistencialismo, assistência social, religião, qualquer coisa, mas as pessoas aqui reúnem. Tem que conseguir quem sabe... os poucos momentos que nós fomos capazes de juntar isso tudo assim, em torno de um objetivo único e maior. A gente conseguiu ser vitorioso em várias lutas, porque aí você envolve diferentes setores é muito chique ver esse trabalho, essa proposta, eu sempre tive curiosidade com relação a isso. Numa semana ou cada dia, pode pegar por dia o tanto de gente que tá reunido nessa cidade. Com diferentes interesses, religioso, cultural, social, mas as pessoas reúnem muito aqui e ficou muito tempo no setor da clandestinidade, não poderia se manifestar, mas quando isso ganhou a força das ruas houve uma mudança assim, que foi significativa. A história do próprio surgimento do PT na região aqui do Vale do Aço, ela tem muito desse resultado, desse povo que reunia, que continuou e continua até hoje nos seus campos, na sua área fazendo essa formação que não é só do banco da escola, mas do formar consciência. É claro que isso hoje, oficialmente, isso se efetiva nos bancos das escolas que todas as crianças que estão na escola é uma exigência, exige-se dos pais esse acompanhamento também né! Da família, mas assim o que se aprendeu fora do banco da escola pra mim, minha maior faculdade não foi o meu curso que eu fiz não, foi dentro da luta, foi dentro dos cursos lá da história da classe operária, formação de sindicatos, de história da Igreja, foram outros trabalhos que me fizeram mais gente hoje, que os bancos da faculdade propriamente dito, e isso pra minha geração que chegou aqui foi muito forte.

Quadro 17. Unidades de significado da fala de uma pedagoga

Unidade de Significado nas Palavras do Depoente	Unidade de Significado nas Palavras do Pesquisador
Certamente, eu vejo que o episódio em si, o 07 de outubro de 63, ele acabou sendo um marco pra você ter como exemplo do que você jamais poderia permitir que acontecesse com a cidade, com a classe trabalhadora, pra quem prestava serviço às empresas e pras vítimas.	6.1 O episódio de 07 de outubro de 63 foi um acontecimento histórico e exemplo de luta para a cidade e para a classe trabalhadora.
Porque o acontecimento em si ele já havia manifestações individuais ou em determinados momentos coletivos da situação precária de trabalho em que esses trabalhadores se encontravam, da forma de exploração, da própria indústria em relação	6.2 O conflito foi uma consequência da exploração da mão-de-obra e insegurança no trabalho.

aos trabalhadores [...]	
[...] penso que ao longo da história houve, por parte de setores importantes da cidade uma tentativa de calar a voz de quem ousava falar do episódio que ocorreu em 63.	6.3 Após o massacre, segmentos importantes da sociedade tentaram omitir o acontecimento.
Mas, eu vejo que no processo da educação houve uma tentativa de durante muitos anos de calar, de esconder, como se fosse possível esconder do conjunto da população, da cidade, da história do país.	6.4 Até mesmo no setor educacional, foi desenvolvido um trabalho com o fim de ocultar o acontecimento e evitar que as pessoas tivessem acesso à história do massacre.
Esse episódio, as pessoas tinham medo de falar sobre o massacre que ocorreu aqui durante muitos anos [...]	6.5 Por vários anos, a população teve medo de abordar a história do massacre.
[...] e hoje, só 43 anos depois do massacre é que você vê teses de mestrado, estudos mais aprofundados sobre o tema que eu acredito que a partir de agora que vai ser um marco na história do país sobre esse episódio enquanto história.	6.6 Após 43 anos, surgem pesquisas mais específicas sobre o massacre com o objetivo de registrar a verdadeira história do conflito.
[...] mas por outro lado pra nós que vivemos aqui, que participamos dos movimentos sociais, todo 07 de outubro, aí que vem a questão pedagógica e até educativa, todo 07 de outubro, a Igreja, os movimentos sociais, os movimentos sindicais eles fazem sua manifestação pra lembrar aquele episódio [...]	6.7 A cada ano, no aniversário do conflito, a Igreja, os movimentos sociais e sindicais promovem manifestações para lembrar o massacre de Ipatinga.
[...] então ela ficou muito história de boca a boca onde todos os documentos, todos os papéis da época, eles foram consumidos [...]	6.8 Os documentos que comprovavam o acontecimento foram descartados.
[...] e agora que começa então com a abertura, com o processo de democratização mais avançado do país, é que começa a aparecer e as pessoas terem acesso de fato de registrar esse episódio na história oficial do país.	6.9 Com o processo de democratização do país, a história real pôde ser divulgada.
Se você for fazer um estudo mais do aspecto da formação da cidade, a educação mesmo a partir de 63, depois desse episódio é que começou a planejar a cidade [...]	6.10 A cidade começou a ser planejada a partir de 63, após o massacre de Ipatinga.
[...] o modelo de cidade planejada que surgiu a partir desse episódio de 63, ele já é uma interferência dessa luta que ocorreu naquele momento, porque até então os trabalhadores ficavam em alojamentos da forma mais inadequada que tinha para um ser humano viver [...]	6.11 O planejamento da cidade foi uma conquista da luta que reivindicava melhores condições de moradia.

[...] o modelo de cidade planejada, e aí também agrupa os trabalhadores, aonde tá o engenheiro, o técnico, o operário, a cidade ela foi constituída a partir desse episódio [...]	6.12 A cidade foi planejada de acordo com a hierarquia de setores existentes na empresa.
[...] então quando você junta os técnicos todos num bairro, cria um clube pra eles, aí então os técnicos convivem sós naquele setor, o operariado vai pra outro lado também, tem um clube, tem Igreja, então é um povo que não se mistura [...]	6.13 O planejamento da cidade visa dividir os trabalhadores de acordo com a função exercida pelos mesmos na empresa.
[...] isso é uma tentativa, um modelo de desenvolvimento, de crescimento para o controle da empresa, que a vida desses trabalhadores eles tinham a ficha corrida deles direto.	6.14 A cidade foi planejada para atender a necessidade de controle da empresa sobre a vida dos trabalhadores.
E aí o que que acontece no processo dos movimentos sociais que a Igreja fez um papel fundamental aí, é na formação, na educação é que estes questionamentos, ele na parte, porque tinha o que a empresa controlava [...]	6.15 O trabalho de formação e educação que a Igreja desenvolveu foi fundamental para o crescimento dos movimentos sociais.
[...] mas tinha uma cidade que foi crescendo de maneira desordenada do outro lado da linha e esse trabalhador ia pra empresa, pro clube já só com seu grupo fechado, começa então dentro dessa relação de convivência a ressurgir o movimento, as organizações sociais que trabalham um outro enfoque de formação, de consciência crítica [...]	6.16 A interação na sociedade motivou a população a criar movimentos sociais através de uma formação mais reflexiva e questionadora.
Alguma coisa nesse movimento do trabalho começa a ser também pensada e planejada muito, a partir de um movimento sindical ainda tímido, muito fraco né, a princípio porque era calado pela própria empresa, controlada de certa forma pela empresa [...]	6.17 O controle que a empresa exerce interfere na mobilização sindical.
[...] mas tinha a Igreja, as pessoas que se encontravam em outros campos e aí esse trabalho de formação mais crítica veio ocorrendo [...]	6.18 A formação mais consciente foi se fazendo paulatinamente.
Só em 1989, quando o PT assumiu a prefeitura pela primeira vez que você vê que os bairros dessa cidade que havia se formado do outro lado da linha, que não são bairros planejados pela Usiminas, eles começam a ter uma atenção especial pra questões básicas [...]	6.19 A partir de 1989, a administração petista inicia um trabalho de políticas públicas nos bairros não planejados pela Usiminas.
[...] que também era forçado através do movimento social que trabalha discussão	6.20 O movimento social se mobiliza para lutar por políticas públicas.

política, formação, reunião e luta pela questão da água tratada, do esgoto, da moradia, da iluminação pública.	
[...] essa cidade, ela foi forjada na luta mesmo pra gente conseguir avançar em termos de políticas públicas [...]	6.21 A implantação de políticas públicas é fruto de luta dos trabalhadores.
A quantidade de reuniões que acontece num dia nesta cidade com diferentes agrupamentos de espíritas, umbandistas, católicos, movimentos sociais, Lions, associação de moradores, sindicatos, a efervescência desses movimentos na cidade sempre foi muito grande.	6.22 A atuação dos diversos movimentos na cidade sempre foi intensa.
Podem estar desintegrados, cada um cuidando do seu umbigo, mas é uma cidade que ela respira participação, em todos os níveis, em todos os sentidos e pra mim traz um pouco do reflexo da própria formação da cidade [...]	6.23 A participação efetiva da população nos diversos movimentos retrata a formação de Ipatinga.
[...] as pessoas se encontravam, ou para discutir política, ou para discutir a vida, pra discutir assistencialismo, assistência social, religião, qualquer coisa, mas as pessoas aqui reúnem.	6.24 As pessoas se encontram.
A gente conseguiu ser vitorioso em várias lutas [...]	6.25 O movimento obteve várias conquistas.
Com diferentes interesses, religioso, cultural, social, mas as pessoas reúnem muito aqui e ficou muito tempo no setor da clandestinidade, não poderia se manifestar [...]	6.26 Por muito tempo, os movimentos foram proibidos de se manifestarem.
[...] mas quando isso ganhou a força das ruas houve mudança assim, que foi significativa.	6.27 As mudanças provocadas pelos movimentos foram expressivas.
A história do próprio surgimento do PT na região aqui do Vale do Aço, ela tem muito desse resultado, desse povo que reunia, que continuou e continua até hoje nos seus campos, na sua área [...]	6.28 O Partido dos Trabalhadores no Vale do Aço nasceu da intensa mobilização dos moradores da região.
[...] fazendo essa formação que não é só do banco da escola, mas do formar consciência.	6.29 A formação da consciência é entendida como prioritária.
[...] o que se aprendeu fora do banco da escola pra mim, minha maior faculdade não foi o meu curso que eu fiz não, foi dentro da luta, foi dentro dos cursos lá da história da classe operária, formação de sindicatos, de história da Igreja, foram outros trabalhos que me fizeram mais gente hoje, que os	6.30 A formação gestada nos movimentos populares é muito mais significativa do que aquela que se recebe no curso superior.

bancos da faculdade propriamente dito [...]	
[...] e isso pra minha geração que chegou aqui foi muito forte.	6.31 Para as pessoas que vivenciaram todo o processo de luta foi intenso.

Quadro 18. Análise ideográfica da fala de uma pedagoga

Para a depoente, o episódio de 07 de outubro de 63 foi um acontecimento histórico e exemplo de luta para a cidade e classe trabalhadora. O conflito foi uma consequência da exploração da mão-de-obra e insegurança no trabalho. Relata que, após o massacre, segmentos importantes da sociedade tentaram omitir o acontecimento. No setor educacional, foi desenvolvido um trabalho com o fim de ocultar e evitar que as pessoas tivessem acesso à história do massacre. A população tinha medo de abordar a história do massacre. Assim, após 43 anos, surgem pesquisas mais específicas sobre o conflito com o objetivo de registrar a sua verdadeira história. A cada ano, no aniversário do conflito, a Igreja, os movimentos sociais e sindicais promovem manifestações para relembrar o massacre de Ipatinga. Essa abertura se justifica com o processo de democratização do país, o que possibilitou a divulgação do acontecimento, afirma a depoente. Ipatinga começou a ser planejada em 1963, após o massacre. A cidade foi planejada de acordo com a hierarquia de setores existentes na empresa, ou seja, o planejamento da cidade visava dividir os trabalhadores de acordo com a função exercida pelos mesmos na empresa e para atender a necessidade de controle sobre a vida dos trabalhadores. O trabalho de formação e educação que a igreja desenvolveu, foi fundamental para o crescimento dos movimentos sociais. Essa interação motivou a população a criar novos movimentos sociais através de uma formação mais reflexiva e questionadora. Observa-se, assim, que a participação efetiva da população nos diversos movimentos retrata a formação de Ipatinga, apesar de os movimentos terem sido proibidos de se manifestarem por muito tempo. De acordo com a depoente, as mudanças provocadas pelos movimentos foram expressivas e tiveram várias conquistas. A partir de 1989, a administração petista inicia um trabalho de políticas públicas nos bairros não planejados pela Usiminas. O movimento social se mobiliza para lutar e implantar políticas públicas demonstrando, assim, a sua intensa atuação. O próprio Partido dos Trabalhadores no Vale do Aço nasceu da intensa mobilização dos moradores da região. A depoente coloca que a formação da consciência é entendida como prioritária. Gestada nos movimentos populares é muito mais significativa do que aquela que se recebe no
--

curso superior. Acredita que, para as pessoas que vivenciaram todo o processo de luta, foi intenso.

F - Depoimento de uma Professora de Letras

Quadro 19.

Contribuiu e muito, contribuiu para que a evolução não fosse apenas evolução industrial. Porque na época, no meu entendimento, o interesse da evolução era da indústria era o êxodo rural que vinham pras indústrias pra poder principalmente os homens que saiam das roças, que deixavam suas terras, seus plantios e vinham em busca de uma vida melhor pras cidades onde haviam indústrias, em torno da indústria, que era a época da revolução industrial chamada né! Onde que, coincidentemente era normalmente comandada pelo regime militar, esse período era o regime militar, então o interesse era de melhorar a qualidade de vida, era ganhar mais dinheiro, era construir suas casas, suas moradias, etc. Era esse o interesse, mas não havia nenhum interesse no meu entendimento na época, na qualidade humana, na luta pela qualidade humana e na medida que o confronto de seres humanos que vinham do êxodo rural e que tinham uma cultura, uma vida completamente diferente. Uma vida ligada ao silêncio, a natureza pelo menos assim por princípios mais ou menos de muito trabalho, mas de liberdade em contato com a natureza eles se colidiram com a indústria, com o aço, uma cultura diferente, uma cultura do aço, uma cultura de uma certa forma já da expressão, porque eles não conviviam com aquele mundo. A exigência do trabalho, horas exaustivas de trabalho, confinamentos em grandes locais onde que os homens se confinavam em locais definidos pra morar, dormir, porque eram grandes quantidades de homens que vinham pra essas indústrias, então a vida era muito diferente da que ele conheceu na roça, então por isso eu acho que esses homens, eles não aceitaram com muita facilidade esse modelo, essa cultura, uma cultura de uma indústria com certeza herdada de outras culturas como a japonesa, como a alemã, como a italiana, uma indústria pesada, de uma cultura pesada, e eles reagiram né? Àquela coisa. Isso é feito porque houve a evolução? Com certeza, evoluiu porque a luta não era apenas para qualidade de vida vindo do financeiro, mas a qualidade de vida também, a transformação de uma qualidade de vida mais humana, o que esses homens queriam era ser felizes, ter casa e moradia, mas também liberdade pra criar seus filhos, interagir na sociedade, ter um lugar pra dançar, uma vida normal.

Então eles criam isso tudo e o sistema contrapôs no meu entendimento senso de liberdade que esses homens tinham, mais do que hoje. Porque o princípio deles na relação com o campo era muito forte então, eles buscavam essa transformação, então não aceitaram o esquema imposto daquela época, do meu ponto de vista perverso que ainda continua em diversas empresas e aí serviu pra evoluir, porque o que que é a evolução no nosso entendimento, no meu por exemplo, evolução não é só evoluir no ponto de vista de aumentar o recurso financeiro do meu bolso, a evolução pra mim é principalmente que eu tenha mais qualidade de vida, eu tenha o recurso pra viver e não apenas sobreviver, mas que eu tenha direito ao lazer, que eu tenha direito a esse recurso que me sobre, com essa liberdade que me sobre, pra que eu tenha espaço, agora, se me põe lá uma jornada de trabalho exaustiva, qual o período que eu tenho pra me dedicar a minha família e pra dedicar ao meu lazer que eu tenho direito a ele. E onde fica a minha saúde nesse campo. Então, eu acho que esse movimento foi muito importante pra alertar que a indústria ela tinha que evoluir não só no sentido do aumento dos lucros que eram os interesses da época, a chamada revolução industrial, o aumento dos lucros, a imposição de um novo processo do país. Mas, não é só sobressair a economia brasileira, mas sobressair os homens, a nação, ter um princípio de nação, um sentido de nação, então eu entendo que toda ação deles foi importante porque aí começaram a surgir alguns direitos, direitos por exemplo pra indústria, teve que modificar sua lógica de relacionar com os trabalhadores, colocando alguns princípios sociais, colocando clubes, colocando também a parte de esportes, atletismo, para os filhos, alguns tiveram até alguma, não sei se ainda hoje tem, mas tinha também, ela influenciava escola como por exemplo, a escola São Francisco Xavier que dava espaço pra alguns filhos de trabalhadores ali estudarem, a parte de dentistas, assistência a saúde, direito a assistência a saúde, então começaram a surgir alguns outros direitos, que se organizaram, então quer dizer os seres humanos que trabalham também exigem que uma indústria que evolua não apenas da concentração do lucro, mas na distribuição desse lucro na qualidade de vida dos trabalhadores, acho que teve essa importância porque senão ela seria aquela carcaça velha, da usina antiga, das botinas, como se todos os seres humanos fossem não tivessem neurônios né, manda quem pode, obedece quem tem juízo.

Com essa regra então, ela teve que evoluir. Porque os homens gritaram, senão grita você não consegue fazer com que a indústria evolua, silêncio dos trabalhadores, o silêncio, só interessa a indústria o silêncio do cemitério né. Agora, os trabalhadores que dizem não a esse silêncio, a essa coisa, ele consegue, ele pode ser prejudicado enquanto indivíduo, mas a

organização deles fez com que a indústria evoluísse e que os homens hoje, os trabalhadores de hoje não fossem mais os de antes do ponto de vista do sofrimento que eles tiveram da péssima condição de trabalho existente naquela época e que hoje é diferente, então existiu a indústria moderna, é moderna a concentração do lucro, mas na distribuição desse lucro em benefício dos trabalhadores, tanto do ponto de vista individual quanto do ponto de vista coletivo e da condição de trabalho na indústria, na empresa, na fábrica, na redução, na medida em que haviam denúncias, quantas mortes que haviam, mortes e mortes que haviam, e ainda haviam um convencimento dos médicos legistas a mentir com relação a morte, porque não havia fiscalização da segurança, chumbo em excesso, não havia controle da poluição que os trabalhadores ingeriam tanto na parte oral, narinas e tudo e mesmo na pele, naquela questão do chumbo e a poluição sonora em todos sentidos que vários ficaram com surdez, com tudo na área, porque eu conheço pessoas com essa lesão e aí havia sempre os médicos que também eram pagos pra poder mentir com relação as deficiências que esses cidadãos tiveram, então a luta foi importante, foi porque quebrou isso, quebrou, fez com que a indústria falasse, se quiser sobreviver enquanto indústria, aqui os homens não estarão dispostos a esse tipo de massacre, que na primeira oportunidade que nós tivermos, nós abandonamos isso e procuramos uma mais evoluída, mais evoluída na relação com o trabalhador onde que haja uma interação vocês precisam de nós, nós precisamos de vocês, vocês também precisam de nós.

Eu acho que mudou essa relação, correlação de força, o sentimento é esse.

Aí teve a quebra de tudo, e junto com isso iniciaram no nível não só em Ipatinga mas no Vale do Aço, mais isso é uma conjuntura que perpassa o estado e o país, então essa pressão ela foi criando a nível nacional, ela ampliou essa pressão, e essa pressão a nível nacional ela fez com que todos os trabalhadores em uníssono né, de uma forma unificada, comessem a lutar por seus direitos, direitos das suas melhorias, das condições de trabalho, direitos por organização sindical e nisso os trabalhadores do Vale do Aço não ficaram aparte, eles, a organização popular aqueceu muito. Assim, não havia praticamente a associação de moradores, então todos os movimentos, como associação de moradores, todas organizações populares, o início das ongs que inicia aí praticamente nessa época quando começam a surgir organismo em defesa ora do meio ambiente, em defesa da criança, em defesa do idoso, em defesa dos trabalhadores, do seu bairro, da sua melhor condição de vida, de trabalho, aí as organizações como dizem os outros pipocaram, elas foram importantíssimas e eu acho que um dos marcos no Vale do Aço embora não foi só metalúrgico aqui, mas pra mim um dos marcos

do Vale do Aço foi o sindicato o qual eu pertencço que é o sindicato dos professores que em 1979 né, porque a chapa ferramenta, a própria chapa ferramenta ela iniciou na década de 80 né, em 79 os trabalhadores da educação já se juntavam aos movimentos, ajudaram no suporte até na organização da chapa ferramenta, mas aqui fechando com uma luta que havia em São Paulo, que eclodiu do ABC paulista. Nós juntamos com esse movimento que tinham os metalúrgicos do ABC paulista, Minas se levantou, porque o massacre da educação ele era absurdo, não tinha... você não sabia nem quanto ganhava, nem como ganhava, não existia concurso público, os concursos já tinham paralisado há muito e muitos anos. Os direitos não existiam, você poderia ficar até um ano e meio sem receber um centavo, que isso já tinha vindo até mortes de professores que perderam o crédito onde compravam com seus filhos e que a gente já tinha conhecimento de alguns suicídios existentes naquela época.

Quadro 20. Unidades de significado da fala de uma professora de Letras

Unidade de Significado nas Palavras do Depoente	Unidade de Significado nas Palavras do Pesquisador
Contribuiu e muito, contribuiu para que a evolução não fosse apenas evolução industrial.	7.1 A contribuição do movimento de luta não se restringiu apenas à evolução industrial.
O interesse era de melhorar a qualidade de vida, era ganhar mais dinheiro, era construir suas casas, suas moradias, etc.	7.2 O objetivo da luta dos trabalhadores era ter uma melhor qualidade de vida.
[...] eles não aceitaram com muita facilidade esse modelo, essa cultura, uma cultura de uma indústria com certeza herdada de outras culturas como a japonesa, como a alemã, como a italiana, uma indústria pesada, de uma cultura pesada, e eles reagiram né?	7.3 A implantação de uma cultura externa foi recebida com ressalvas pelos trabalhadores que reagiram.
[...] eles buscavam essa transformação, então não aceitaram o esquema imposto daquela época, do meu ponto de vista perverso que ainda continua em diversas empresas [...]	7.4 Na busca por melhores condições de trabalho, os trabalhadores rejeitaram a cultura imposta pela empresa, e que hoje é aplicada em outras empresas.
[...] eu acho que esse movimento foi muito importante pra alertar que a indústria ela tinha que evoluir não só no sentido do aumento dos lucros que eram os interesses da época, a chamada revolução industrial, o aumento dos lucros, a imposição de um novo processo do país.	7.5 O movimento foi relevante no sentido de refletir sobre a necessidade de evoluir não somente o setor industrial, mas também a qualidade de vida das pessoas.
[...] eu entendo que toda ação deles foi	7.6 A organização dos trabalhadores foi

importante porque aí começaram a surgir alguns direitos, direitos por exemplo pra indústria, teve que modificar sua lógica de relacionar com os trabalhadores, né! Colocando alguns princípios sociais [...]	importante para a conquista de alguns direitos e mudança de relacionamento com a empresa.
[...] ela influenciava escola por exemplo, a escola São Francisco Xavier [...]	7.7 A empresa tinha controle sobre a formação educacional dos filhos dos trabalhadores.
[...] que dava espaço pra alguns filhos de trabalhadores ali estudarem [...]	7.8 A vaga para estudar em escola particular era exclusiva para alguns.
[...] então começaram a surgir alguns outros direitos, que se organizaram, então quer dizer os seres humanos que trabalham também exigem que uma indústria que evolua não apenas da concentração do lucro, mas na distribuição desse lucro na qualidade de vida dos trabalhadores, acho que teve essa importância porque senão ela seria aquela carcaça velha, da usina antiga, das botinas, como se todos os seres humanos não tivessem neurônios né, manda quem pode, obedece que tem juízo.	7.9 Através da mobilização, os trabalhadores demonstraram sua insatisfação diante da empresa e capacidade para reivindicar uma melhor qualidade de vida.
Porque os homens gritaram, senão grita você não consegue fazer com que a indústria evolua [...]	7.10 A reivindicação dos trabalhadores contribuiu para a evolução industrial.
[...] os trabalhadores que dizem não a esse silêncio, a essa coisa, ele consegue, ele pode ser prejudicado enquanto indivíduo, mas a organização deles fez com que a indústria evoluísse e que os homens hoje, os trabalhadores de hoje não fossem mais os de antes do ponto de vista do sofrimento que eles tiveram, da péssima condição de trabalho existente naquela época e que hoje é diferente [...]	7.11 A luta nos movimentos pode ter prejudicado a vida pessoal do trabalhador, mas a sua luta coletiva provocou avanços essenciais na melhoria da condição de trabalho da classe.
[...] a luta foi importante, foi porque quebrou isso, quebrou, fez com que a indústria falasse, se quisesse sobreviver enquanto história, aqui os homens não estarão dispostos a esse tipo de massacre [...]	7.12 A luta possibilitou que os trabalhadores comesçassem a se expressar.
Aí teve a quebre de tudo, e junto com isso iniciaram no nível não só em Ipatinga mas no Vale do Aço, mais isso é uma conjuntura que perpassa o estado e o país, então essa pressão ela foi criando a nível nacional, ela ampliou essa pressão, e essa pressão a nível nacional ela fez com que todos os trabalhadores em uníssono né, de uma forma unificada, comesçassem a lutar por seus direitos, direitos das suas melhorias, das condições de	7.13 A injustiça, existente no período da ditadura militar, iniciou, no Brasil, uma mobilização unificada e a criação de vários movimentos e sindicatos com o objetivo de lutar por melhores condições de trabalho.

trabalho [...]	
[...] direitos por organização sindical e nisso os trabalhadores do Vale do Aço não ficaram aparte, eles, a organização popular aqueceu muito.	7.14 Devido à mobilização dos trabalhadores do Vale do Aço, cresce a organização popular.
Assim, não havia praticamente a associação de moradores, então todos os movimentos, como associação de moradores, todas organizações populares, o início das ongs que inicia aí praticamente nessa época quando começam a surgir organismo em defesa ora do meio ambiente, em defesa da criança, em defesa do idoso, em defesa dos trabalhadores, do seu bairro, da sua melhor condição de vida, de trabalho, aí as organizações como dizem os outros pipocaram, elas foram importantíssimas [...]	7.15 Diversos movimentos populares e representativos foram criados no país, e principalmente na região do Vale do Aço, nessa época.

Quadro 21. Análise ideográfica da fala de uma professora de Letras

É fato que a contribuição do movimento de luta não se restringiu apenas à evolução industrial. Porém, a implantação de uma cultura externa foi recebida com ressalvas pelos trabalhadores que reagiram e, na busca por melhores condições de trabalho, rejeitaram a cultura imposta pela empresa, a qual hoje é aplicada em outras empresas. Para a depoente, o movimento foi relevante no sentido de refletir sobre a necessidade de evoluir também a qualidade de vida das pessoas. Através da mobilização, os trabalhadores demonstraram sua insatisfação diante da empresa e capacidade para reivindicar uma melhor qualidade de vida. A organização dos trabalhadores foi importante para a conquista de alguns direitos e mudança de relacionamento da empresa que tinha controle até sobre a formação educacional dos filhos dos trabalhadores, sendo a vaga em escola particular exclusiva para alguns. Conforme afirmação, a luta nos movimentos pode ter prejudicado a vida pessoal do trabalhador, mas a sua luta coletiva provocou avanços essenciais na melhora da condição de trabalho de classe. A luta possibilitou que os trabalhadores se expressassem. A injustiça, existente no período da ditadura militar, iniciou no Brasil uma mobilização unificada e a criação de vários movimentos e sindicatos com o objetivo de lutar por melhores condições de trabalho. Movimentos populares e representativos foram criados no país e, principalmente, na região do Vale do Aço, que assistiu ao crescimento da organização popular devido à mobilização dos trabalhadores.
--

1.4 Análise Nomotética:

Trata-se, esse momento da pesquisa, de passar agora ao mais geral. O termo nomotético tem sua origem em “nomos”, palavra grega que significa regra. No caso, buscamos as convergências entre as diferentes unidades de significado na busca de expor a trama que constitui o fenômeno em questão.

A análise nomotética caminha para considerações mais gerais a partir do individual. Permite que o pesquisador, a partir dos invariantes identificados nos depoimentos individuais, construa invariantes mais abrangentes que constituem as categorias abertas que descrevem o fenômeno em questão: “aspectos educativos dos movimentos sociais, em particular do Massacre de Ipatinga”.

Cabe aqui destacar que os invariantes não são interpretados aleatoriamente, e sim com embasamento em leituras e estudos teóricos relacionados ao tema que a pesquisa se propõe trabalhar como afirma Anastácio (2005, p. 06):

A interpretação dessas unidades permite que o pesquisador explicita as idéias as quais, estando presentes na descrição, expõem os invariantes de cada descrição. Para interpretá-las, o pesquisador lança mão de suas próprias percepções e compreensões iluminadas pelos estudos e leituras sobre o tema de pesquisa que desenvolve. Assim, não se expõe uma base teórica ou uma fundamentação teórica, mas dialoga-se com os conhecimentos produzidos pela comunidade científica sobre o tema de pesquisa.

Para essa análise, procurei identificar quais as unidades de significado de cada depoente, observados na análise ideográfica direcionavam para um ponto comum e que poderiam me encaminhar ao fenômeno aqui pesquisado.

Na matriz nomotética, registro as asserções articuladas e as unidades de significados dos depoentes que possuem pontos comuns. Assim, prosseguindo com a análise, partimos para a construção do quadro de convergências que é o momento em que, através da linguagem do pesquisador, as idéias centrais são formadas dando origem às categorias abertas:

Cidade de Ipatinga,

Movimentos Sociais e sua Educabilidade,

Usiminas (empresa) e

Conflito de 1963.

1.4.1 Matriz Nomotética

Quadro 22

Unidades de Significados	Asserções Articuladas
Constituição da Cidade	2.2 / 3.10 / 4.3 / 6.10, 6.12, 6.13, 6.14 / 7.13
Processo de Democratização	2.6 / 3.12 / 5.13 / 6.9 / 7.13
Crescimento dos Movimentos	2.5 / 5.16 / 6.16, 6.24, 6.26, 6.28 / 7.14, 7.15
A Formação, Conscientização e Aprendizado nos Movimentos Sociais	2.1, 2.4 / 5.2, 5.11, 5.14, 5.15, 5.20, 5.21 / 6.15, 6.18, 6.29, 6.30, 6.31
Memória Subterrânea	3.4 / 6.5, 6.8
A Ideologia da Empresa	3.2 / 4.2 / 7.4
Empresa e Trabalhadores	1.1 1.2 1.3 1.6 1.7 1.8 1.9 1.12 / 3.1 3.3 3.6 3.7 3.8 / 4.4 / 5.6 5.7 5.10 5.12 / 6.17 / 7.7 7.8
Ressonâncias Sócio-Políticas em Ipatinga	1.10 / 3.9 / 5.5, 5.9, 5.22 / 6.7, 6.11, 6.19, 6.20, 6.21, 6.22, 6.23, 6.25, 6.27
O Conflito e sua Contribuição	1.1, 1.4, 1.13 / 2.3 / 3.11 / 4.1, 4.5 / 5.1, 5.3, 5.8, 5.18, 5.19 / 7.1, 7.2, 7.5, 7.6, 7.10, 7.11, 7.12
O que foi o Conflito de 1963?	1.5 / 3.5 / 5.4, 5.17, 5.23 / 6.1, 6.2, 6.6 / 7.9

1.4.2 Quadro de Convergências

Quadro 23

Asserções		Unidades de Significado	Categorias Abertas
2.2	6.20	▪ Constituição da Cidade ▪ Ressonâncias Sócio-Políticas de Ipatinga	Cidade de Ipatinga
3.10	6.21		
6.10	6.22		
1.10	6.23		
5.9	6.25		
6.19	6.27		
4.3	6.13		
6.11	6.14		
6.12	3.9		
5.5	5.9		
5.22	6.7		
7.3			
2.5	6.30	▪ Crescimento dos Movimentos Sociais em Ipatinga ▪ A Formação, Conscientização e Aprendizado nos Movimentos Sociais ▪ Processo de Democratização	Movimentos Sociais e sua Educabilidade
5.16	6.31		
6.16	2.1		
6.24	2.4		
6.26	6.18		
6.28	6.29		
7.14	2.6		
7.15	3.12		
5.11	5.13		
5.14	5.2		
5.15	6.9		
5.20	7.13		
5.21	6.15		
3.2	3.3		
4.2	3.6		
3.7	3.1		

7.4	3.8	▪ A Ideologia da Empresa ▪ Empresa e Trabalhadores	A Usiminas (Empresa)
1.2	4.4		
1.8	5.6		
1.9	5.7		
1.11	7.7		
1.12	7.8		
7.11			
1.4	1.5	▪ O Conflito e sua Contribuição ▪ O que foi o Conflito de 1963? ▪ Memória Subterrânea	O Conflito de 1963
1.13	3.5		
2.3	5.4		
3.5	5.17		
5.4	5.23		
5.5	6.1		
5.8	6.2		
5.18	6.6		
5.19	7.9		
7.1	3.4		
7.2	6.3		
7.5	6.4		
7.6	6.5		
7.10	6.8		
7.9	7.13		
7.12	1.1		

Nos próximos capítulos, irei, a partir das categorias abertas, articular a fala dos depoentes com os autores que se identificam com o tema em estudo, utilizando como ponto de referência as unidades de significado que foram construídas através das asserções formadas pela fala dos depoentes.

Assim, a seguir escrevo sobre o surgimento do município de Ipatinga, a chegada dos trabalhadores que vieram da zona rural para a urbana em busca de uma vida melhor e das

mudanças sócio-econômica e políticas ocorridas em função do crescimento do município e da empresa Usiminas.

2 A CIDADE DE IPATINGA

O presente capítulo vem abordar a história de Ipatinga, que se confunde com a história da empresa Usiminas. É fato que junto ao crescimento da cidade, em parte planejada pela empresa, assistimos, também, ao florescer das questões sociais e políticas advindas devido ao crescimento econômico e populacional da cidade. O texto apresenta também o surgimento de movimentos sociais que viam na mobilização popular uma alternativa de lutar por políticas públicas.

2.1 Formação e Crescimento

Considerada uma das principais cidades da região do Rio Doce, Ipatinga possui um perfil industrial focado na atividade metalúrgica. Tanto o município quanto o nome nasceram de uma pequena estação de ferro projetada pelo engenheiro Pedro Nolasco. A história relata que surgiu a partir da união dos radicais vocabulares IPA (de Ribeirão Ipanema) e TINGA (município vizinho Caratinga). Mas, por serem as palavras de origem indígena, de acordo com pesquisas lingüísticas, em tupi significa “pouso de água limpa” (I + PA + TINGA).

Sua formação teve início no século XX com a construção da ferrovia o que atraiu um grande número de imigrantes. Naquela época, segundo censo de 1950, grande parte da população trabalhava no setor agropecuário com o objetivo de subsistência, porém a implantação da companhia Acesita, em 1944, na cidade de Timóteo e da Usiminas, em 1958, em Ipatinga, gerou um maior crescimento demográfico e conseqüente transformação do trabalho, ou seja, houve a descaracterização rural em vista da formação do trabalho industrial, conferindo-se destaque à área urbana.

Necessário ressaltar, segundo Rueda (1991), que o período de formação da cidade e da Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (USIMINAS) ocorreu em um momento de grande desenvolvimento econômico e de transformações sociais essenciais para as profundas mudanças que surgiram na sociedade, fossem elas de cunho nacionalista e democrático ou autoritarismo militar.

Em 1955, com Juscelino Kubitschek na Presidência da República, o Brasil alavancou a economia com a realização de vários projetos entre eles: “a construção de Brasília, a expansão da rede rodoviária, a implantação da indústria automobilística, a

expansão da siderurgia, a construção das usinas hidrelétricas, etc.” conforme Singer (1977, *apud* RUEDA, 1992, p. 22). Sendo assim, para que o processo de industrialização ocorresse, era fundamental que iniciasse a expansão siderúrgica no país, uma vez que o aço era matéria-prima essencial às obras em andamento.

Nesse período, houve a abertura da economia brasileira ao capital internacional e conseqüente interesse do capital japonês em aderir à expansão siderúrgica com o fim de demonstrar sua capacidade técnica e colaborar na implantação da Usiminas em Minas Gerais. Conforme Rueda (1991), no início, a cidade de Ipatinga tinha como objetivo principal criar condições de sobrevivência à população responsável diretamente pela produção de aço. Vale destacar a presença de diversos japoneses no Brasil devido à carência de profissionais especializados na área de siderurgia. O gerenciamento da Usiminas era realizado pelos japoneses, segundo a depoente (Professora de Letras, 7.3), apesar da ausência de mão-de-obra, “a implantação de uma cultura externa foi recebida com ressalvas pelos trabalhadores que reagiram”, sendo o seu comando transferido aos brasileiros a partir de 1966.

De acordo com Pereira (1985), entre as décadas de 60 e 70, a cidade experimenta um crescimento intenso em função da instalação da empresa e da inexistência de mão-de-obra local, provocando a migração da população do campo para a cidade, inclusive de pessoas de outras regiões do estado. A implantação da Usina na cidade de Ipatinga foi uma escolha realizada pelos japoneses que, na época, possuíam 40% do capital da empresa. Assim é importante destacar os fatores que influenciaram na escolha do local, entre eles ressaltamos os seguintes:

- 1 – Proximidade entre as fontes de matérias-primas (Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais);
- 2 – Malha ferroviária local, proximidade com o porto de Vitória e rodovias, favorecendo o escoamento da produção no Brasil e no exterior;
- 3 – Energia elétrica fornecida pela usina de Sá Carvalho na época. Hoje, pela Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG);
- 4 – Recursos hídricos através do Rio Piracicaba, afluente do Rio Doce.

Fatores de avaliação para escolha da localização da Usiminas

Fatores	Valor dos Fatores	Belo Horizonte	Vale do Paraopeba	Lafaiete	Ipatinga (Acesita)	Governador Valadares
1. Topografia e Possibilidade de Expansão	0-5	2	1	2	4	5
2. Valor do terreno	0-5	1	3	3	5	2
3. Localização da Matéria-Prima	0-20	10	10	10	15	10
4. Transporte Ferroviário e Rodoviário	0-10	10	4	4	8	8
5. Captação de água	0-20	5	10	5	20	20
6. Fornecimento de Energia Elétrica	0-10	8	5	5	10	8
7. Distância do Porto de Vitória	0-20	5	1	1	15	20
8. Distância do Rio e São Paulo	0-10	8	5	8	2	3
9. Obtenção de Materiais de Construção	0-10	10	6	6	4	4
10. Existência de Habitação	0-5	5	0	0	2	2
11. Serviços de Utilidade Pública	0-5	5	0	0	3	4
12. Obtenção de Mão-de-Obra	0-10	10	3	3	5	7
13. Transporte Aéreo	0-2	2	0	0	1	0
14. Existência de Indústrias Correlacionadas	0-30	15	0	3	25	5
TOTAIS	162	96	48	50	119	98

Fonte: PIMENTA, D. J. USIMINAS – empresa nipo-brasileira. In: _____. Implantação da grande siderúrgica em Minas Gerais. Belo Horizonte, UFMG, 1967. p. 163-214. Informação: p. 167.

Figura 1 – Relação dos fatores que influenciaram na escolha do local
Fonte: Acervo Pessoal de José Augusto Moraes - 2008

Portanto, paralelos à sua implantação, surgem as carências sociais, falta de infraestrutura e controle social rígido da empresa. A partir daí, nascem também os conflitos sociais. Os trabalhadores começam a observar o tratamento diferenciado dado aos empregados da Usina em relação a eles. Ou seja, dependendo da categoria da qual faziam parte, os funcionários recebiam um determinado tipo de regalia. Poder-se-ia dizer que o grupo de trabalhadores da Usina se organizava em quatro tipos: operários, chefes, engenheiros e

japoneses o que, de acordo com a depoente (Pedagoga, 6.14), “a cidade foi planejada para atender a necessidade de controle da empresa sobre a vida dos trabalhadores”.

O planejamento da cidade revelava de maneira explícita o ambiente de trabalho dos funcionários, retratando através de sua construção uma cidade hierarquizada. Inevitavelmente, a cidade planejada da Usina funde-se a Ipatinga “dos carvoeiros, dos comerciantes, dos fazendeiros locais, das prostitutas, dos peões que construíram a usina” Rueda (1991, p. 23).

A emancipação de Ipatinga só veio a acontecer em 29 de abril de 1964. Segundo Moraes (2006), a lentidão em emancipar a cidade partiu do receio em criar, na região do Vale do Aço, um novo ABC Paulista, face ao aglomerado de indústrias instaladas na região (Belgo-Mineira, Acesita e Usiminas) e conseqüentemente a formação de uma massa operária significativa.

Em função do progresso da Usina, o município de Ipatinga e regiões vizinhas começam a visualizar o desenvolvimento sócio-econômico. Junto ao enriquecimento, houve um crescimento populacional na cidade em busca de trabalho, e com isso o surgimento de uma nova fase de desenvolvimento, em que as atividades implantadas visavam atender às necessidades de produtos e serviços da siderúrgica, conforme afirma Moraes (2006). Esse fato levou a usina investir US\$60 milhões na construção da cidade. Partiu da empresa “a construção e manutenção de clubes esportivos, colégio, hospital e cooperativas de crédito e de consumo” Rueda (1991, p. 17), sendo que a oferta de programas de benefício monetário e não monetário eram utilizados pela empresa para atrair e fixar a mão-de-obra qualificada.

Observa-se que Ipatinga era uma região estruturada e dominada pela empresa que vivia em função do capitalismo e buscava esse fortalecimento com o apoio dos políticos locais.

2.2 Ressonâncias Sócio-Políticas de Ipatinga

Com a Usiminas instalada, Ipatinga se desenvolvia junto ao poder político. Do ponto de vista da população, entre 1960 e 1970, houve um aumento significativo. O número de habitantes da cidade que em 1960 era de 9.114 deu um salto populacional, elevando a população do município em 1970 para 47.882 habitantes conforme dados do perfil do município de Ipatinga (2007).

O aumento da população, em especial o número de metalúrgicos que, segundo Rueda (1991), representava 1/3 da população total ocupada, motivou a expansão do setor terciário, bancos, comércio, setor público e correlato. Na política, era reduzida a participação dos trabalhadores da Usiminas, uma vez que buscavam resolver seus problemas sociais como: alimentação, saneamento, energia, educação, etc. diretamente com a empresa.

Os demais habitantes da cidade, atraídos pelo crescimento econômico da cidade, conforme afirma Rueda (1991, p. 19), “peões, empregados na construção da empresa, trabalhadores rurais expulsos do campo pelo reflorestamento, profissionais liberais”, passaram a ser eleitores e base de sustentação dos políticos da região, repetindo assim as práticas de políticas assistencialistas existentes no país. Assim, os políticos de Ipatinga, originados de comerciantes e fazendeiros, tiveram seu patrimônio valorizado em função da proximidade de suas terras às áreas da Usiminas. Os partidos e políticos locais estavam articulados com a empresa. Apesar disso, o município obtinha recursos vindos da reforma tributária de 1966 que cria o ICM e da própria Usiminas instalada no município, ou seja, a administração municipal não tinha problema com recursos financeiros.

Na década de 70, a receita da cidade cresceu exorbitantemente. Os investimentos realizados ficaram em torno de US\$ 56 milhões. As despesas com folha de pagamento dos funcionários da prefeitura eram por volta de 30% da receita total. As despesas com a folha de pessoal eram incertas devido à má administração do dinheiro público que era justificada pelas demissões, política salarial indefinida e atrasos de pagamentos conforme argumento de Rueda (1991).

Através do clientelismo, os prefeitos criavam sua base eleitoral. Na década de 80, o crescimento populacional da cidade chega a 150.417 habitantes, segundo dados do perfil do município de Ipatinga (2007). Com esse crescimento exacerbado, começam a se formar bairros e moradias irregulares com condições precárias de sobrevivência. Dessa forma, os problemas sociais somados ao constante desenvolvimento econômico do município surgem e, com eles, também a necessidade de ampliar o sistema viário e redefinição da malha de transporte em função do escoamento da produção das indústrias da região. Foi a partir desses problemas que, conforme afirma Moraes (2006), a Companhia Urbanizadora do Vale do Aço (CURVA), através de “um programa de obras, reorientou a estrutura urbana da cidade e corrigiu problemas que têm origem no processo de sua formação”. Nesse aspecto, o depoente (Assessor Parlamentar, 3.10) expõe que “os movimentos sociais impulsionaram o crescimento do município”, o que nos faz ter convicção de que as mudanças ocorridas no município aconteceram principalmente devido à grande mobilização das pessoas.

Sendo assim, a depoente (Pedagoga, 6.21) acredita que “a implantação de políticas públicas é fruto de luta dos trabalhadores”, e, portanto, visualiza o movimento como um dos responsáveis pela urbanização dos bairros populares da cidade.

Importante observar que, na época, as obras geraram grande influência de alguns políticos. Sendo assim, podemos entender que a carência social e econômica da população, o uso descontrolado da receita municipal com fins exclusivos e a completa desorganização da sociedade civil foram suficientes para angariar votos e reeleger várias vezes os políticos no município de Ipatinga, afirma Rueda (1991).

No campo religioso, em 31 de março de 1963, a cidade já possuía seu primeiro pároco, o Senhor Padre João de Oliveira, mas foi em 1985, com a chegada do Padre Ernesto de Freitas, que a Igreja junto à comunidade teve um papel mais efetivo e coerente com os anseios da população. Segundo Moraes (2006, p.110), “cria-se, então, a Comissão de Direitos Humanos, a Pastoral da Favela, o Movimento Mulher Marginalizada; a Comissão da Pastoral da Terra e a Iniciação Teológica”. Observamos assim o crescimento da Igreja e seu envolvimento direto nos problemas sociais do município, que é confirmado na fala do depoente (Ex-metalúrgico, 5.11) “a pastoral operária junto aos movimentos populares motivou e colaborou com a criação de vários órgãos representativos dos trabalhadores”.

Constata-se que, nesse contexto, é que foi se “constituindo um processo contínuo de conscientização e organização da população excluída” (BRAGA, 2008, p. 10). Necessário destacar que, nesse período, a participação da ala progressista da Igreja foi fundamental para a organização popular. Atualmente, assistimos ao avanço econômico e cultural da cidade, como pode ser atestado pela citação do documento da Secretaria de Esporte, Cultura e Lazer de Ipatinga:

Projetos de infra-estrutura urbana são priorizados para atender a todos os bairros periféricos, planos educacionais, de saúde, meio-ambiente e esportes se tornam referência em nível estadual e nacional; grupos culturais organizados implantam atividades modernas e avançadas, abrangendo diversas áreas da cultura. (MINAS GERAIS, Secretaria Municipal de Esporte, Cultura e Lazer de Ipatinga, 2007).

Para uma melhor compreensão da história dos diversos movimentos sociais que nasceram em Ipatinga, no próximo capítulo, irei abordar o surgimento da empresa Usiminas, a cultura desenvolvida pela mesma e sua relação com os trabalhadores que foram, desde sua implantação, fundamentais para a conclusão de um projeto industrial de grande relevância para o município, estado e, principalmente, para o país.

3 A USIMINAS (Empresa)

O texto a seguir relata o surgimento da Usiminas, bem como sua implantação e organização no município de Ipatinga, e concomitantemente o planejamento da cidade idealizado pela empresa para atender sua demanda. No decorrer do capítulo, também será registrado o perfil dos trabalhadores e o tratamento que esses recebiam pela empresa dentro e fora de seu recinto.

3.1 A Ideologia da Empresa

Conforme Moraes (2006), a Usiminas nasceu do conflito entre vários setores empresariais que viam, no setor industrial, uma abertura de crescimento em suas respectivas regiões, mais específico no triângulo Rio – Minas – São Paulo.

Em 1938, a Sociedade Mineira de Engenheiros já despertava o desejo de criar uma usina siderúrgica na região dos minérios. Porém, o presidente da República Getúlio Vargas, contrariando a vontade dos empresários mineiros, implantou a primeira usina a coque no município de Volta Redonda no Rio de Janeiro. Somente em 1955, com Juscelino Kubitschek eleito presidente da República, conforme afirma o autor, é que Minas Gerais conseguiu implantar a usina, sendo o seu projeto elaborado pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG).

Importante ressaltar a pressão existente na época pelo capital estrangeiro em participar ativamente da área econômica no Brasil. Esse fato veio a se confirmar no governo de Juscelino Kubitschek que incentivou e atraiu as multinacionais para o país.

Assim, considerada a “menina dos olhos do Estado de Minas Gerais” segundo Moraes (2006, p. 77), em 1958, na presença do presidente da República, é lançada a pedra fundamental simbolizando o início da construção e implantação da empresa.

Necessário registrar que, na época, o município de Ipatinga não tinha mais que 300 habitantes. Portanto, foi com o esforço dos trabalhadores que chegavam de toda a parte do país, que a empresa se estruturou.

Nesse sentido, na busca por trabalho, esses funcionários enfrentaram diversas dificuldades impostas por um lugar que ainda não havia se constituído cidade e, portanto, não oferecia condições dignas de sobrevivência. A carência de alimentação, moradia, ausência da família, lazer, e transporte deixavam explícita a condição subumana a que eram submetidos.

Pereira (1985) relata que a cidade de Ipatinga foi planejada pelo arquiteto Raphael Hardy e financiada pela Usiminas de maneira a atender às exigências da mesma, ou seja, construir uma cidade funcional e hierárquica. Portanto, através das imagens da cidade na década de 60, data em que a cidade foi planejada, podemos constatar a veracidade da afirmação feita pelo autor quando afirma o desejo da empresa em separar, hierarquizar e excluir o espaço social. Constata-se, assim, que a divisão do espaço era também de acordo com o espaço ocupado no interior da empresa: “bairros para operários, bairros para técnicos, bairros para engenheiros, bairros para diretores da empresa”. Essa distribuição deixava bem explícito o lugar de cada um na sociedade ipatinguense.



Figura 2 - Observamos a cidade planejada de Ipatinga.
Fonte: Acervo Pessoal de José Augusto Moraes - 2008



Figura 3 – A cidade em fase de organização.

Fonte: Acervo Pessoal de José Augusto Moraes - 2008

De acordo com Arroyo (2002, p. 80), existe uma estratégia para humilhar a capacidade intelectual e moral dos trabalhadores no trabalho. Utilizam para isso as condições precárias de trabalho e vida a que são submetidos, a repressão e o medo sobre os trabalhadores. Apesar de tudo, Arroyo cita que a classe trabalhadora tem conseguido progredir na sua formação e buscado seu espaço como sujeito central na sociedade.

Sobre esse assunto, Gohn (2003, p. 91) argumenta que:

O Estado passa também a intervir na sociedade por meio de políticas sociais de cunho clientelístico, objetivando integrar na cidade as massas recém deslocadas do campo, e ganhar sua simpatia por meio de sistemas de barganhas: o voto pela melhoria urbana, de qualquer natureza.

Sendo assim, no período de 1945 a 1964, houve uma “intervenção do Estado na economia” (GOHN, 2003, p. 91), com o fim de oferecer mecanismos para a nova fase de crescimento do capital. Essa posição do Estado vem justificar a dimensão que as obras em setores como rodovias, siderúrgicas, etc. tiveram na época.

Além do controle externo realizado pela empresa, de acordo com Rueda (1991), a Usiminas possuía um sistema de segurança formado por militares oriundos de serviços governamentais de informação. Militares estes que tinham como função qualificar o sistema de vigilância interna da Usiminas e aplicar atividades de repressão, conforme o momento

político vivido na época. Noronha (2004, p. 65) argumenta que “o processo de dominação era direto e transparente na relação patrão-empregado, levando a enfrentamentos mais visíveis e dolorosos do que nas relações capitalistas mais desenvolvidas.” Esse fato vem se valer com o Inquérito Policial Militar (IPM), instalado contra os padres em 1969¹, que, sem prova cabal, foram absolvidos, e a constante vigilância do poder Legislativo e Executivo Municipal deixando explícito o comprometimento da participação desses seguranças.

Observa-se que, na cidade, era notório o controle político e sindical pela Usiminas, especialmente pelo regime militar no país, a forma de gerenciar a mão-de-obra e os funcionários voltados para o seu meio de trabalho. Ou seja, todas as ações da empresa na vida dos trabalhadores, principalmente, eram uma demonstração clara de que “as pessoas tinham sua identidade negada” (Assessor Parlamentar, 3.2). Um exemplo desse controle foi a iniciativa da empresa em fundar o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Ipatinga (SINDIPA), em 1º de maio de 1965, tendo como presidente Alberto Maciel Soares, funcionário da Usiminas e indicado pela empresa para assumir o controle de um sindicato que deveria ser representante do trabalhador e não da empresa.

Apesar de todo esse domínio, assistimos ao crescimento da cidade e à expansão da Usina, que elevou o nível de emprego no município, melhorou sua tecnologia, conquistou novos mercados com seu padrão de qualidade. Enfim, ao final década de 70, estava preparada tanto para vender aço quanto tecnologia.

No próximo tópico, irei abordar o relacionamento da empresa com seus trabalhadores, com o objetivo de compreender a fala do depoente (Sacerdote, 4.2), quando este coloca que “o sistema de trabalho e a ideologia imposta pela empresa teve um significado maior que o conflito” dos trabalhadores em 1963.

3.2 Empresa e Trabalhadores

Ao levar em consideração o avanço da Usiminas no mercado, torna-se pertinente conhecer um pouco do perfil de seus trabalhadores. De acordo com a autora Rueda (1992), até 1979, 67% dos trabalhadores tinham apenas o curso ginásial e apenas 7,2% desses possuía curso superior. Esses dados, segundo Gomes (2002), vêm comprovar a desqualificação dos

¹ Após a revolução de 1964, houve oito Inquéritos Policial Militar (IPM) contra os padres. O IPM começou quando a pastoral chamou o povo à reflexão, o que passou a ser um perigo para os poderosos. Esta atitude abalava toda a estrutura de um mundo plantado ali como um mundo de dominação, um mundo capitalista [...]. (RUEDA, 1992, p. 64)

funcionários no exercício de seu trabalho, o que para a organização capitalista do trabalho pode ser considerada como um dos fatores que favorecem a dominação sobre os trabalhadores. Essa afirmação mostra a questão da subserviência do trabalhador em função da empresa, que é, na verdade, o reflexo de sua pouca escolaridade e dificuldade de compreender o processo de exploração da força de trabalho existente na época.

Já no entendimento de Noronha (2004), a disciplina é que é uma questão importante no setor empresarial, uma vez que as práticas de controle do trabalho ao longo dos anos nunca deixaram de existir, mas sim foram modificadas. Pode-se mencionar, explicitamente entre eles, a educação que assume o compromisso de trabalhar o disciplinamento, que de forma intensa, porém, lenta, foi aplicada aos trabalhadores urbanos em detrimento do crescimento industrial.

Apesar disso, os trabalhadores, segundo a autora, não estavam apáticos à situação que se apresentava, pelo contrário. Nesse sentido, o confronto mostra que a imposição de uma disciplina injusta de trabalho ao trabalhador não ocorre com facilidade, mas, ao contrário, gera uma resistência. Portanto, a mobilização dos trabalhadores impede que a consolidação do sistema vigente seja eficaz e deixa transparente a capacidade da classe trabalhadora em articular e defender seus interesses de transformação da realidade que lhes é imposta.

Importante frisar que o Estado e os empresários sempre atuaram em conjunto para sanar as resistências oriundas do trabalho. Sendo assim, com o crescimento industrial, a produção era garantida através da exploração maciça dos trabalhadores o que ocasionava algumas revoltas, afirma a autora. Essa afirmação vem ao encontro também da fala do depoente (Ex-sindicalista, 1.2), quando diz que “a empresa agia de modo cruel com os trabalhadores”, uma afirmação que denota o descaso da empresa sobre os mesmos.

Um exemplo desse descaso são as condições precárias de vida e trabalho a que os trabalhadores eram submetidos. Em 1963, somente chefes e dirigentes tinham casa própria. A habitação para 60% dos funcionários constituía-se de barracos de madeira de 3 x 3m, sem sanitários, onde se agrupavam 8 pessoas. **O transporte era realizado em caminhões abertos sem nenhuma segurança.**

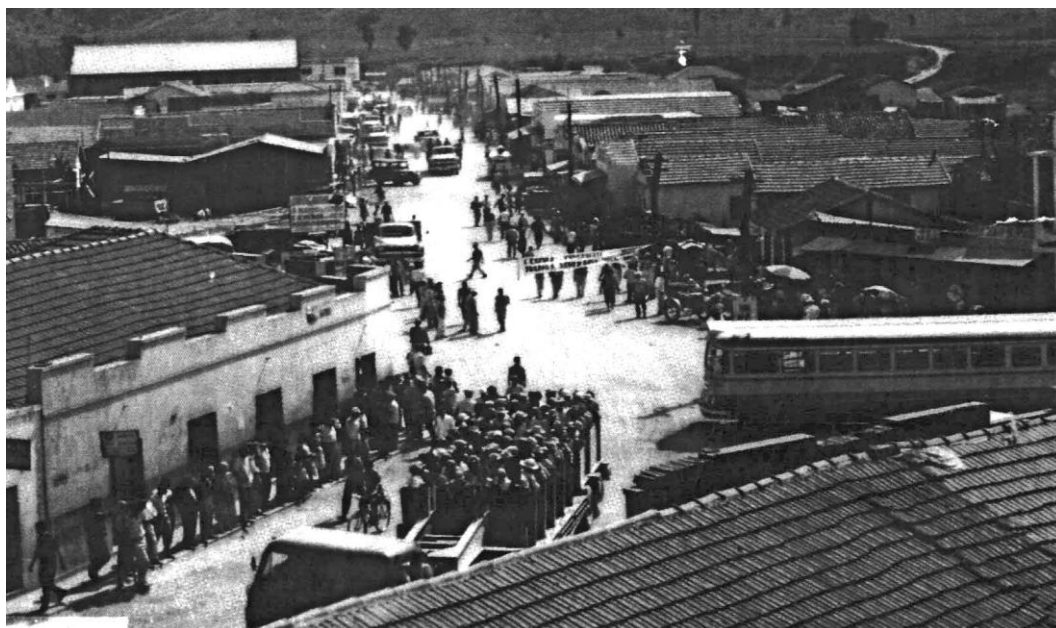


Figura 4 – Transporte dos trabalhadores em caminhões abertos.
Fonte: Acervo Pessoal de José Augusto Moraes - 2008

A entrada no clube Usipa (construído pela empresa) era proibida aos operários. A alimentação fornecida pela empresa era de má qualidade e servida em condições desumanas. Segundo afirma Pereira (1985, p. 55), “... se assusta vendo os operários almoçarem: sentados no chão, sol quente, fora do prédio, que não dá pra todos lá dentro... o custo de vida é muito mais alto do que em Belo Horizonte.” Essa citação confirma o depoimento (Sacerdote, 4.4), quando ele relata que “a empresa não estava atenta às necessidades dos seus empregados”. Na entrada e saída da fábrica, os operários eram revistados pelo corpo de vigilantes que faziam constantes ameaças. Batidas noturnas para manter o controle e imprimir medo eram também constantes nos acampamentos.

É dentro desse contexto, que Noronha (2004, p. 66) ressalta que “a necessidade de disciplinar todo o espaço do trabalhador se fazia sentir para que os requisitos de docilidade, sobriedade e responsabilidade fossem produzidos para além do espaço do trabalho”.

Porém, para a depoente (Professora de Letras, 7.11), a resistência ao que nos é imposto leva-nos a acreditar que “a luta nos movimentos pode ter prejudicado a vida pessoal do trabalhador, mas a sua luta, o coletivo, provocou avanços essenciais na melhoria da condição de trabalho da classe”. Observa-se que essa decisão, em atuar contra a exploração da força de trabalho exercida pela empresa, deu origem a uma revolta geral dos operários repercutindo posteriormente na vida, no trabalho, nas relações empresa e trabalhador como veremos no capítulo 4 em que descrevo o acontecimento de 07 de outubro de 1963.

4 O CONFLITO DE 1963

Neste capítulo, irei abordar o conflito entre os trabalhadores da empresa Usiminas e os policiais militares ocorrido em 07 de outubro de 1963 e, através da fala dos depoentes e estudo de alguns autores sobre o assunto, procurar compreender a contribuição que esse acontecimento proporcionou do ponto de vista de suas conseqüências, observando, paralelamente, a lembrança que os depoentes têm sobre o conflito que posteriormente ficou conhecido como massacre de Ipatinga.

4.1 O conflito, sua contribuição e memória coletiva

Segundo Pereira (1985), a greve geral deflagrada pelos trabalhadores, em 07 de outubro de 1963, foi uma decisão conjunta dos trabalhadores que reivindicavam vários direitos negados, conforme exposto no capítulo anterior. Mas, paralelo a essas reivindicações, também existia o controle arbitrário da vigilância da empresa associado à repressão aplicada pelos policiais militares sem uma justificativa plausível.

De acordo com o autor, o surgimento de roubos na empresa transformou o sistema de vigilância mais severo e violento, o que agravou ainda mais a revolta dos funcionários. Assim, no dia 06 de outubro, às 22 horas, ao término de mais um turno, os trabalhadores revoltados com a situação resolvem romper o portão de saída e impedir a revista realizada pelo corpo de vigilância. Percebendo o descontrole da situação, a polícia invade o acampamento Chicago Bridge², na mesma noite, e aplica uma série de atos violentos, sendo o estopim para a revolta geral dos operários.

No dia 07 de outubro de 1963, os operários, indignados com as más condições de moradia, salário baixo e maus-tratos pelos vigilantes da empresa, resolvem ocupar a fábrica e realizar uma mobilização geral. Reprimidos pelos policiais com rajadas de metralhadora, o

² Chicago Bridge era um acampamento de madeira coberto de zinco que tinha sido utilizado por empregados de empreiteiras. Abrigava cerca de 300 operários, sendo o mais visado pela cavalaria (PEREIRA, 1985. p.71 e 76).

conflito teve como resultado dezenas de operários e pessoas, que estavam próximos do local, mortos e feridos.

O conflito dos trabalhadores com os policiais, em 1963, foi a luta política de classe mais importante e significativa da cidade de Ipatinga, porque de acordo com o depoente (Ex-metalúrgico, 5.5) “o conflito despertou os trabalhadores na luta por direitos humanos”. Gomes (2002) coloca que existe um aprender coletivo quando se realiza uma greve geral, e que esta reflete negativamente no processo de produção da empresa devido à sua paralisação imediata. Considera a mobilização como um momento satisfatório para identificar de maneira mais objetiva questões que são de interesse de todos os trabalhadores e um momento oportuno para o surgimento de várias lideranças. Acredita, portanto, que a formação operária se encontra no bojo do movimento operário, que associa a sua luta aos estudos e questionamentos pertinentes às práticas e à ideologia capitalista.

Pereira (1985) cita que o conflito gerado serviu como um ensaio do que poderia ocorrer em 31 de março de 1964 com a revolução militar. O sistema de repressão, tortura e intimidação realizado na época foi, na verdade, aplicado para avaliar o quanto a classe trabalhadora brasileira estava organizada e como esta reagiria diante de um possível confronto com os militares. Assim, segundo o autor, os trabalhadores de Ipatinga foram as primeiras vítimas das práticas de torturas pelos militares, por ordem do então governador de Minas Gerais, José de Magalhães Pinto.

O depoente (Assessor Parlamentar, 3.5) contesta a afirmação do autor ao argumentar que “o conflito foi um acontecimento local”, sem nenhuma relação com a revolução de 1964. Para Le Ven (2005), entre 1962 e 1963, apesar do Brasil, em específico Minas Gerais, estar vivendo um período democrático, ele entende que o golpe, na verdade, é uma continuidade de ações anti-democráticas que vão se firmando com o apoio do segmento das elites mineiras. Dessa maneira, podemos ver que, na época, existia pouca aceitação da política que se construía entre os trabalhadores da área urbana e rural.

Necessário ressaltar que, na década de 60, a tortura, segundo Gaspari (2002, p. 134), era uma prática comum utilizada nas investigações com o fim de “combater a corrupção e a subversão” e junto a essa prática a implantação de inquéritos policiais e militares. Segundo Pereira (1995), para comprovar que a ação dos dezenove militares envolvidos no acontecimento foi arbitrária e temendo uma maior revolta dos operários, o comandante geral da Polícia Militar, Cel. José Geraldo de Oliveira, deu ordem de prisão os militares da cidade, retirou-os da cidade e os encaminhou ao Batalhão de Guardas em Belo Horizonte, foram

presos e ficaram à disposição da justiça militar que iria instaurar um Inquérito Policial-Militar³ para julgar o incidente ocorrido entre os policiais e operários da Usiminas.

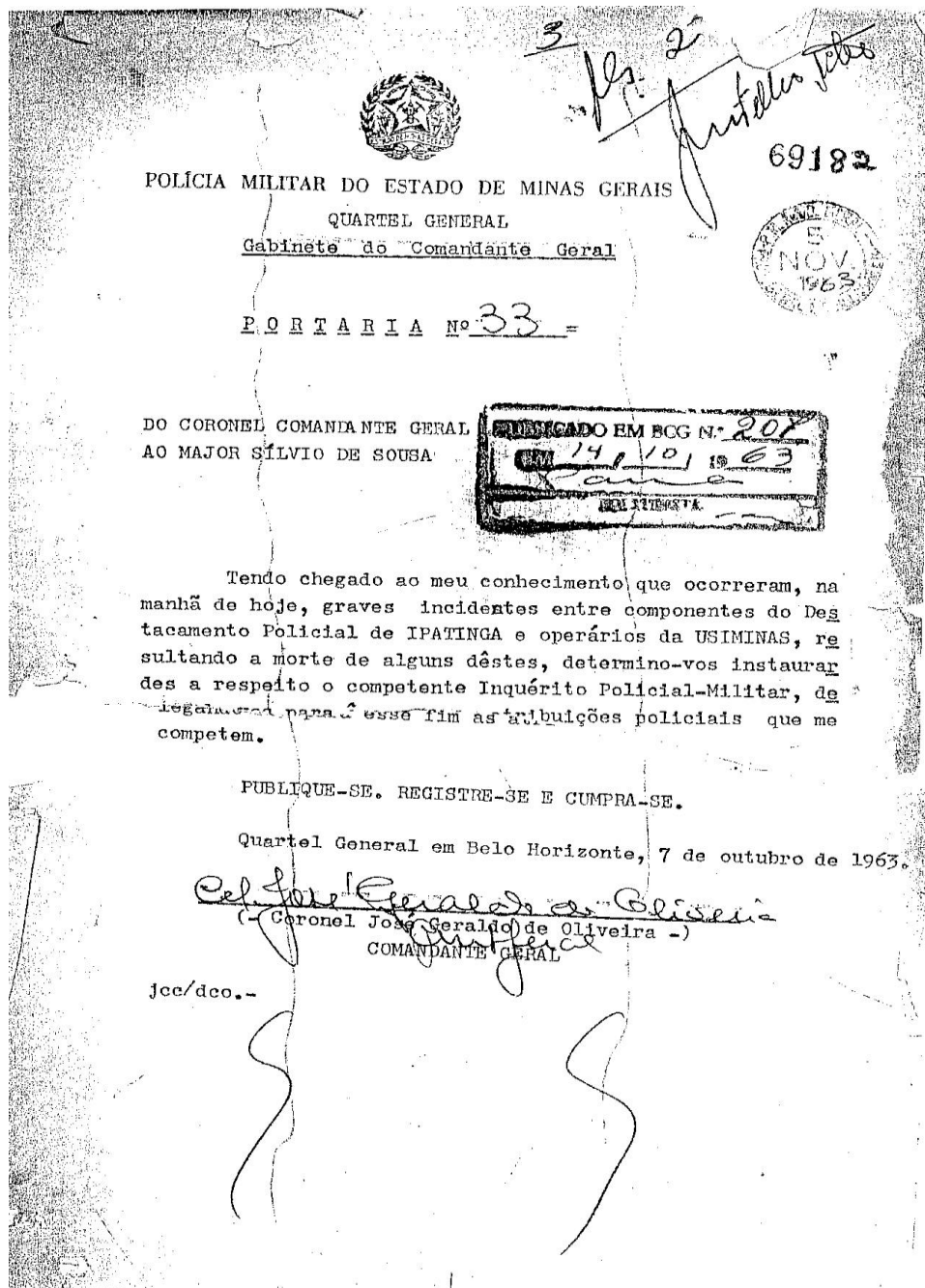


Figura 5 – Documento que comprova a instauração do Inquérito Policial Militar. Acervo Pessoal - 2008

³ Inquérito Policial Militar (IPM) julgou os dezenove militares envolvidos no massacre de Ipatinga. Por decisão do Tribunal de Justiça os réus foram condenados a um ano e dois meses de detenção, transformada em prisão na forma do art. 42 do CPM.

Independente de existir ou não uma relação do conflito com o golpe militar, o importante é que foi um acontecimento público e reconhecido posteriormente pelo governo brasileiro, por meio da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, instalada pelo Ministério da Justiça e criada pela lei 9.140/95, que é vinculada à Secretaria Especial de Direitos Humanos, criada em 2004.

É necessário ressaltar que a Comissão foi formada com o fim de analisar e reconhecer os processos de indenização apresentados pelos familiares das vítimas que participaram de conflitos e sofreram repressão do estado entre 02 de setembro de 1961 a 05 de outubro de 1988 (BRASIL, 2007). Abaixo transcrevo documento oficial do Brasil em que o estado assume a responsabilidade pelas mortes e desaparecimentos ocorridos durante o regime militar:

A Comissão Especial foi criada pela Lei 9.140/95, que juntamente com a Lei 10.536/02 e a Lei 10.875, estabelece a responsabilidade do Estado por mortes e desaparecimentos de pessoas que morreram em dependência policial ou assemelhada, cometeram suicídio forçado, que se suicidaram por causa dos traumas psicológicos resultantes da tortura ou foram mortas em passeatas e manifestações políticas em confronto com a polícia entre 02 de setembro de 1961 e 05 de outubro de 1988... (BRASIL, 2007)

Amparada nas leis 9.140/95, 10.536/02 e 10.875/04, a Comissão aprovou quatro processos referentes às vítimas do Massacre de Ipatinga.

Em 17 de fevereiro de 2004, na primeira reunião ordinária da Assembléia Legislativa de Minas Gerais, foi aprovado o requerimento de nº. 1.618/2003 que solicitava cópia do acordo firmado entre a USIMINAS, Sindicato dos Metalúrgicos de Coronel Fabriciano e Governo Estadual para efetivar a indenização das vítimas participantes do Massacre de Ipatinga.

RQN 1.618/2003, da Comissão de Direitos Humanos, que pede à Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Esportes cópia do acordo firmado entre a direção da Usiminas, o Sindicato dos Metalúrgicos de Coronel Fabriciano e representantes do governo do Estado para a indenização das vítimas do "Massacre de Ipatinga". (MINAS GERAIS, Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2007)

Conforme Noronha (2004, p. 65), movimentos como esses representam a afirmação de que os trabalhadores, ao se organizarem, expressam, através de suas lutas, o seu descontentamento e negação do que lhes é imposto como certo e viável. Nesse sentido, o confronto mostra que a imposição de uma disciplina injusta de trabalho ao trabalhador não ocorre com facilidade, mas, ao contrário, gera uma resistência. Portanto, a mobilização dos trabalhadores impede que a consolidação do sistema vigente seja eficaz e deixa transparente a capacidade da classe trabalhadora em articular e defender seus interesses de transformação da

realidade que lhes é imposta. De acordo com a depoente (Professora de Letras, 7.11), “a luta nos movimentos pode ter prejudicado a vida pessoal do trabalhador, mas a sua luta, o coletivo provocou avanços essenciais na melhoria da condição de trabalho da classe”, essa afirmação comprova a veracidade da influência de um movimento nas mudanças que surgiram posteriores ao conflito de 1963.

Para a depoente (Professora de Letras, 7.6), “a organização dos trabalhadores foi importante para a conquista de alguns direitos e mudança de relacionamento com a empresa”. Essas mudanças foram observadas logo após o conflito e, de acordo com o argumento de Pereira (1995), a empresa junto aos trabalhadores firmou um acordo se comprometendo a rever o quadro de vigilantes, realizar um inquérito administrativo, implantar um salário igualitário em funções idênticas, pagar diferença correspondente ao acordo salarial, exercer com dignidade o controle de entrada e saída dos funcionários da empresa e, por último, a não punir os trabalhadores que tenham participado do conflito.

Lamentavelmente, o acordo não se consolidou. Em 1964, com o golpe militar, trabalhadores politizados foram demitidos, líderes sindicais cassados e entidades fechadas, direitos dos trabalhadores desrespeitados, enfim era o reflexo da ditadura militar instalada no país em Ipatinga. Diante dos acontecimentos, o conflito, relata o depoente (Sacerdote, 4.1), contribuiu também para o “entendimento da exploração e humilhação do trabalhador”, o que justifica o aumento e a intensidade com que a classe de trabalhadores e sindicatos atuaram na década de 50 e 60 em campanhas e greves como argumenta Le Ven (2005).

Para Arroyo (2003, p. 05), a forma como os movimentos operários e sociais utilizam para unir e mobilizar o coletivo em torno de uma luta pela sobrevivência e por melhores condições de vida pode ser considerado como educativa. Segundo ele, “a luta pela vida educa por ser o direito mais radical da condição humana.” Ou seja, é no dia-a-dia que eles se descobrem como sujeitos do processo de mudança social e aprendem sobre seus direitos através da luta, de sua humanização. Nesse contexto, percebemos que “o conflito foi um movimento que provocou mudanças no modo de pensar e agir” (Professor de História, 2.3).

Importante ressaltar que durante anos se instalou um silêncio que Pereira (1995, p. 126) chamou de “silêncio negro” sobre os trabalhadores de Ipatinga. Ninguém se pronunciava, protestava contra a má qualidade de vida e trabalho imposta pela Usiminas. Constata-se, assim, que “após o massacre, segmentos importantes da sociedade tentaram omitir o acontecimento” (Pedagoga, 6.3), com o intuito de retirar da memória o acontecimento de 1963. Essa recordação se estende até o meio educacional no qual, “[...] foi

desenvolvido um trabalho com o fim de ocultar o acontecimento e evitar que as pessoas tivessem acesso à história do massacre” (Pedagoga, 6.4).

Gomes (2002) argumenta que existem várias formas dos trabalhadores expressarem suas resistências a uma determinada dominação, e que, felizmente, nenhuma dominação é absoluta, o que nos faz observar a veracidade da fala de um dos depoentes quando esse relata “que o conflito levou as pessoas a refletirem sobre os acontecimentos” (Ex-metalúrgico, 5.8). A partir dessa reflexão, em 1985, 22 anos após o conflito, foi criado um grupo formado pelos trabalhadores denominado oposição-ferramenta cujos objetivos eram o de denunciar as práticas arbitrárias da empresa bem como o sistema hierarquizado dentro e fora dela.

O grupo passou a ter grande respaldo dos trabalhadores como toda a sociedade de Ipatinga e do Vale do Aço. A partir daí, a cidade começou a expressar-se através de entidades como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), Fundação Casa do Trabalhador, Sociedade Cultural 07 de Outubro, partidos políticos comprometidos de fato com os ideais de mudança, associações de moradores, Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e outros movimentos.

A seguir, irei abordar sobre o movimento social e buscar compreender os processos de transformações e aprendizado que ocorrem no seu interior e o seu papel na sociedade.

5 MOVIMENTOS SOCIAIS E SUA EDUCABILIDADE

Procurei propositadamente que esse tema fosse o último a ser estudado e analisado. A pesquisa realizada com os colaboradores juntamente aos autores, fiéis companheiros de minha jornada de pesquisa e entendimento, permitiram-me que este capítulo fosse construído, com cautela e discernimento, uma vez que, no meu íntimo, sabia que seria principalmente através dele que haveria de encontrar algumas respostas sobre o que me propus a buscar durante esses dois anos e seis meses de estudo. Portanto, nos textos, que se seguem, irei escrever sobre o movimento social, citar o seu crescimento em Ipatinga e buscar compreender a relevância desse movimento na formação e aprendizado das pessoas que nele se inserem.

5.1 Crescimento dos Movimentos Sociais em Ipatinga

Ao tentar situar em que momento os movimentos sociais começaram a se destacar no município de Ipatinga, não poderia deixar de abordar a participação da Igreja Católica que, para Rueda (1992), foi essencial na construção de uma sociedade articulada. Essa afirmação vem ao encontro que o depoente (Ex-metalúrgico, 5.11) expõe quando relata o crescimento dos movimentos sociais: “a pastoral operária junto aos movimentos populares motivou e colaborou com a criação de vários órgãos representativos dos trabalhadores”. Contudo, o apoio da Igreja não se restringiu apenas aos movimentos dos trabalhadores. Através de seu trabalho pastoral, recebeu os migrantes, com o fim de reduzir o impacto causado pela transição da zona rural para a urbana e influenciou com sua capacidade de mobilização social “grupos de jovens católicos, agentes decisivos tanto na organização das associações de moradores dos bairros periféricos, quanto na organização dos sindicatos”, Rueda (1992, p. 21).

Arns (1985) argumenta que a participação da Igreja se deve pelas mudanças que ocorreram na década de 60, em específico no ano de 64, quando o Concílio Vaticano II assumiu um maior compromisso com os “setores marginalizados da população e seus anseios de justiça”. Entretanto, a hierarquia da Igreja derrubou o presidente João Goulart e apoiou a implantação de um regime militar no país que anulou todos os “direitos constitucionais dos

cidadãos” conforme relato de Arns (1985, p. 17). Foi um período em que grande parte da Igreja ainda não se sensibilizava com as injustiças sociais, com os movimentos populares. Prova disso são as próprias literaturas que registram a sua omissão aos problemas sociais e o seu apoio incondicional ao regime militar.

Necessário recordar que essa postura de favorecimento ao regime militar era apenas de um grupo conservador da Igreja que não compreendia o pensamento de João XXIII. Havia uma minoria de bispos, sacerdotes, religiosas e leigos que já estavam engajados na luta por mudanças sociais e atuando com movimentos como Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Operária Católica (JOC) que participavam da luta a favor dos oprimidos. Segundo a revista Caros Amigos (2008), o arcebispo de Olinda e Recife, Hélder Câmara, é um dos poucos religiosos que estiveram a favor de enfrentar os problemas sociais e junto ao povo lutar por melhores condições de vida. Dessa forma, a partir de 1970, quando a repressão se intensificou, a Igreja Católica se voltou a favor do povo e contra o regime.

Segundo o depoente (Ex-metalúrgico, 5.2), “a pastoral operária teve participação significativa na criação de organizações e da pedagogia da educação em Ipatinga apesar do apoio restrito da Igreja Católica”. Para Wanderley (1980), observa-se que a Igreja oferece um espaço de liberdade em que as classes populares juntamente a seus movimentos possam se expressar. Percebe-se, assim, que efetuaram um processo junto à sociedade no sentido de despertar a consciência das pessoas e com o fim de resgatar o respeito e uma sociedade mais justa.

Cabe considerar que as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), como movimento religioso, acabam estabelecendo uma organização popular em que as pessoas inseridas se tornam amigos e procuram se ajudar mutuamente. Nesse sentido, dificilmente deixam de participar de ações comunitárias porque passam a adquirir responsabilidades de “eleição, execução e de direção” conforme relata Wanderley (1980, p. 77). Ainda nesse contexto, as pessoas que adquiriram uma consciência mais crítica acabam transferindo sua participação antes em lutas de interesses locais para reivindicações mais abrangentes em função da política econômica, do trabalho e do movimento operário. Nota-se que a participação efetiva dessas pessoas as transforma em sujeitos principais das mudanças sociais que assumem um compromisso verdadeiro diante da sociedade. De forma categórica, as atividades praticadas acabam exercendo nessas pessoas, de maneira consciente ou não, “uma dimensão educativa no âmbito interno e com desdobramentos externos”.

Sobre esse assunto, Freire (1978) argumenta que as experiências são sempre inovadoras, o que nos permite estar num constante aprender. Reafirma que experiências que

conhecemos ou vivenciamos servem para recriar, inovar, problematizar o vivido lançando novos desafios. Isso nos permite registrar o depoimento (Ex-metalúrgico, 5.21) quando afirma que “a luta e participação nos movimentos sociais foi um aprendizado de valores: profissional, social, cultural e humano”.

Diante do exposto e por consequência de todo o trabalho desenvolvido pelos religiosos, no município de Ipatinga, a ascensão dos movimentos sociais (sindicais, associações de bairros, encontro de casais e jovens, etc.) foi significativa. A depoente (Professora de Letras, 7.14) justifica ao dizer que “devido à mobilização dos trabalhadores do Vale do Aço cresce a organização popular”. Abaixo relaciono alguns desses movimentos:

- Associação Profissional dos Empregados em Indústria Metalúrgica e de Material Elétrico do Município de Coronel Fabriciano (METASITA), fundada em assembléia geral no dia 04 de março de 1951. Em 24 de abril de 1952, através do **registro da carta sindical a Associação passa a ser denominada sindicato.**

O MINISTRO DE ESTADO DO TRABALHO

FAZ SABER a quantos esta CARTA vierem que, atendendo ao que requerem a "ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DOS TRABALHADORES METALURGICOS DE CORONEL FABRICIANO",

com sede em CORONEL FABRICIANO no ESTADO DE MINAS GERAIS

homologar o respectivo estatuto, e reconhecê-la, sob a denominação de SINDICATO DOS TRABALHADORES METALURGICOS DE CORONEL FABRICIANO,

como sindicato representativo da respectiva categoria profissional, "TRABALHADORES METALURGICOS",

na base territorial de CORONEL FABRICIANO, Estado de Minas Gerais,

com sede em CORONEL FABRICIANO no ESTADO DE MINAS GERAIS,

de acordo com as disposições da CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO.

Brasília, 24 de abril de 1952.

SEGUNDA VIA

EXPOSTA

O MINISTRO DE ESTADO DO TRABALHO, atendendo ao que requerem o "SINDICATO DOS TRABALHADORES METALURGICOS DE CORONEL FABRICIANO", no Estado de Minas Gerais, nos autos do processo nº 00.103.777/52, pelo em 24 de abril de 1952.

Em 24 de fevereiro de 1952.

CELATO DE TRACON

EXPOSTA

O MINISTRO DE ESTADO DO TRABALHO, atendendo ao que requerem o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Coronel Fabriciano, no Estado de Minas Gerais, através do processo nº 00.103.777/52, em 24 de fevereiro de 1952, resolveu a Comissão de Enquadramento Sindical, e tendo em vista a Resolução nº 2.764 de 10-12-51, que criou o município de TIMÓTEO - MG, firma a presente exposição para manter a localidade de TIMÓTEO na base territorial do por o do TIMÓTEO, alterando, em consequência, a denominação do requerente, "SINDICATO DOS TRABALHADORES METALURGICOS DE TIMÓTEO", no mesmo Estado, expedido em 24 de abril de 1952.

Em 24 de abril de 1952.

Assinatura: [Assinatura]

AL012.50221/520 24/04/52

**Figura 6 – Registro da carta sindical
Acervo Pessoal - 2008**

- Associação dos Trabalhadores Metalúrgicos de Ipatinga, fundada em 10 de julho de 1964, sendo transformada em Sindicato com a assinatura da Carta Sindical em 01 de maio de 1965 pelo então Ministro do Trabalho e Previdência Social, Arnaldo Lopes Sussekund.

- Movimento Social do Amaro Lanari (MOSAL), fundado em 09 de janeiro de 1982. Apesar de pertencer ao município de Coronel Fabriciano, era um bairro criado especificamente para os trabalhadores da Usiminas.

- Associação dos Professores do Vale do Aço (APVA), fundada em 10 de janeiro de 1971. Em 1983, passa a ser denominada Subsede da União dos Trabalhadores de Ensino de Minas Gerais (UTE-MG).

- Associação dos Bancários de Ipatinga, aprovada em assembléia em 20 de abril de 1983, recebendo a carta sindical e o reconhecimento da entidade como Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Ipatinga em 08 de maio de 1985.

- Registro da Chapa Um Ferramenta em 16 de abril de 1985. Foram registradas seis chapas sendo esta a única chapa de oposição à empresa que propôs construir um sindicato independente da empresa e representativo dos trabalhadores. A Chapa era formada por um grupo de operários, alguns ligados ao Partido dos Trabalhadores, à Pastoral Operária e à Casa do Trabalhador de João Monlevade.

- Primeiro Congresso da Central Única dos Trabalhadores (CUT) no Vale do Aço em 1986. O congresso teve a participação de vários sindicatos, associações profissionais e de representantes de movimentos populares da região.

- Escola Sindical 7 de Outubro, fundada em agosto de 1987. “07 de outubro é uma homenagem aos 33 operários metalúrgicos mortos e mais de 3.000 feridos a bala, no dia 7 de outubro de 1963, na repressão a uma greve dos trabalhadores da Usiminas, em Ipatinga”. Apesar de estar localizada em Belo Horizonte, não poderia deixar de ressaltar a homenagem aos trabalhadores de Ipatinga e sua importância, uma vez que a escola se constitui como um espaço de encontro de “trabalhadores do Brasil e de outros países, desenvolvendo um fecundo processo de intercâmbio com universidades e centros de pesquisa e de assessoria ao movimento sindical” conforme artigo Uma Escola para CUT (2008). Dessa forma, ela busca contribuir na formação dos trabalhadores ao possibilitar o exercício autônomo de pensar e expressar de cada um.

- Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal e nas Empresas Prestadoras de Serviços ao Município de Ipatinga, em 04 de julho de 1989, abrange o município e sua base é o serviço público.

- Centro Esportivo e Cultural 07 de outubro inaugurado em 1991, com o objetivo de tentar recuperar a história do Massacre de Ipatinga e socializar a prática de esporte no município, para atender crianças, adolescentes e grupos da Terceira Idade de baixa renda, oferecendo escolas de aprendizagem em várias modalidades como: basquete, voleibol, handebol, futsal, futebol de campo, capoeira, caratê, judô, xadrez, dama, teatro, tae-kwon-do, dança, ginástica olímpica, trampolim acrobático, Iniciação Desportiva Universal - IDU e atividades para a terceira idade. Atende aproximadamente 3.000 alunos e é mantido pela Prefeitura Municipal de Ipatinga, através de convênio celebrado com o Centro Universitário do Leste de Minas - UNILESTE.

- Federação das Associações de Moradores de Ipatinga, fundada em 31 de março de 1993, tem registrada as associações representativas de cada bairro de Ipatinga. Seu objetivo é unificar as associações de moradores e estabelecer metas de trabalho para um plano de ação que seja comum entre as entidades, grupos sociais, órgãos públicos e privados.

Dada a importância e crescimento desses movimentos, seus integrantes perceberam a necessidade de buscar a assessoria da Fundação Casa do Trabalhador⁴, cujo objetivo, dentre outros, era ajudar na organização e fortalecimento desses movimentos. Para o depoente (Ex-metalúrgico, 5.15), “a assessoria da Fundação Casa do Trabalhador foi fundamental para os trabalhadores”, pois para ele “o processo de formação e aprendizagem se desenvolveu também através de encontros com ativistas e educadores”. Segundo Gomes (2002), quando o educador se insere nos movimentos, tem uma contribuição relevante no processo de reflexão, pois como educador pode se posicionar como um estímulo no processo de organização e contribuir na formação que se insere no meio do movimento ao avaliar as experiências de luta junto ao movimento, analisar e tomar decisões para a sua continuidade.

Nesse contexto, Fazzi (1985) relata que, como uma instituição independente, a Casa do Trabalhador tinha o propósito de apoiar e contribuir para o crescimento dos movimentos, apenas quando requisitada. E acrescenta:

A Fundação Casa do trabalhador é, portanto, uma entidade cultural educativa, um espaço de [...] estudos, discussões, reuniões, debates... onde o trabalhador educa o trabalhador. As aulas são os trabalhadores reunidos, dialogando, um aprendendo com o outro e organizando-se juntos [...] (declaração de jovens trabalhadores que participam da Casa do Trabalhador desde a sua criação.) (FAZZI, 1985, p. 118, minha tradução).

⁴ Na cidade de João Monlevade, Minas Gerais “[...] em dezembro de 1980 cria-se e registra-se Fundação Casa do Trabalhador como uma instituição independente, com estatuto e estrutura próprios e sem compromisso com partidos políticos ou com alguma religião em particular.” (FAZZI, 1985, p. 118, minha tradução).

Importante ressaltar que a Casa do Trabalhador não atuava apenas junto a categorias profissionais. Enquanto escola de educação popular direcionava o seu trabalho reunindo com diversos membros de movimentos comunitários, associações de moradores e jovens e outros movimentos.

Portanto, com a contribuição da Casa do Trabalhador, os sujeitos envolvidos no meio começam a sentir a dimensão da luta e a refletir sobre suas ações. De acordo com o relato do depoente (Professor de História, 2.1), “através dos movimentos sociais é que surge a formação de um pensamento sobre o modo de se relacionar com o outro”. Para Schutz (2008), os movimentos sociais enquanto espaço de questionamento também abrem espaço para um novo jeito de sentir e se relacionar. Segundo o autor, essa mudança está associada às diversas oportunidades de participar de vivências no movimento que podem conduzir a transformações.

Assim, verificamos que nesse processo de ação–reflexão–ação, os movimento sociais se fortaleceram na região do Vale do Aço, e “a participação efetiva da população nos diversos movimentos retrata a formação de Ipatinga” afirma a depoente (Pedagoga, 6.23).

A seguir, farei alguns registros sobre a constituição do movimento social, com a intenção de procurar compreender como se processa a aprendizagem no bojo desses movimentos.

5.2 A Formação, Conscientização e Aprendizado nos Movimentos Sociais

Antes de iniciar o entendimento sobre os movimentos sociais que surgiram no Brasil, quero aqui deixar explícito que, ao tentar resgatar a história dos movimentos, não se pretende exaltar suas ações e sim tentar compreender o seu processo, a sua organização e, principalmente, a contribuição que esses movimentos tiveram na vida das pessoas que nele estiveram inseridas. Isso porque, conforme afirma Gohn (2003), é impossível negar o conhecimento das lutas e movimentos que influenciaram fortemente nas mudanças sociais registradas na história do país e tão pouco conferir a eles um olhar de preconceito como se fossem acontecimentos marginais.

Segundo a autora, a capacidade de organização dos movimentos sociais foi se constituindo ao longo de sua prática, criados a partir do descontentamento individual ou de interesses de classes. Dessa forma, um dos elementos mais importantes para a constituição desses movimentos centralizava-se em torno dos aspectos emocionais, o que justificava a falta de estrutura nas ações desenvolvidas pelo grupo. Essa ausência de projetos claros, a falta de unidade em torno de motivos definidos de forma mais objetiva e os aspectos ligados à politização, favorecia a traição de alguns integrantes e, conseqüente, desmonte do movimento através das forças legais. Ao olhar os movimentos surgidos no século XIX, pode-se constatar, segundo a autora, como esses fatores dificultaram a criação de mecanismos que pudessem conduzir os conflitos existentes de maneira específica. Pelo contrário, de modo inverso, no século XX, as lutas sociais surgem com uma formação mais sólida, apresentam-se como grupos organizados, com clareza de idéias e objetivos definidos.

No período de 1945 a 1964, conhecido como fase populista ou nacional-desenvolvimentista, a participação dos movimentos sociais foi favorecida em função da grande abertura no cenário nacional, contribuindo conforme afirma Oliveira (2007, p. 01), “para uma maior socialização da participação política dos indivíduos” tais como partido de massa, sindicatos, associações profissionais.

De fato, a constituição de movimentos sociais, durante esse período, foi intensa, ou seja, marcada por grandes mobilizações e propostas sociais, valendo-nos destacar alguns movimentos e lutas sociais realizados nessa fase, segundo afirmação de Gohn (2003).

Movimento por reforma de bases na educação organizou-se em torno da luta em defesa da escola pública e gratuita sendo que se destacaram os intelectuais Anísio Teixeira, Florestan Fernandes e outros. Sua maior incidência se deu entre 1947 e 1961.

Movimento de educação de base (MEB), processo de educação desenvolvido no Nordeste, Centro-oeste e Norte do país. Originou-se nas propostas de uma educação voltada para a alfabetização de adultos através do método de Paulo Freire em 1961.

De 1961 a 1964, os *movimentos grevistas*. Considerado o período de maior participação social, conseqüentemente um dos tempos de maior número de greves em todo o país, apesar de toda a repressão instalada pela ditadura militar.

Ação Popular (AP) teve grande participação no movimento estudantil o que contribuiu para a integração de muitos representantes da União Nacional dos Estudantes (UNE). Também influenciou o MEB e a Juventude Universitária Católica (JUC) sendo reprimida em 1964 pela ditadura militar. Sua formação partiu da união entre políticos,

sindicalistas, estudantes secundaristas e universitários e de cristãos progressistas ligados ao catolicismo.

Já no período de 1964 a 1974, vários países da América Latina (México, Chile, Argentina, Colômbia incluindo o Brasil) vivenciaram os anos mais difíceis, afinal eram anos de um regime militar extremamente autoritário e repressor. No Brasil, também foi um período de grandes manifestações e crescimento de diversos movimentos, principalmente estudantil e de operários, que, ao final de 63, já adquiriam certa independência e tinham autonomia para se organizarem “à margem da legislação trabalhista, com a formação dos pactos sindicais de luta, como o Pacto da Unidade de Ação (PUA), no Rio” de acordo com a revista Caros Amigos (2008, p. 75). Esses movimentos atuavam no sentido de resistir o progresso capitalista no país, visível na aliança entre “os militares, o capital estrangeiro, o empresariado nacional urbano [...]” ressalta Gohn (2003, p. 103).

Vale lembrar que, entre as décadas de 60 e 70, de acordo com Gaspari (2004), os movimentos de lutas tiveram uma repercussão nacional de grande intensidade durante o regime militar. Essa afirmação vem ao encontro com a fala da depoente (Professora de Letras, 7.13), quando diz que “a injustiça existente no período da ditadura militar, iniciou no Brasil uma mobilização unificada e a criação de vários movimentos e sindicatos com o objetivo de lutar por melhores condições de trabalho”. Esse fato levou a uma reação dos militares no sentido de desmobilizar e silenciar o trabalho desenvolvido pelos mesmos durante algum tempo.

Nesse período, para Oliveira (2007), os movimentos sociais passam a ter significado mais visível no meio social, o que culminou com a nova denominação “movimento popular”. Destaca que a maior parte dos movimentos é formada com o intuito de desenvolver lutas de ações que promovam avanços em setores como saúde, educação pública, trabalho, moradia, transporte, segurança pública, etc.

A autora finaliza, ao deixar explícito, que a participação no cenário político do país não foi específica dos movimentos de trabalhadores, mas também de outras classes sociais que começaram a se organizar. Assim, essas classes revelaram-se no âmbito nacional ao fim do regime militar, por volta de 1980. Soares do Bem (2006) cita, entre vários temas surgidos, o da luta sobre as questões relacionadas à mulher, às crianças, ao meio ambiente, aos negros, homossexuais, etc. Ou seja, esses movimentos surgiram a partir de novos valores culturais e levantaram a bandeira em prol dos direitos sociais que atendessem à identidade de cada classe.

Ao citar os direitos sociais, não poderíamos deixar de mencionar a grande mobilização nacional em torno do movimento pela Constituinte, o que originou a nova Carta Constituinte (1988) dentre várias conquistas, a garantia de direitos sociais conforme registra o capítulo II dos direitos sociais atual.

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. **(Redação dada pela Emenda Constitucional nº 26, de 2000)**

Gohn (2006, p. 288) constata que, nos anos de 1990, surgem duas novas categorias consideradas centrais para o desenvolvimento dos movimentos sociais: a cidadania coletiva, que passa a apresentar o exercício da cidadania como uma luta coletiva de grupos, e instituições amparados pela constituição de 1988, que exigem a criação de uma forma de aprendizado, uma vez que apenas “reivindicar, pressionar ou demandar” não tem mais a mesma repercussão, ou seja, o momento exige uma nova forma de ser dos movimentos sociais. Para Mejía (1996), antes o cidadão dava muita importância aos direitos e deveres enquanto indivíduos e as conquistas que posteriormente adquiriam eram consideradas como um presente do Estado e não uma vitória do movimento, da sociedade. Dessa forma, a cidadania coletiva chega para romper com esse modo de ver a questão do cidadão e Estado. Segundo o autor, a cidadania coletiva é um projeto no qual a educação está inserida, portanto, sendo considerada um movimento cultural que é parte e contribui para a reflexão e construção de um projeto de cidadania que nasce da prática social, das lutas.

A segunda categoria é a exclusão social provocada pelo processo de globalização, o que gerou grande insegurança e desconforto no mercado de trabalho. Essas mudanças passam, assim, a ver o excluído como um ser inútil e excedente. Segundo Gohn (2006), a continuidade da pobreza e o elevado número de desempregos no país são hoje os questionamentos da cidadania, da luta dos excluídos. O que não significa que os incluídos não estejam se defrontando com problemas diante da globalização, assim, o que podemos perceber é uma série de questões que envolvem, por exemplo, moradia e serviços precários no âmbito coletivo que conforme a autora podem ser considerados problemas de cidadania, e, portanto, motivos que justificam o surgimento de novos movimentos sociais. Segundo a fala da depoente (Pedagoga, 6.20) “a implantação de políticas públicas é fruto de luta dos trabalhadores”, pois através da mobilização coletiva, assistimos às gestões administrativas se empenharem em promover melhorias de qualidade de vida à população.

Hoje, após elegermos um ex-líder sindical para a Presidência da República, observamos o efeito paralisia provocado nos movimentos. Segundo Oliveira (2007), o

carisma de Lula e a transferência do Partido dos Trabalhadores (PT) para o governo anulam qualquer organização, sobretudo os movimentos sociais. Para o depoente (Ex-metalúrgico, 5.22), a reduzida atuação dos movimentos sociais no cenário brasileiro ocorre porque “o massacre ainda existe. Não com violência, mas com leis que coíbem o avanço de determinada luta”.

No entanto, observa-se que, após o primeiro mandato, as forças populares dispersas até então, começam a se reorganizar. Conforme entrevista de Stedile (2007) à revista Caros Amigos, diversos setores descontentes com a política atual iniciam um processo de reagrupar forças que têm afinidade ideológica como sindicatos combativos, a UNE, o movimento das mulheres, Via Campesina, as pastorais sociais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Para o entrevistado, a idéia é promover mobilizações conjuntas com o objetivo de viabilizar propostas voltadas para combater problemas que afetam a maioria da população como emprego, salário, renda, reforma agrária e educação.

De acordo com literaturas científicas produzidas, a educação popular e os movimentos sociais cresceram unidos e ao mesmo tempo independentes, pois tinham como foco uma mesma população vista pela sociedade como carentes e marginalizados (GOHN, 2001). Nesse contexto, a autora aborda que foi, através do desenvolvimento de práticas cotidianas aplicadas nos movimentos sociais e associações populares, a educação popular que se consolidou em experiências educativas. Assim, um processo educativo no interior de movimentos sociais, deixa entrever que a educação nasce nas lutas como um movimento educativo e com propostas de interesse coletivo.

Portanto, buscar compreender como se dá a presença de um processo educativo no interior de movimentos sociais, implica entender, na prática, como o caráter educativo ocorre nesses meios. Gohn (2001) discorre a respeito do tema quando explica sobre a “dimensão da organização política”. Afirma que, através da participação fundamental de vários segmentos da sociedade como assessores técnicos, políticos e religiosos nos movimentos, as pessoas vão adquirindo o conhecimento sobre direitos e deveres de cada um na sociedade. Dessa forma, absorver informações a respeito do funcionamento de órgãos públicos, como se gerencia, arrecada e administra fundos, possibilita conhecer o funcionamento de um grupo e identificar interesses comuns. Esse esclarecimento leva os participantes de um determinado grupo a entenderem por que lutam e se organizam. Já “a dimensão da cultura política” destaca a necessidade de exercitar o cotidiano nos movimentos sociais, pois é nele que ocorre a soma de experiências, ou seja, se dá a troca de experiências entre as pessoas o que proporciona o fortalecimento e a identificação de interesses diversos dentro do próprio grupo.

Aprende-se a não ter medo de tudo aquilo que foi inculcado como proibido e inacessível. Aprende-se a decodificar o porquê das restrições e proibições. Aprende-se a acreditar no poder da fala e das idéias, quando expressas em lugares e ocasiões adequadas. Aprende-se a calar e a se resignar quando a situação é adversa... e aprende-se, sobretudo, a não abrir mão de princípios que balizam determinados interesses como seus. (GOHN, 2001, p. 19)

O processo educativo vivenciado pelos movimentos sociais surge da necessidade que o momento exige. A construção se dá com o coletivo através de encontros, seminários, etc.

Por último, Gohn (2001) registra a “dimensão espacial-temporal” que trata da consciência sobre o espaço e tempo. Afinal, é no espaço público que a história do povo se faz presente com suas festas religiosas, recreações, atividades grupais, que marcam os tempos cíclicos e contínuos da comunidade. Todas essas dimensões que constituem aspectos da educabilidade proporcionada pelos movimentos sociais é potencializada na perspectiva proposta por Paulo Freire. Pois, a educação popular, para Freire, tem uma característica de alfabetização. As pessoas não se formam memorizando mecanicamente o que lêem, o que vêem. A experiência de alfabetizar deve acontecer associando a prática com o pensamento, o que passa a ser o grande desafio da educação popular, fazer com que o sujeito comece a analisar a realidade. Para Freire (2003), sua principal finalidade é fazer com que as pessoas comecem a pensar. Sendo assim, o interesse em querer entender as coisas e os fatos com um olhar sério e curioso, para o autor significa o ato de estudar, afinal, as pessoas têm o direito de entender o que conhecem e o que ainda não conhecem.

Isto posto, torna-se pertinente afirmar que não importa o local onde o estudo é realizado, pois não estamos a questionar o grau de importância do estudo realizado no âmbito escolar ou acadêmico, mas ressaltar o valor do “saber de experiência feito” que é a base de uma educação popular que direciona a criação de um conhecimento mais firme através das massas populares. Até porque, a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9394/96, em seu artigo 1º, estabelece como espaço educativo, vários segmentos da sociedade:

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 2007)

Para Arroyo (2003), os movimentos sociais, operários e sindicais tiveram papel educacional relevante na sociedade. Construíram escolas que formaram líderes e trabalharam a formação política de diversas categorias de trabalhadores. Também houve contribuição para a educação de pessoas que não tinham acesso à escola e não estavam inseridas nas lutas operárias.

Conforme Caldart (2004), para compreender o movimento social e sua dimensão educativa, precisamos nos ater ao processo de formação dos movimentos através de um olhar que apresenta o movimento como um grupo coletivo e que por estar em constante movimento torna-se educativo de maneira a interferir propositadamente no processo de formação das pessoas que a integram. Vemos que o movimento social se propõe atuar enquanto prática educativa quando possibilita a reflexão e o resgate da humanidade daquele sujeito que não via mais perspectiva em sua vida. Nesse contexto, associamos a educação com a formação de sujeitos sociais.

Segundo Freire (1988), a prática só tem um sentido autêntico se o conhecimento apreendido for objeto de uma reflexão crítica. Nesse sentido, os movimentos sociais têm sua autonomia no fazer e dizer coletivo, e, ao tentarmos compreender a dimensão educativa que surge nesse meio, estamos a ressaltar um espaço onde o saber coletivo possa se manifestar. O autor também coloca que movimento social (operários, camponeses, etc.) tem um aprendizado único, o que os permite possuir um jeito próprio de interpretar a realidade. De acordo com Caldart (2004, p. 319), percebemos que os sujeitos educativos estão identificados na dinâmica social em que as pessoas as quais a compõem podem ser consideradas sujeitos de práticas sociais. Relevante então compreender a dimensão educativa da dinâmica e dos seus “processos condicionantes que são contraditórios, multidimensionados e, sobretudo, vivos (em processo, em movimento) porque neles estão as pessoas que atuam como sujeitos”. O processo de humanização é educativo. Sendo assim, refletir sobre a formação nas práticas produtivas contribui para a compreensão “das pedagogias das práticas sociais”.

A autora Caldart (2004), aborda um ponto extremamente essencial, quando argumenta que se o trabalho é considerado educativo e o que estamos a estudar é a formação humana, o movimento social também pode ser visto como sujeito educativo, uma vez que as relações sociais condicionam o seu caráter formador. Observa-se essa afirmação na fala do depoente (Ex-metalúrgico, 5.7) “sinto orgulho da Usiminas. Vendi minha força de trabalho, sem me alienar ou perder minha identidade”. Caldart (2004, p. 328) ainda acrescenta: “o princípio educativo está no movimento mesmo, no transformar-se transformando a terra, as pessoas, a história [...]”. Já no entendimento de Freire (1988), estar em um movimento conduz as pessoas a aprenderem que o mundo é como nós o vemos, apresenta-se através das nossas ações e revela o modo de ser e de se constituir no cotidiano.

Contudo, devemos avançar nos estudos sobre as vivências educativas concretas em que a referência está direcionada no movimento social e, nesse sentido, nos detemos sobre

três categorias fundamentais: a luta social, a organização coletiva e a pedagogia da terra, sobre as quais passamos a discorrer.

A Luta Social: a luta é a base central do movimento, através dela é que surgem as conquistas, que se educam as pessoas inseridas no meio. Lutar significa fazer de cada ato cotidiano uma atitude diferente, inovadora para que as circunstâncias se transformem. A luta vai além, também é responsável pela mudança do jeito de ser de cada um, das modificações referentes à relação de uns com os outros. Enfim, a luta social oferece um novo significado e um novo sentido de cada pequena luta que ocorre no dia-a-dia envolvendo história, política e cultura nesse processo de transformação.

Percebe-se então que, nos grupos de estudo, com a dinâmica de discussões e reflexões sobre a situação política e social, os participantes descobrem o interesse de mudança no país, esse interesse, de acordo com Freire e Horton (2003, p. 200), diz respeito ao surgimento de uma nova “consciência histórica e política da realidade” que condiz com a fala do depoente (Professor de História, 2.6) “a participação da sociedade vai modificar as tomadas de decisões do governo”, ou seja, a mobilização dos movimentos gera grande influência no rumo do país. Portanto, essa nova consciência contribui para o entendimento dos movimentos sobre aspectos relevantes da nossa história.

Aí perguntamos: é educativo? Sim, pois ao homem existe a possibilidade de fazer, transformar o que existe e se construir como sujeito de sua história. Portanto, são as lutas sociais que, através de seus sujeitos, produzem transformações na sociedade e dão um novo significado. Essa afirmação vem confirmar o depoimento (Professor de História, 2.4) quando menciona que “os movimentos sociais vão criar na sociedade um pensamento de que a mesma é capaz de mudar o processo de massificação do homem”.

Constata-se que a luta social se identifica com a formação humana, em uma forma de socializar que problematiza e constrói novos valores através da aprendizagem coletiva. Uma dessas constatações é a convicção de que é possível modificar o que existe, nada é impossível de mudar. No entanto, para que essa mudança ocorra, necessário se faz “analisar a realidade a cada ação e é preciso aprender a ser criativo” afirma Caldart (2004, p. 335), ou seja, as ações devem acontecer com o compromisso de acima de contestar propor novos valores, idéias. O pensar deve estar em unidade, pois é ele que vai diferenciar um movimento organizado de uma bagunça. Outro aprendizado que deve estar ligado à possibilidade de mudança é aprender a projetar, a utopia motiva a ação.

Observa-se que na pedagogia da luta também se produz a contestação social. No coletivo, a luta social se apresenta como favorável na luta por direitos, contra as injustiças

sociais que geram no homem o sentimento de indignação que é condição essencial para contestar socialmente. E para indignar-se, conforme o entendimento de Caldart (2004), é preciso percebê-la como tal. A autora atenta também para a educação que não acontece apenas na integração das pessoas, ela acontece sim, na dinâmica social, e nesta ocorre a contestação social, de valores, injustiças, de práticas. Garcia (1980, p. 114) argumenta que ninguém desenvolve ninguém. As pessoas se desenvolvem a partir do que elas se propõem a fazer, com as suas próprias tomadas de decisões, evoluindo através de sua plena participação na comunidade a qual pertencem. Nessa perspectiva, é que o depoente (Ex-metalúrgico, 5.20), chega a afirmar que “os movimentos sociais foram importantes para o seu crescimento individual e coletivo”.

Organização Coletiva: as pessoas se educam ao construir um movimento coletivo. Assim, a organização coletiva é educativa na medida em que, para desenvolver uma ação, o coletivo se organiza para lutar. O ponto-chave dessa organização está no enraizamento que de acordo com a autora é fundamental para a formação humana, e como tal processo educativo essencial. Por isso, quanto mais agregado ao movimento, mais ele se educa, pois juntos criam uma identidade coletiva construída através de cada sujeito. Para Paiva (1980, p. 102), o fortalecimento das pessoas se dá quando “os grupos se encontram, se reconhecem como iguais e se percebem analisando o mundo que os cerca”.

Nessa organização, visualizamos aspectos que expressam essa identidade: primeiro – disciplina coletiva – agem de acordo com as decisões tomadas, todos em sincronia. Segundo – existe unidade de ação – conflitos e divergências de idéias nas reuniões podem ocorrer, mas não compromete a unidade de ação determinada pelo coletivo. Terceiro – coletividade no movimento social - todos têm seu lugar respeitado, mas sempre se referem ao coletivo e não ao indivíduo. Quarto – admiram a mística – admiram o mistério que se encontra presente em cada ação. Quinto – vêem nas ações uma forma de concretizar objetivos - respeitam e expressam princípios e valores.

Nesse sentido, a construção da identidade com todos os conflitos internos de um movimento (discussões, contradições) são educativos e o movimento da coletividade é a grande propulsora desse ato.

Outra questão que devemos abordar é que o movimento se abre na sua coletividade, na qual a formação humana começa a se delinear no cotidiano, nos encontros, nas “relações interpessoais repetidas” afirma Caldart (2004, p. 347), e vai enriquecendo-se na medida em que os lugares e as pessoas se diversificam. Acrescenta ainda que a multiplicação do coletivo torna a projeção de um futuro mais positivo. Ao contrário, o indivíduo só tende a transformar

o futuro em uma insignificante visão de mundo. Vale destacar também que, em um movimento, a ação coletiva é determinante para o fortalecimento do movimento.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que as relações sociais produzem, reproduzem e contribuem na formação do ser humano.

Pedagogia da Terra: as pessoas se educam na sua relação com a terra, com o trabalho e com a produção. Assim, visualizamos um elo existente entre a terra e o processo educativo que ocorre em um movimento social “que tem nela seu objeto e sentido de luta e de existência”, expõe Caldart (2004, p. 351).

Boff (2000) deixa explícita essa relação do ser humano ao relatar que também somos terra e não somente nos relacionamos com ela. Nesse sentido, percebemos na pedagogia da terra a relação de cuidar do ser humano, com o cuidado da terra, do trabalho, da produção.

Nesse entendimento, o mundo está em construção e o que hoje existe pode ser modificado. Desse trabalho, o aprendizado da paciência: trabalhar diariamente e persistir sem antecipar o momento e o aprendizado da resistência diante dos problemas do cuidar: estar preparado para aprender a recomeçar e não desistir do processo de cultivar.

Finalmente, devemos ao educar, estar atentos ao transformar, buscar relações de produção e vida social que possam significar o compromisso de assumir conscientemente como sujeito do movimento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objeto de pesquisa trabalhar as questões que dizem respeito à educação que se gesta no meio dos movimentos sociais, especificamente o denominado Massacre de Ipatinga, e assim compreender de que modo esse acontecimento contribuiu para a formação e aprendizagem individual e coletiva da população da cidade de Ipatinga.

Para a realização dessa investigação, adotei a pesquisa qualitativa, na modalidade que tem a fenomenologia como suporte. Mediante os estudos desenvolvidos, quero ressaltar, como já mencionado anteriormente, que para alguns colaboradores da pesquisa a história do conflito está enraizada em suas memórias como um acontecimento marcante em suas vidas, enquanto outros preocuparam-se, mais, em desenvolver um paralelo com outros movimentos que nasceram de uma luta coletiva e em busca de um objetivo único.

Mediante o registro da fala dos colaboradores, pontuei algumas respostas que foram essenciais para o entendimento do trabalho. Primeiramente, houve o relato das dificuldades enfrentadas diante do sistema autoritário e repressivo da empresa Usiminas, o medo e a dificuldade de mobilização da classe trabalhadora diante das perseguições, a exploração da mão-de-obra e a insegurança no trabalho. Diante do exposto, após o conflito ocorrido em 07 de outubro de 1963, os colaboradores foram unânimes em afirmar que houve mudanças significativas na cidade de Ipatinga. Para eles, a luta provocou uma transformação na história e valorização dos trabalhadores de Ipatinga, e por essa razão o movimento deve ser considerado como um dos que levou as pessoas a refletirem sobre os acontecimentos, como também levou a despertar nos trabalhadores a luta por direitos humanos.

Vários colaboradores assinalaram também o trabalho de formação e educação que a Igreja desenvolveu junto à população na época, tendo sido fundamental para a evolução dos movimentos sociais. Sendo assim, torna-se explícito que essa interação motivou a criação de movimentos sociais, porém com uma formação mais reflexiva e questionadora. Essa expansão de movimentos sociais, na região do Vale do Aço, foi significativa para o crescimento individual e coletivo. A participação da Pastoral Operária, dos órgãos representativos dos trabalhadores, com a assessoria da Fundação Casa do Trabalhador, como já foi apresentado ao longo do texto, foi fundamental no processo de formação e aprendizagem que se desenvolveu.

Para os participantes da pesquisa, a luta e vivência nos movimentos sociais foi um aprendizado. Vêem-no como um movimento que tem força para gerar na sociedade uma

administração mais participativa e influente nas tomadas de decisões, o que confere modificações na conjuntura política, social e econômica do município. Concluem ao afirmarem sobre a relevância da formação da consciência como prioritária, que esta, ao ser gestada nos movimentos sociais, é muito mais significativa para as pessoas que vivenciaram todo o processo de luta.

A resposta que busquei ao longo do trabalho me fez compreender que o próprio ato de movimentar coletiva e continuamente torna o movimento educativo, interferindo assim no processo de formação das pessoas que o integram. Enquanto prática educativa possibilita a reflexão e o resgate humano do cidadão que se vê sem perspectivas. E, nesse contexto, associamos a educação com a formação de sujeitos sociais.

É, pois, na trajetória de luta dos movimentos sociais que assistimos às vivências educativas e à construção de uma identidade coletiva a ser cuidada. Afinal, a história do movimento social são as ações desenvolvidas nele e através dele constituindo vivências educativas.

Necessários se fazem estudos mais abrangentes para que possamos compreender com mais profundidade o movimento social, um processo que é contínuo, e que como lugar de formação humana, tem na sua essência a luta coletiva. Nesse contexto, acredito que o presente trabalho tenha provocado uma reflexão sobre o aprendizado que acontece do lado de fora da escola. Pois, a dimensão educativa que ocorre no dia-a-dia, na sua luta e organização, contribui para o processo de formação humana das pessoas que se encontram envolvidas interferindo na construção de valores, idéias, identidade do movimento, uma postura desafiadora diante da luta.

Como não poderia deixar de citar, concluo com um entendimento de Freire (1988), educador do povo, que sintetizou muito bem a educação que se gesta no meio dos movimentos sociais ao afirmar que estar em um movimento conduz as pessoas a aprenderem que o mundo é como nós o vemos, apresenta-se através das nossas ações e revela o modo de ser e de se constituir no cotidiano. E que as experiências são sempre inovadoras, o que nos permite estar num constante aprender. Reafirma que experiências que conhecemos ou vivenciamos servem para recriar, inovar, problematizar o vivido e lançar novos desafios. Afinal, somos sujeitos de nossa história e a nossa aprendizagem se dá na dinâmica social.

7. REFERÊNCIAS

ANASTACIO, M.Q.A. **O Método Fenomenológico de Pesquisa: Análise Ideográfica e Análise Nomotética**. In: Anais IV Fórum de Investigação qualitativa/ III Painele Brasileiro/Alemão de Pesquisa, UFJF: Juiz de Fora, MG. 2005.

ANASTÁCIO, Maria Q. A. Pesquisa qualitativa: concepções e perspectivas. In: Sônia Maria Clareto (Org.). **Educação em Foco**. Ed. UFJF. Juiz de Fora, MG, vol. 11, n. 1, 236 p., semestral, mar/ago 2006. ISSN 0104-3293.

ARNS, Paulo Evaristo. **Brasil: Nunca Mais**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. 312 p.

ARROYO, Miguel G. O Direito do Trabalhador à educação. In: Carlos Minayo Gomes... [et al.]. **Trabalho e Conhecimento: dilemas na educação do trabalhador**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2002. 75-92 p.

ARROYO, Miguel G. **PEDAGOGIAS EM MOVIMENTO – o que temos a aprender dos movimentos sociais?** Currículo sem Fronteiras. Rio de Janeiro. V.3, n.1, p. 28-49, Jan/Jun 2003. ISSN 1654-1384.

BEZERRA, Aída; BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **A Questão Política da Educação Popular**. São Paulo: Braziliense, 1980, 196 p.

BEZERRA, Aída; BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **A Questão Política da Educação Popular**. São Paulo: Braziliense, 1980, 88-121 p.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez, 2000. 167 p.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 199 p.

BRAGA, Tânia Moreira. **Política Ambiental, Conflito e Produção Social do Espaço sob o Signo da Mono Indústria: Um Estudo de Caso Sobre Ipatinga (MG)**. <<http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2000/2000/TANIA.pdf>> Acesso em 02 de junho 2008.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)**. Lei nº 9394/96. Art. 01. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em 17 de maio de 2007.

BRASIL. Lei nº 10.536, de 14 de ago. 2002. Amplia o período de abrangência da lei anterior e reabre prazo para novos requerimentos. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sedh/mortosedesap/> Acesso em 28 de maio 2007.

BRASIL. Lei nº 10.875, de 01 de jul. 2004. Amplia os critérios de reconhecimento, contemplando as vítimas de manifestações públicas ou de conflitos armados com agentes do

poder público, e as que tenham falecido em decorrência de suicídio praticado na iminência de serem presas ou em decorrência de seqüelas psicológicas resultantes de atos de tortura. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sedh/mortosedesap/> Acesso em 28 de maio 2007.

BRASIL. Lei nº 9140, de 04 de dez. 1995. Reconhece como mortas, pessoas desaparecidas em razão de participação, ou acusação de participação, em atividades políticas, no período de dois de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/sedh/desaparecidos/legislacao.htm>> Acesso em: 28 de maio 2007.

CALDART, Roseli S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004. 439 p.

Revista Caros Amigos. **A ditadura militar no Brasil – a história em cima dos fatos – Jango ascensão e queda**. São Paulo: Casa Amarela, 2008. Fasc. 03. 93 p.

Constituição Federal 1988. Capítulo II. Art. 6º dos Direitos Sociais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm> Acesso em 06 de maio de 2007.

FAZZI, Regina C. O. **Análisis de La experiencia de trabajo social en la fundación Casa del Trabajador**. Nuevo Caderno Nº 06: **La Sistematización Como Práctica. Cinco experiencias com sectores populares**. CELATS – Centro Latinoamericano de Trabajo Social. Lima, Peru. 1985. 115-158 p.

FORGHIERI, Yolanda C. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo. Pioneira, 1993.

FREI Betto; BOFF, Leonardo; BOGO, Ademar. **Valores de uma Prática Militante**. 4ª ed. São Paulo: Expressão Popular. 2005.

FREIRE, Paulo & HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. Petrópolis: Vozes, 2003. 229 p.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 44ª edição. São Paulo: Cortez. 2003.

FREIRE, Paulo. **Cartas À Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978. 173 p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2003. 150 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988. 184 p.

GARCIA, Pedro B. **Educação Popular: algumas reflexões em torno da questão do saber**. In: In: BEZERRA, Aída; BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **A Questão Política da Educação Popular**. São Paulo, Braziliense, 1980, 88-121 p.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 407 p.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Educação**. 5ª ed. São Paulo: Cortez. 2001.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais**. 5ª ed. São Paulo: Loyola. 2006, 383 p.

GOHN, Maria da Glória. **História dos Movimentos e Lutas Sociais**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2003, 213 p.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, 107 p.

GOMES, Carlos M. Processo de Trabalho e Processo de Conhecimento. In: Carlos Minayo Gomes... [et al.]. **Trabalho e Conhecimento: dilemas na educação do trabalhador**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2002. 43-59 p.

GOMES, Carlos Minayo. O Direito do Trabalhador à educação. In: Carlos Minayo Gomes... [et al.]. **Trabalho e Conhecimento: dilemas na educação do trabalhador**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2002. 75-92 p.

LE VEN, Michel Marie. **Dazinho: um cristão nas minas**. 2ª ed. Belo Horizonte: O Lutador, 2005, 304 p.

MEJÍA, J.; Marco Raúl. **Transformação Social: educação popular no fim do século**. São Paulo. Cortez, 1996. Vol. 50. 88 p.

MINAS GERAIS. **Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais**. Requerimento nº 1.618/2003, da Comissão de Direitos Humanos, que pede à Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Esportes cópia do documento referente à indenização das vítimas do “Massacre de Ipatinga”. Disponível em: <http://www.almg.gov.br/Not/BancoDeNoticias/Not441711.asp>. Acesso em 28 de maio 2007.

MINAS GERAIS. Secretaria Municipal de Esporte, Cultura e Lazer de Ipatinga. Disponível em: <http://perfil.ipatinga.mg.gov.br/default.asp>. Acesso em 24 de março 2007.

MORAES, José Augusto. **Ipatinga – Cidade Jardim. 42 anos**. Ipatinga, MG: Gráfica Nova Impressão, 2006, 539 p.

NORONHA, Olinda Maria. **Ideologia, trabalho e educação**. Campinas, SP: Alínea, Coleção educação em debate, 2004, 110 p.

OLIVEIRA, Elizabeth Serra. **Movimentos Sociais e Educação Popular No Brasil Urbano-Industrial**. Site da Anped. Acessado em 20 de abril de 2007. P. 01-03.

OLIVEIRA, Francisco de. **O Momento Lênin**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n75/a03n75.pdf>. Acesso em 01 de maio de 2007. Pág.29-30.

OLIVEIRA, Inês B.; PAIVA, Jane (Orgs). **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PAIVA, Vanilda P. Estado e educação popular: recolocando o problema. In: BEZERRA, Aída; BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **A Questão Política da Educação Popular**. São Paulo, Braziliense, 1980, 79-87 p.

PEREIRA, Carlindo Marques. **O Massacre de Ipatinga**. 2ª ed. São Paulo: Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, 1985, 157 p.

REZENDE, Antônio M. **Concepção Fenomenológica em Educação**. São Paulo. Cortez, 1990.

RUEDA, Lenira. **Homens em Série: a história de Ipatinga contada por seus próprios personagens**. Vol.1. Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga, 1991, 110 p.

RUEDA, Lenira. **Homens em Série: a história de Ipatinga contada por seus próprios personagens**. Vol.2. Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga, 1992, 188 p.

SCHUTZ, Rosalvo. Potencialidades pedagógicas dos movimentos sociais populares. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/51>>. Acesso em 20 de julho de 2008. 01-15 p.

SOARES DO BEM, Arim. **A Centralidade dos Movimentos Sociais na Articulação entre o Estado e a Sociedade Brasileira nos Séculos XIX e XX**. Educ. Soc., dez de 2006, vol. 27, nº 97, 1137-1157 p. ISSN 0101-7330.

STEDILE, João Pedro. **Os Caminhos da Unidade das Forças Populares**. Caros Amigos. publicidade@carosamigos.com.br. Ano XI, nº 121. P. 40. Abril de 2007.

Uma Escola para CUT. Disponível em: <http://www.escola7.org.br>. Acesso em 08 de agosto de 2008.

WANDERLEY, Luis E. W. Educação Popular e processo de democratização. In: BEZERRA, Aída; BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **A Questão Política da Educação Popular**. São Paulo, Braziliense, 1980, 62-77 p.

8. ANEXOS

8.1 ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética



UNIPAC

Universidade Presidente Antônio Carlos

Parecer Consubstanciado de Projeto de Pesquisa

Título do Projeto: A educação que se gesta no meio dos movimentos sociais: trabalhadores de Ipatinga

Pesquisador Responsável: Maria Queiroga Amoroso Anastácio

Data da Versão: 09-08-2007

Cadastro: 225/07

Data do Parecer: 19-09-2007

Grupo e Área Temática Classificação utilizada pela CONEP

Objetivos do Projeto:**GERAL:**

Analisar, através da pesquisa, as idéias relacionadas aos aspectos educativos dos movimentos sociais focalizando os processos de lutas ocorridos na década de 60.

ESPECÍFICOS:

Estudar a formação dos movimentos sociais e sua organização;

Identificar possíveis contribuições educativas da vivência prática nos movimentos sociais;

Estudar o processo de lutas ocorrido entre trabalhadores e policiais em Ipatinga no ano de 1963, identificando possíveis contribuições educativas.

Sumário do Projeto:

A proposta do projeto é pertinente. Ela busca uma contribuição dos movimentos sociais para as práticas educativas, elaborando uma importante contribuição política para os processos educacionais no Brasil. Ao partir do movimento de trabalhadores, especificamente o havido em Ipatinga em 1963 – cujas informações a história oficial não apresentou – a autora busca a gestação de ideais educacionais que, dado o momento da ditadura militar, foram perdidos. Em épocas de discursos globalizantes, a valorização da resistência do local aparece aqui bastante apropriada.

Itens Metodológicos e Éticos	Situação
Título	A educação que se gesta no meio dos movimentos sociais: trabalhadores de Ipatinga
Autores	Maria Queiroga Amoroso Anastácio
Local de Origem na Instituição	Universidade Presidente Antônio Carlos – Mestrado em Educação e Sociedade
Projeto elaborado por patrocinador	Não se aplica
Aprovação no país de origem	Não se aplica
Local de Realização	Universidade Presidente Antônio Carlos – Mestrado em Educação e Sociedade
Outras instituições envolvidas	Não se aplica
Condições para realização	Adequadas

Comentários sobre os itens de Identificação

Os itens de identificação são pertinentes e apresentam todas as condições para a realização da pesquisa.



UNIPAC
Universidade Presidente Antônio Carlos

Introdução	Adequada
-------------------	-----------------

Comentários sobre a Introdução

A idéia de partir de um memorial é, de fato, surpreendente na construção do presente projeto. Louvo esta postura, pois é justamente o que revela a inserção do pesquisador com relação ao seu objeto. A idéia de associar os movimentos de trabalhadores, a história da repressão no Brasil e os movimentos educacionais que daí surgem, revelam uma maturidade intelectual que muito contribui para a pesquisa e seus resultados.

Objetivos	Adequados
------------------	------------------

Comentários sobre os Objetivos

Os objetivos apresentam-se claros e definidos – resultado de uma vivência e de um interesse em compreender essa mesma vivência em termos racionais

Pacientes e Métodos	Adequados
Delineamento	Adequado
Tamanho de Amostra	Adequada
Cálculo do tamanho da amostra	Não se aplica
Participantes pertencentes a grupos especiais	Não se aplica
Seleção eqüitativa dos indivíduos participantes	Adequada
Crêterios de inclusão e exclusão	Adequados
Relação risco-benefício	Não se aplica
Uso de placebo	Não se aplica
Período de suspensão de uso de drogas (wash out)	Não se aplica
Monitoramento da segurança e dados	Adequado
Avaliação dos dados	Adequado
Privacidade e confidencialidade	Adequadas
Termo de Consentimento	Adequado
Adequação às Normas e Diretrizes	Adequado

Comentários sobre os itens de Pacientes e Métodos

Por ser uma pesquisa de caráter qualitativo, os indivíduos envolvidos representam uma parcela importante, em termos de qualidade, para se alcançar os objetivos propostos. Ressalvo apenas uma questão, que a proponente apresenta em sua metodologia. Veja: "Caso o entrevistado dê mostra (sic) de sinais visíveis de emoção, a entrevista poderá ser interrompida e marca em um outro momento para a sua continuidade". Imagino que a autora saiba que a narrativa do evento provoque emoção nos entrevistados, haja vista que ela mesma viveu o momento da repressão dos trabalhadores em Ipatinga. Entretanto, enfatizo que o encontro entre pesquisador e pesquisado não é um momento terapêutico e sim uma oportunidade de vivências em conjunto. Penso que a pesquisadora só deveria interromper a entrevista caso ela própria se envolvesse emocionalmente na questão, de forma tal que as emoções em voga interferissem negativamente no processo da pesquisa. Ora, por se tratar de um movimento popular, inevitavelmente as emoções aparecerão. A simples interrupção da entrevista poderia sim, salvo melhor conduta, configurar-se como anti-ética. Sugiro que a orientadora responsável pelo projeto apresente melhores alternativas.

Cronograma	Rever
Data do início prevista	Julho de 2007
Data do término prevista	Fevereiro de 2008
Orçamento	Não demonstrado
Fonte de financiamento externa	Não se aplica

Comentários sobre o Cronograma e o Orçamento

O cronograma deve ser revisto e readaptado para o momento da pesquisa.



UNIPAC

Universidade Presidente Antônio Carlos

Referências Bibliográficas

Adequadas

Comentários sobre as Referências Bibliográficas

A bibliografia apresentada é pertinente ao objeto.

Recomendação**APROVADO****Comentários Gerais sobre o Projeto**

Trata-se de um projeto bem construído e claro em suas questões éticas e científicas. Uma pesquisa que se propõe a trazer à memória algo que não se pode perder: a participação da população nos processos políticos nacionais – e, principalmente, a participação nas resistências. Ora, cada vez mais é perceptível (e este projeto contribui para tal percepção) que onde há dominação, há resistência. Buscar perceber que práticas educativas foram gestadas nos processos de resistência popular é, sem dúvida, uma grande contribuição acadêmica para a compreensão da sociedade em seus processos de constituição como tal. O projeto é ético e inovador, claro em suas partes e, ao que parece, eficiente em suas propostas. Recomendo que se faça a pesquisa com todo o empenho que a sociedade brasileira merece e que, posteriormente, seu resultado seja publicado, em nome da liberdade. Este é o meu parecer, salvo melhor juízo.

